

CENTRE SPIRITE LYONNAIS ALLAN KARDEC

Curso de Espiritismo



CENTRE SPIRITE LYONNAIS ALLAN KARDEC

23 RUE JEANNE COLLAY

69500 BRON

04-78-41-19-03

<http://spirite.free.fr>

Divulgação

AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS

www.autoresespiritasclassicos.com

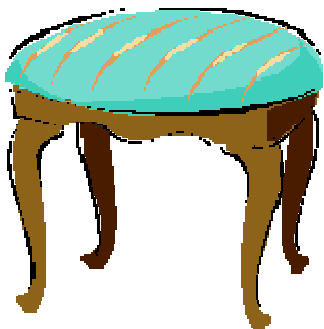
Índice

Parte 1 – O Nascimento do Espiritismo	3
A História das Irmãs Fox	4
As Mesas Girantes	7
A antigüidade das manifestações dos Espíritos.....	8
Conclusão.....	11
Parte 2 – Espiritismo, Ciência ou Religião?.....	13
O Espiritismo é uma ciência?	14
O Espiritismo é uma religião?.....	17
Entre o Espiritismo Cristão e o Espiritismo experimental	19
Conclusão.....	21
Parte 3 – O Propósito do Espiritismo.....	22
O Consolador prometido	23
Utilidade e conseqüências do Espiritismo.....	24
O que é o Espiritismo? O que é ser espírita?	28
Conclusão.....	29
Parte 4 – Espiritismo: Teorias e Fatos	30
Alucinação, sugestão e inconsciente	31
Dificuldades do estudo dos fenômenos espíritas.....	34
Provas de identidade.....	35
Conclusão.....	37
Parte 5 – A Fenomenologia Espírita.....	39
Como os Espíritos podem intervir no nosso mundo?.....	40
As manifestações de efeitos físicos	41
As manifestações de efeitos inteligentes	45
Conclusão.....	48
Parte 6 – Justiça e Responsabilidade.....	49
O livre arbítrio: Fatalidade e Responsabilidade	50
A Justiça e a lei de causalidade	52
Provas e suicídio	54
Parte 7 – A Reencarnação	57
A Reencarnação na história	58
Conseqüências Filosóficas da Reencarnação	60
Provas da Reencarnação.....	63
Conclusão.....	65
Parte 8 – Deus e a Criação.....	66
Deus	67
O Paraíso e o Inferno	68
Anjos e Demônios.....	71
Parte 9 – O Ser e sua Evolução	75
Origem dos Espíritos: A evolução anímica	76
Função e necessidade do sofrimento.....	78
O bem e o mal	81
Parte 10 – O Perispírito	83
O corpo físico, a alma e o perispírito.....	84
Provas da existência do perispírito.....	86
Os fluidos e o magnetismo	90

PARTE 1

O Nascimento do Espiritismo

**A história das irmãs Fox
As mesas girantes
A antigüidade das manifestações dos Espíritos**



“Logo, e os tempos serão chegados, e chegaremos a demonstrar que a alma humana pode viver, desde esta existência terrestre, em comunicação estreita e indissolúvel com as entidades imateriais do mundo dos Espíritos; será aceito e provado que esse mundo age indubitavelmente sobre o nosso e lhe comunica influências profundas das quais o homem de hoje não está consciente mas que reconhecerá mais tarde.”

KANT (1724-1804).

A História das Irmãs Fox

Este é um fenômeno de obsessão que chamou a atenção sobre as manifestações dos Espíritos, na América, no século XIX. Golpes, dos quais ninguém pode adivinhar a causa, se fizeram ouvir pela primeira vez em 1846 na casa de alguém denominado Veckmann, habitante de uma pequena vila chamada Hydesville no estado de New-York. Tudo foi feito para descobrir o autor desses ruídos misteriosos, mas nada se conseguiu. Seis meses mais tarde, em 1847, essa família vendeu a casa que foi então habitada por um membro da igreja episcopal metodista: Sr. John Fox e sua família, composta de sua mulher e de suas filhas, Margaret então com 14 anos e Kate, de 11 anos. A família Fox era composta de seis crianças mas apenas Margaret e Kate Vivian então com seus pais.

Durante três meses eles ficaram tranquilos, depois os golpes recomeçaram num alto grau. Primeiro vieram ruídos mais rápidos, como se algo caísse sobre o soalho de um dos quartos de dormir, e, a cada vez, uma vibração se fazia sentir sobre o soalho, que era percebida mesmo se estando deitado. O solo vibrava tão forte que as camas tremiam e se sentia essa vibração tendo início sobre o soalho. Os golpes se faziam ouvir sem parar, não havendo mais meio de se dormir na casa.

Em 31 de Março de 1848, a senhora Fox e suas filhas, não tendo podido dormir durante a noite precedente, e exaustas de fadiga, se deitaram cedo, no mesmo quarto, esperando assim escapar às manifestações que se produziam ordinariamente no meio da noite. O Sr. Fox estava então ausente. Logo os golpes começaram, e as duas jovens meninas, acordadas com a algazarra, começaram a imitar fazendo batidas com seus dedos. Para seu grande espanto os golpes responderam a cada batida, então a mais jovem das meninas, Kate, querendo verificar o fato surpreendente; deu uma batida, ouviram um golpe, dois, três, etc., e sempre o ser ou agente invisível devolvia o mesmo número de golpes. Sua irmã disse brincando: “Agora faça como eu, conte um, dois, três, quatro, etc.,” batendo com suas mãos, de cada vez, o número indicado. Os golpes se seguiram com a mesma precisão, mas esse sinal de inteligência alarmou a mais jovem, e ela logo cessou a experiência.

A Sra. Fox disse então: “Conte até dez.” O agente bateu dez vezes. A mãe colocou uma série de perguntas e as respostas, dadas por cifra, mostraram um grande conhecimento de seus próprios assuntos que ela mesma não recordava; porque os golpes insistiam sobre o fato de que ela tinha sete crianças enquanto que ela protestava não ter posto no mundo senão seis, até que um sétimo, morto precocemente, lhe viesse à memória. A esta questão: “Você que bate é um homem?” nenhuma resposta vinha; mas àquela “Você é um Espírito?” era respondida por golpes rápidos e nítidos. Chamou-se uma vizinha, madame Redfield; seu divertimento mudou em admiração e depois em terror à medida que ouvia, ela mesmo, as respostas corretas à questões íntimas.

A Madame Fox disse então ao seu interlocutor invisível: “Se nós fizermos vir os vizinhos, os golpes continuarão a responder?” Um golpe se fez ouvir em sinal de afirmação. Os vizinhos chamados não demoraram a vir, contando descobrir o batedor invisível por todos os meios de busca possíveis; mas a exatidão de uma multidão de detalhes dados assim por golpes, em resposta às questões endereçadas ao ser invisível, sobre os assuntos particulares de cada um, convenceram os mais incrédulos. Os rumores dessas coisas se propagaram ao longe, e logo chegaram de todos os lados padres, juízes, médicos e uma multidão de cidadãos.

Os vizinhos acorreram em multidões enquanto que se expandiam os rumores a propósito dessa maravilha; as duas crianças foram levadas por um deles enquanto a Sra. Fox ia passar as noites em casa da Sra. Redfield. Em sua ausência, o fenômeno se produzia exatamente como

antes, o que, de uma vez por todas, reduziu ao silêncio todas as teorias de quebra dos artelhos e de joelhos deslocados que as pessoas perfeitamente ignorantes dos fatos reais freqüentemente colocaram. Todos os meios de pesquisa foram praticados para descobrir o batedor invisível, mas a averiguação da família, e de toda a vizinhança, foi inútil. Não se pode descobrir a causa natural dessas manifestações singulares.

As experiências se seguiram, numerosas e precisas. Na manhã seguinte, a casa estava cheia a crepitar, mais de trezentas pessoas estavam presentes nesse momento. Os curiosos, atraídos por esses fenômenos novos, não se contentavam mais em perguntas e respostas. Um deles, chamado Isaac Post, teve a idéia de recitar em alta voz as letras do alfabeto, rogando ao Espírito a gentileza de bater um golpe sobre aquelas que compusessem as palavras que ele queria fazer compreender. Nesse dia, a telegrafia espiritual havia sido descoberta: esse procedimento é aquele que veremos aplicar às mesas girantes.

Tal foi a primeira conversação que teve lugar nos tempos modernos e que se haja constatado, entre os seres de outro mundo e deste aqui. De certa maneira, a Sra. Fox conseguiu saber que o Espírito que lhe respondia, era aquele de um homem que tinha sido assassinado na casa que habitava, vários anos antes, que se chamava Charles B. Rosma, que era mascate e tinha trinta e um anos, enquanto a pessoa com a qual morava o molestou para pegar seu dinheiro e o enterrou na adega. Ossada humana foi efetivamente encontrada mais tarde.

Eis em sua simplicidade, o início do fenômeno que viria revolucionar o mundo inteiro. Negado pelos sábios oficiais, ridicularizado pela imprensa dos dois mundos, colocado no 'index' pelas religiões receosas e ciumentas, suspeito na justiça, explorado pelos charlatões sem vergonha, o Espiritismo deveria entretanto fazer seu caminho e conquistar aderentes, cujas cifras se elevam a milhões, porque possui a força mais possante de todas: a verdade.

O espírito engaja as jovens a divulgar suas manifestações, com o que convencerá os incrédulos de sua existência. A família Fox se fixa em Rochester e, seguindo os conselhos de seu amigo do espaço, as jovens missionárias não hesitam em desafiar o fanatismo protestante propondo se submeterem ao mais rigoroso controle.

Acusados de impostura e submetidos pelos ministros de sua confissão a renunciar a essas práticas, o Sr. e a Sra. Fox, fizeram da propagação do conhecimento desses fenômenos, que eles consideravam como uma grande e consoladora verdade, útil para todos, um dever supremo, e recusando a se submeter, foram cassados pela sua Igreja. Os adeptos que se reunissem em torno deles sofreriam a mesma reprovação.

Os conservadores fanáticos conduziram a população contra a família Fox. Os apóstolos da nova fé ofereceram, então, fazer a prova pública da realidade das manifestações diante da população reunida no Corynthia-Hall, o maior salão da vila. Começou-se por uma conferência onde foram expostos os progressos do fenômeno após os primeiros dias. Essa comunicação, acolhida por vaias, terminou contudo com a nomeação de uma comissão encarregada de examinar os fatos. Contra a expectativa geral, e contra sua convicção própria, a comissão foi forçada declarar que após o exame mais minucioso, não teria podido descobrir nenhum traço de fraude. Eles davam crédito de que esses golpes chegavam sobre os muros e as portas, de qualquer distância das mocinhas, ocasionando vibrações sensíveis. Malograram descobrir qualquer meio pelo qual se teria podido obtê-los.

Nomeou-se imediatamente uma segunda comissão que recorreu a procedimentos de investigação ainda mais rigorosos; fez-se revistar e mesmo despir as médiuns, por senhoras, bem entendido, sempre ouvindo os 'rappings' (golpes batidos na mesa), os móveis em movimento, as respostas a todas as questões, mesmo mentais; nada de ventriloquismo, de subterfúgios, de possíveis dúvidas. O segundo relatório foi ainda mais favorável que o primeiro, sobre a perfeita boa fé dos espíritos e a realidade do incrível fenômeno. É impossível – disse a Sra.

Hardinge – descrever a indignação que se manifestou a essa segunda decepção. O relatório final declara que “os ruídos estão entendidos e que seu exame completo tinha mostrado de maneira decisiva que eles não eram produzidos nem por um mecanismo nem por ventriloquismo, ainda que, sobre a natureza do agente que os produziram, fossem incapazes de se pronunciar.”

Uma terceira comissão foi imediatamente escolhida entre os mais incrédulos e os mais ridicularizadores. O resultado dessas investigações, ainda mais ultrajantes que as duas outras para as pobres jovens meninas, provocaram ainda, mais do que nunca, a confusão de seus detratores. O comitê testemunhou em seguida que suas questões, algumas colocadas mentalmente, tinham recebido respostas corretas.

A multidão, exasperada, convencida da traição dos comissários e de sua conivência com as impostoras, tinha declarado que, se o relatório fosse favorável, linchariam as médiuns e seus advogados. As jovens meninas, malgrado seu terror, escoltadas por sua família e alguns amigos, se apresentaram na reunião e tomaram lugar sobre o estrado do grande salão, totalmente decididas a perecer, se preciso fosse, mártires de uma impopular mas indiscutível verdade.

A leitura do relatório foi feita por um membro da comissão que tinha jurado que descobriria o truque, mas que confessou que a causa dos golpes, malgrado as mais minuciosas pesquisas, lhe era desconhecida. No mesmo instante teve lugar um tumulto horrendo: a população queria linchar as jovens meninas, e elas o teriam sido sem a intervenção de um quaker, de nome Georges Villets, que as protegeu com seu corpo e reconduziu a multidão a sentimentos mais humanos.

Vê-se, pela narração, que o Espiritismo foi estudado severamente desde seu início. Não foram apenas os vizinhos, mais ou menos ignorantes, que constataram um fato inexplicável, mas comissões, regularmente nomeadas, que, após esquetes minuciosas, foram obrigadas a reconhecer a autenticidade absoluta do fenômeno. As tentativas para desmascarar as fraudes nos fenômenos tiveram lugar regularmente. Deve-se notar que este evento, que está no nascimento do Espiritismo, está sujeito a numerosas deformações e desinformações da parte dos oponentes do Espiritismo. Assim o jesuíta Lucien Roure, na sua obra “O Espiritismo maravilhoso” defende que ninguém tinha colocado a questão de saber se o fenômeno seria devido a fraudes e deixa mesmo insinuar que poderiam ter sido produzidos pelo joelho, pelos artelhos ou pela cavilha! Outros irão até dizer que a mais jovem das meninas era ventríloqua! Essas afirmativas gratuitas, sem fundamentos, não podem explicar os efeitos dos fenômenos constatados, e sua autenticidade confirmada por comissões hostis e fanáticas.

É BOM ANOTAR:

- Os golpes de batidas tinham começado antes da chegada das irmãs Fox.
- Nenhuma sugestão poderia explicar esse fenômeno uma vez que o Espiritismo não tinha ainda nascido.
- Nenhuma manifestação inconsciente poderia também explicar este fenômeno: encontrou-se as ossadas do Espírito que se comunicou conforme suas indicações.
- Os fenômenos foram desde o início submetidos à mais severa crítica e disso saíram autenticados.

PARA SABER MAIS:

- » **História do Espiritismo** de Arthur Conan Doyle. (cap. IV, *o episódio de Hydesville*)
- » **O Fenômeno Espírita** de Gabriel Delanne. (1ª parte, cap. II)

- » **Le Spiritisme devant la Science** de Gabriel Delanne. (3^{ère} partie, chap. I, *historique*)
- » **No Invisível** - Léon Denis. (2^a parte, cap. XVI)
- » **Le Spiritisme** du Dr Paul Gibier. (1^{ère} partie, chap. III)
- » **A Revista Espírita 1998** - n° 36, p.39 e 37, p.22 (*A história das irmãs Fox*)

As Mesas Girantes

A história das irmãs Fox se divulgou rapidamente, e de todas as partes tiveram lugar manifestações do que se chamava então de telegrafia espiritual. Cansou-se logo desse procedimento tão incômodo, e os próprios batedores indicaram um novo modo de comunicação. Era necessário simplesmente se reunir ao redor de uma mesa, colocar as mãos em cima, e em se erguendo, enquanto se recitava o alfabeto, a mesa bateria um golpe a cada uma das letras que o Espírito queria dar. Esse procedimento, se bem que muito lento, produzia excelentes resultados, e se tinha, assim, as mesas girantes e falantes.

É preciso dizer que a mesa não se limitava a se elevar sobre um pé para responder às questões que se lhe colocavam; ela se agitava em todos os sentidos, girava sob os dedos dos experimentadores, algumas vezes se elevava no ar, sem que se pudesse ver a força que a mantinha assim suspensa. De outras vezes as respostas eram dadas por meio de pequenos golpes, que se ouviam no interior da madeira. Esses fatos estranhos chamaram a atenção geral e logo a moda das mesas girantes invadiu a América inteira.

A mesa ensinou um novo procedimento mais rápido. Sob suas indicações, se adaptou a uma prancheta triangular três pés munidos de rodinhas, e a um deles, se prendeu um lápis, colocou-se o aparelho sobre uma folha de papel, e o médium colocava as mãos sobre o centro dessa pequena mesa. Via-se então o lápis traçar letras, depois frases, e logo essa prancheta escrevia com rapidez e dava mensagens. Mais tarde ainda, se percebeu que a prancheta era de fato inútil, e que seria suficiente ao médium colocar sua mão com um lápis sobre o papel, e o Espírito a fazia agir automaticamente.

Ao lado das pessoas frívolas, que passavam seu tempo interrogando os Espíritos sobre seus problemas amorosos, ou sobre um objeto perdido, espíritos sérios, sábios, pensadores, atraídos pelo ruído que se fazia em torno desses fenômenos, resolveram estudá-los cientificamente, para colocar seus concidadãos em guarda contra aquilo que chamavam de uma folia contagiosa. Em 1856, o juiz Edmonds, jurisconsulto eminente que gozava de uma autoridade incontestável no Mundo Novo, publicou uma obra sobre as pesquisas que havia empreendido com a idéia de demonstrar a falsidade dos fenômenos espíritas; o resultado final foi diametralmente oposto e o juiz Edmonds reconheceu a realidade dessas surpreendentes manifestações. O professor Mapes que ensinava Química na Academia Nacional dos Estados Unidos, se entregou a uma investigação rigorosa que terminou, como a precedente, em uma constatação arrazoada, segundo a qual os fenômenos eram devidos à intervenção dos Espíritos. Mas o que produziu maior efeito, foi à conversão às novas idéias do célebre Robert Hare, professor da Universidade da Pensilvânia, que experimentou cientificamente o movimento das mesas e consignou suas pesquisas, em 1856, em um volume intitulado: *Investigações experimentais da manifestação Espírita*.

Desde então, a batalha entre os incrédulos e os crentes se engajou a fundo. Escreventes, sábios, oradores, homens da igreja, se lançaram na refrega, e para dar uma idéia do desenvolvimento tomado pela polêmica, é suficiente recordar que já em 1854, uma petição assinada

por 15000 nomes de cidadãos, tinha sido apresentada ao Congresso sediado em Washington rogando nomear uma comissão encarregada de estudar o “moderno espiritualismo” (este o nome dado na América ao Espiritismo). Essa demanda foi repelida pela assembleia, mas o impulso tinha sido dado e viu-se surgir sociedades que fundaram jornais onde se continua a guerra contra os incrédulos. Em 1852, teve lugar em Cleveland o 1º Congresso “Espírita” (a palavra ainda não tinha sido inventada). Os Espíritas americanos enviaram à comitiva do Congresso médiuns da velha Europa. Tinham feito girar as mesas na França desde 1853. Em todas as classes da sociedade não se falava senão dessa novidade; Não se abordava quase nada sem a pergunta sacramental: “Bem! Você faz girar as mesas?” Depois, como tudo que é da moda, após um momento de graça, as mesas cessaram de ocupar a atenção, que se transferiu para outros assuntos. Essa mania de fazer girar as mesas teve todavia um resultado importante, que foi o de fazer as pessoas refletirem muito sobre a possibilidade das relações entre mortos e vivos.

Em 1854, se contava então mais de 3.000.000 de adeptos na América e uma dezena de milhares de médiuns. Os adeptos se tornaram igualmente numerosos na França, mas faltava uma explicação verdadeira, teórica e prática, do estranho fenômeno. É nesse momento que Allan Kardec que se interessava havia trinta anos pelos fenômenos ditos do magnetismo animal, do hipnotismo e do sonambulismo, e que não via nos novos fenômenos senão um ‘conto para dormir em pé’ assistiu a várias sessões espíritas, a fim de estudar de perto o fundamento dessas aparições. Longe de ser um entusiasta dessas manifestações, e absorvido por suas outras ocupações, estava a ponto de os abandonar quando lhe remeteram cinquenta cadernos de comunicações diversas recebidas durante cinco anos e lhe pediram que as sintetizasse: assim nasceu o **Livro dos Espíritos**. André Moreil escreveu que, estudando pelo **método positivista** e codificando o Espiritismo, “Allan Kardec o salvou do perigo de ser uma simples fantasia, um divertimento de salão.”

É BOM ANOTAR:

- As mesas eram movidas por uma força inteligente.
- Essa inteligência se designava a si mesma sob o nome de “Espírito”.
- A moda das “Mesas Dançantes” teve por efeito fazer numerosas pessoas refletirem e desenvolver consideravelmente a nova idéia.
- O próprio Allan Kardec era, no início, muito cético face aos fenômenos Espíritas.

PARA SABER MAIS:

- » **O Livro dos Espíritos** de Allan Kardec. (introdução, III à V)
- » **Allan Kardec, sa vie, son œuvre** d’André Moreil. (chap. II)
- » **História do Espiritismo** de Arthur Conan Doyle. (cap. VI, *primeiros progressos...*)

A antigüidade das manifestações dos Espíritos

A mediunidade sempre existiu, porque o homem sempre teve um Espírito. Assim as comunicações com os Espíritos tiveram lugar em todas as épocas e em regiões diversas. Se os fenômenos de obsessão vividos pela família Fox no século XIX deram nascença ao estudo do

Espiritismo e à sua codificação, os fatos mediúnicos são tão antigos quanto a aparição do homem e os fenômenos de obsessão têm sido observados desde sempre.

Na Índia, encontra-se nos *Vedas*, que é o mais antigo código religioso que se conhece e que foi escrito vários milhares de anos antes de Jesus Cristo, a crença na existência dos Espíritos. O grande legislador Manou se exprime assim: “Os Espíritos dos ancestrais, no estado invisível, acompanham certos Brahmas; sob uma forma aérea, eles os seguem e tomam lugar ao seu lado quando se sentam.” (Manou, Slocas, 187, 188, 189).

Um outro autor hindu declara: “Algum tempo antes de se despojarem de seu envelope mortal, as almas que não praticaram senão o bem adquirem a faculdade de conversar com as almas dos que os precederam.”

Na China, desde tempos imemoriais, já se entregavam à evocação dos espíritos dos ancestrais.

No Egito, os magos dos faraós realizavam prodígios que são contados na Bíblia; deixando de lado tudo aquilo que pode haver de legendário nessas narrações, é certo que evocavam os mortos. Desde Moisés, seu discípulo, foi proibido formalmente aos Hebreus se entregarem à essas práticas: “Que, entre vós, ninguém use do sortilégio e de encantamentos ou interroge os mortos para aprender a verdade.” (Deuteronômio).

Entre os hebreus, malgrado essa proibição de Moisés, vemos Saul consultar a pitonisa de Endor e, por seu intermediário, comunicar-se com a sombra de Samuel. De mais, sempre houve pesquisadores que foram tentados por essas evocações misteriosas: eles comunicavam uns aos outros uma doutrina secreta, que denominavam Cabala.

Na Grécia, a crença nas evocações era geral. Os templos possuíam todos, mulheres, denominadas pitonisas, encarregadas de receber os oráculos evocando os deuses. Homero, na Odisséia, descreveu minuciosamente as cerimônias pelas quais Ulisses podia conversar com a sombra do adivinho Tirésias. Apolônio de Tianá, sábio filósofo pitagórico e taumaturgo de grande poder, possuía conhecimento muito extenso sobre as ciências ocultas; sua vida é repleta de fatos extraordinários; ele acreditava firmemente nos Espíritos e em suas possíveis comunicações com os vivos.

Entre os Romanos, as práticas de evocação estavam excessivamente disseminadas, e, depois da fundação do império, o povo depositava grande fé nos oráculos. As sibilas romanas, evocando os mortos, interrogavam os Espíritos e eram consultadas sem cessar pelos generais, e nenhum empreendimento mais ou menos importante era decidido sem que se tivesse de tomar o conselho preliminar dessas sacerdotisas.

Se acreditarmos em Tertuliano, o Espiritismo se exercia entre os antigos tanto quanto nos dias de hoje: “Se é dado, disse ele, aos magos fazer aparecer fantasmas, evocar as almas dos mortos, forçar crianças a transmitir os oráculos, se fazem um grande número de milagres, se enviam sonhos, se têm às suas ordens *Espíritos mensageiros* e demônios, razão pela qual as cabras e as mesas que profetizam são um fato vulgar, esses espíritos poderosos deveriam se esforçar em fazer para eles próprios o que fazem para o serviço de outros.”

Além dessas afirmações de Tertuliano, se pode citar ainda uma passagem de Ammien Marcellin, no caso Patricius e Hilarius, trazidos diante de um tribunal romano por crime de magia, que se defenderam contando “que eles tinham fabricado, com pedaços de loureiro, uma pequena mesa sobre a qual tinham colocado uma base circular, feita de vários metais, e contendo um alfabeto gravado sobre as bordas. Então, um homem vestido de linho, após haver recitado uma fórmula e feito uma evocação ao Deus da adivinhação, tinha suspenso por baixo da base um anel de fio de linho muito fino consagrado por meios misteriosos. Que o anel, saltando sucessivamente, mas sem confusão, sobre várias das letras gravadas e parando

sobre cada uma, formava versos perfeitamente regulares, que eram as respostas exatas às questões colocadas.” Hilarius acrescenta: “Um dia, eles tinham perguntado que sucederia ao imperador atual, e, o anel, saltando, deu a sílaba *Théo*. Não perguntaram mais, persuadidos que este seria *Teodoro*.” Mas os fatos, diz Ammien Marcellin, desmentiram mais tarde os magos, mas não a predição: seria *Teodósio*.

Na Gália, os Druidas se comunicavam com o mundo invisível, milhares de testemunhas o atestam. Evocavam-se os mortos nos recintos de pedra. As Druidesas transmitiam os oráculos. Vários autores relatam que Vercingétorix se entretinha com as almas dos heróis mortos pela pátria. Antes de sublevar a Gália contra César, ele se deteve na Ilha de Sena, antiga morada das Druidesas. Lá, um gênio lhe apareceu e lhe predisse sua derrota e seu martírio.

Entre os primeiros cristãos, nos Atos dos Apóstolos, encontram-se numerosas indicações quanto às comunicações com os espíritos dos mortos. São Paulo em sua primeira epístola aos Coríntios, descreve sob o nome de dons espirituais, todos os gêneros de mediunidade. Ele se declara diretamente instruído, pela Igreja de Jesus, na Verdade evangélica. Tributou-se, por vezes, essas inspirações aos maus Espíritos, à quem alguns chamavam de o Espírito de Píton: “Meus bons amigos, dizia João, não creiam em todos os espíritos, mas verifiquem se os espíritos são de Deus.”

As práticas espíritas ficaram em uso durante vários séculos. Quase todos os filósofos alexandrinos, Filo, Amônio Saccas, Plotino, Porfírio, Arnobe, se diziam inspirados por gênios superiores; São Gregório, taumaturgo, recebeu os símbolos da fé do Espírito de São João. Santo Agostinho, o grande bispo de Hippone, em seu tratado *De Curâ pro mortuis*, fala das manifestações ocultas e acrescenta: “Por que não atribuir essas operações aos espíritos dos defuntos e não crer que a divina Providência fez um bom uso de tudo para instruir os homens, os consolar, os maravilhar?”

Na Idade Média, as perseguições da Igreja contra os “heréticos” sufocaram a comunicação com o mundo invisível mas a tradição se conserva: pode-se segui-la na história com os nomes de Paracelso, Cornélio Agripina, Swedenborg, Jacob Boehm, Martinez Pascalis, o conde de Saint-Germain, Saint-Martin, os possessos de Loudun, os medrosos de Cévennes e os crisíacos do cemitério Saint-Médard.

Nenhum testemunho da intervenção dos Espíritos na vida dos povos é comparável à história tocante da virgem de Domrémy. No início do século XIV, a França agonizava sob o pé de ferro dos Ingleses. Com a ajuda de uma jovem moça, de uma criança de dezoito anos, as potências invisíveis reanimaram um povo desmoralizado, revelando seu patriotismo extinto, inflamando a resistência e salvando a França da morte. Joana nunca agia sem consultar suas vozes, e, seja sobre os campos de batalha, seja ante seus juízes, sempre elas inspiraram suas palavras e seus atos.

De mais, se reencontra a comunicação com os Espíritos através dos feiticeiros ou dos xamãs entre os numerosos povos da *América*, da *Ásia*, da *Oceania* e da *África*.

“Não obstante, o Espiritismo não é uma descoberta moderna. Os fatos e os princípios, sob os quais ele repousa, se perdem na noite dos tempos, pois seus traços se acham nas crenças dos povos, em todas as religiões, na maior parte dos escritores sacros e profanos. Apenas que, incompletamente observados, os fatos foram freqüentemente interpretados conforme as idéias supersticiosas da ignorância e sem que dos mesmos tivessem sido deduzidas todas as conseqüências.

O que há de moderno é a explicação lógica dos fatos, o conhecimento mais completo da natureza dos Espíritos, de sua missão e de seu modo de agir; a revelação do nosso estado futuro e, enfim, a constituição dele num corpo científico e doutrinário e suas múltiplas aplicações. Os antigos conheciam o princípio; os modernos conhecem as minúcias. Na Antigüidade o estudo desses fenômenos era privilégio de certas classes, que só o revelavam aos iniciados nesses mistérios; na Idade Média os que com ele se ocupavam ostensivamente eram tidos como feiticeiros e queimados vivos; hoje, porém, já não há mais mistérios para ninguém, ninguém é queimado, tudo se faz à luz meridiana e todo o mundo está disposto a instruir-se e praticar. Porque em toda parte se encontram médiuns e cada um pode sê-lo mais ou menos.

A doutrina hoje ensinada pelos Espíritos nada tem de novo; seus fragmentos são encontrados na maior parte dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia, e se completam nos ensinamentos de Jesus Cristo. A que vem, pois, o Espiritismo? Vem confirmar com novos testemunhos e demonstrar com os fatos, verdades desconhecidas ou mal compreendidas e restabelecer em seu verdadeiro sentido aquelas que foram mal interpretadas ou deliberadamente alteradas.

O que é certo é que nada de novo ensina o Espiritismo. Mas será pouco provar de modo patente e irrecusável a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade após a morte, sua imortalidade, e as penas e recompensas futuras?”

Allan Kardec

– O que é o Espiritismo – Introdução

É BOM ANOTAR:

- As manifestações dos Espíritos sempre existiram, em países e épocas diferentes.
- As manifestações dos Espíritos estão na base das religiões.

PARA SABER MAIS:

- » **Depois da Morte** de Léon Denis. (1ª parte, *a Doutrina secreta*)
- » **O Fenômeno Espírita** de Gabriel Delanne. (1ª parte, cap. I)
- » **Le Spiritisme** du Dr Paul Gibier. (1^{ère} partie, chap. IV)
- » **Le Spiritisme qu'en savons-nous?** de l'U.S.F.F. (2^{ème} édition, page 59)
- » **Histoire du spiritualisme expérimental** de César de Vesme.

Conclusão

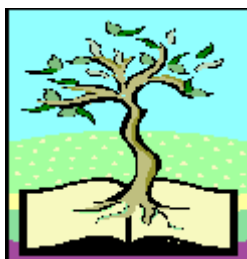
Ainda que as manifestações espíritas hajam sempre existido e estejam na origem de numerosos fenômenos inexplicados na história, foi preciso esperar o século XIX para que o Espiritismo fosse codificado por Allan Kardec, que aplicou aos fenômenos Espíritas o método experimental. O Espiritismo não foi fundado sob o pensamento preconcebido da existência

dos Espíritos, Allan Kardec partiu de um ponto de vista materialista, e, sob esse ponto de vista, estando disposto a tudo explicar logicamente, a observação o conduziu à causa espiritual: o Espírito.

PARTE 2

Espiritismo, Ciência ou Religião?

**O Espiritismo é uma Ciência?
O Espiritismo é uma Religião?
Entre Espiritismo cristão e Espiritismo experimental**



“O Espiritismo será científico ou não será.”

Allan Kardec

O Espiritismo é uma ciência?

Os fenômenos da " Dança das Mesas ", que haviam decolado da história das irmãs Fox, tinham se tornado uma verdadeira moda. Em consequência, foram muitas vezes acolhidos com uma grande incredulidade, mas não obstante, fizeram atrair a atenção dos homens de ciência, que se puseram a observar e a estudar seriamente o fenômeno.

Entre eles figurava Hippolyte Rivail, que mais tarde adotou o pseudônimo de Allan Kardec. Começou sua carreira como professor de letras e de ciências. Excelente pedagogo, publicou diversos livros didáticos e contribuiu para a reforma do ensino francês.

Foi em 1854 que ouviu falar pela primeira vez das mesas girantes e das manifestações inteligentes. Cético no início, adotou entretanto uma atitude correta aceitando assistir às experiências, só depois empreendendo o estudo sério do fenômeno. Sem jamais elaborar teorias preconcebidas ou prematuras, aplicou o método experimental que consiste em observar os fatos, a seguir deduzir uma teoria, então confrontá-la com a experiência, e rejeitá-la se fosse incapaz de explicar os novos fatos.

Analisando não somente o aspecto externo dos fenômenos, mas também o teor mais coerente das melhores comunicações recebidas, aplicou o princípio da causalidade: os efeitos inteligentes devem ter uma causa inteligente. Essa causa é, ela mesma, definida como sendo o espírito, ou o princípio inteligente dos seres humanos sobrevivendo à morte, que não é senão a destruição dos corpos físicos. Mas o Espiritismo não tem concluído pela existência de Espíritos a não ser quando essa existência é ressaltada com evidência da observação dos fatos e também dos outros princípios.

Allan Kardec rapidamente descartou a infalibilidade dos espíritos, que não sabem mais que quando estavam encarnados entre os humanos. Não é porque alguém morreu que se torna sábio. Todavia, constatou que alguns dentre eles possuem um nível intelectual e moral bem acima da média terrestre, que se exprimem sem alegoria, e dão às coisas um sentido claro e preciso que não possam estar sujeitas a nenhuma falsa interpretação. De mais, seus ensinamentos lógicos aclaram, confirmam e sancionam por provas os textos das escrituras sagradas e as noções filosóficas por vezes muito antigas. Os fenômenos sendo naturais e universais, remontam à noite dos tempos.

Por um trabalho de observação e de análise metódica, multiplicando as fontes (50.000 mensagens) e os médiuns, comparando as mensagens e passando-as sob o crivo da razão e do bom-senso, Allan Kardec organizou e selecionou os ensinamentos dos espíritos, e os publicou em 18 de Abril de 1857 em "O Livro dos Espíritos". Esse livro contém os princípios da doutrina espírita sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e seus relacionamentos com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade, segundo os ensinamentos dados pelos **Espíritos Superiores**.

Allan Kardec escreveu: "Por sua natureza, a revelação espírita tem um duplo caráter: ela atinge ao mesmo tempo a revelação divina e a revelação científica. Guarda relação com a primeira, porque seu advento é providencial, e não o resultado da iniciativa e do desígnio do homem; que os pontos fundamentais da doutrina são de fato o ensinamento dado pelos Espíritos, encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre as coisas que eles ignoravam e que não podiam aprender por eles mesmos, mas que lhes importa de conhecer, hoje que estão mortos e podem compreendê-los. Guarda relação com a segunda, porque esse ensinamento não é privilégio de nenhum indivíduo, mas é dado a todo o mundo pela mesma via; que aqueles que o transmitem e aqueles que os recebem de maneira nenhuma são seres passivos, dispensados do trabalho de observação e de pesquisa; que não precisam de forma alguma abne-

gar de seu julgamento e de seu livre arbítrio; que o controle não lhes é interdito, mas, ao contrário, recomendado; enfim, que a doutrina de forma alguma impõe a crença cega; que é deduzida pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos colocam sob seus olhos, e das instruções que lhes deram, instruções que ele estuda, comenta, compara, e donde tira ele mesmo as conseqüências e as aplicações. Em uma palavra, o que caracteriza a revelação espírita, é que a fonte é divina, a iniciativa pertence aos Espíritos, e a elaboração é feita pelo trabalho do homem."

Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, o que quer dizer que aplica o método experimental. Fatos de uma nova ordem se apresentaram que não puderam ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa, e, dos efeitos remonta às causas, chega à lei que os rege; depois deduz suas conseqüências e busca aplicações úteis. Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida; assim, não colocou como hipótese, nem a existência e intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem nenhum dos princípios da doutrina; conclui pela existência de Espíritos quando essa existência é ressaltada com evidência da observação dos fatos; e também dos outros princípios. Não são os fatos que vieram posteriormente confirmar a teoria, mas a teoria que veio subsequenteiramente explicar e resumir os fatos. É então rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências não fizeram progresso sério senão depois que seu estudo passou a se basear no método experimental; mas até hoje se acredita que esse método não se aplicava senão à matéria, enquanto que é igualmente aplicado às coisas metafísicas.

Citemos um exemplo. Acontece, no mundo dos Espíritos, um fato singular, e que seguramente ninguém teria suspeitado, aquele dos Espíritos que não se crêem mortos. Bem! Os Espíritos superiores, que o conhecem perfeitamente, não vieram de forma alguma dizer por antecipação: "Há Espíritos que crêem ainda viver a vida terrestre; que conservaram seus gostos, seus hábitos e seus instintos"; mas provocaram a manifestação de Espíritos dessa categoria para nos fazer observá-los. Tendo então visto os Espíritos incertos de seu estado, onde afirmam que eles ainda são desse mundo, e crendo perambular em suas ocupações ordinárias, do exemplo se conclui a regra. A multiplicidade de fatos análogos tem provado que isso está longe de ser uma exceção, mas que é uma das fases da vida espiritual; ela permite estudar todas as variedades e as causas dessa singular ilusão; de reconhecer que essa situação é, sobretudo, própria dos Espíritos pouco avançados moralmente, e que é particular de certos gêneros de morte; que não é senão temporária, mas que pode durar dias, meses e anos. É assim que a teoria nasce da observação. Acontece o mesmo com todos os princípios da doutrina.

O Espiritismo não coloca então princípios absolutos senão os que são demonstrados pela evidência, ou que ressaltam logicamente da observação. Marchando com o progresso, não será jamais ultrapassado, porque, se novas descobertas demonstrarem que está errado em um ponto, ele se modificará nesse ponto; se nova verdade se revela, ele a aceita.

Da mesma forma que a Ciência propriamente dita tem por propósito o estudo das leis do princípio material, o propósito especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual; ou, como esse último princípio é uma das forças da natureza, que reage incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, resulta que o conhecimento de um não pode ser completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a ciência se completam um ao outro: a ciência sem o Espiritismo se encontra impotente para explicar certos fenômenos somente pelas leis da matéria; o Espiritismo sem a ciência ficaria sem apoio e controle. O estudo das leis da matéria devia preceder aquele da espiritualidade, porque é a matéria que

toca primeiro que tudo os sentidos. O Espiritismo vindo antes das descobertas científicas teria sido uma obra abortada, como tudo aquilo que vem antes de seu tempo.

Gabriel Delanne acrescenta: "Muito bem, nós espíritas, viemos dizer aos positivistas isto: Nós nos tornamos vossos discípulos, adotamos vosso método, e não aceitamos por verdadeiras senão as verdades demonstradas pela análise e pelo senso de observação. Longe de nos conduzir aos resultados aos quais tendes chegado, seus instrumentos de pesquisa nos têm feito descobrir um novo modo de vida e nos trazem a certeza sobre os pontos mais discutidos."

As grandes vozes de Crookes¹ e de Wallace², proclamam que do exame positivo dos fenômenos espíritas ressalta claramente que a alma é imortal e que, não somente não morre, mas ainda que pode se manifestar, aos humanos, por meio de leis, embora pouco conhecidas, que regem a matéria ponderável. Todo efeito tem uma causa, e todo efeito inteligente supõe uma causa inteligente; tais são os princípios primeiros, os axiomas inabaláveis sobre os quais repousam nossas demonstrações.

Os materialistas podiam, há pouco tempo atrás, repelir os argumentos das filosofias dizendo que eles não possuíam o verdadeiro método que conduzisse à verdade; mas, com os procedimentos espíritas, nada de semelhante se deve temer. Não viemos dizer: É preciso fé para compreender nossa revelação. Não interditamos a pesquisa livre, dizemos ao contrário: Venham, instrua-se, façam experiências, procurem se dar conta de todos os fenômenos, sejam observadores meticulosos, não aceitem uma experiência senão se tiver podido repeti-la muitas vezes e dentro de circunstâncias variadas, em uma palavra, avance prudentemente na pesquisa do desconhecido, porque marchando à descoberta de novos princípios, os erros são fáceis de cometer. Uma vez que tenham estudado suficientemente, o fenômeno vos instruirá ele mesmo sobre sua natureza e seu poder. Nós nos servimos das armas de nossos inimigos para os vencer; é ao nome de seus métodos que proclamamos a imortalidade da alma após a morte.

Todas as teorias que querem fazer do homem um autômato, todos os sábios que têm feito da ciência uma proteção para proclamar a materialidade do ser humano, vêm ser dado o mais formidável desmentido pelo testemunho dos fatos. Não, não é verdadeiro que em nós tudo seja matéria; não, não é justo pensar que após a morte do corpo, os elementos que o compunham estão reduzidos a pó; não restará nada daquilo que foi um ser pensante; a experiência nos demonstra que assim que a borboleta sai da crisálida a alma deixa sua vestimenta grosseira de carne para se lançar, radiosa, no espaço, sua pátria eterna. Nada morre aqui em baixo porque nada se perde. O átomo de matéria que escapa de uma combinação permanece no laboratório da natureza, e a alma que se torna livre, pela dissolução das ligações corporais retorna para lá, de onde tinha vindo. A fria noite do túmulo não é mais terrificante para nós, porque temos a prova certa de que os mausoléus não encerram senão as cinzas inertes, e que o ser, amante e pensante não desapareceu. "

¹ William Crookes, Físico e Químico Inglês, descobriu o talium (1861) e mostrou que os raios catódicos são partículas eletrizadas (1878). Membro da Sociedade Dialética de Londres, estudou os fenômenos espíritas com o médium Daniel Dunglas Home e a médium Florence Cook. Suas pesquisas o levaram a concluir pela autenticidade do fenômeno. Ele afirmara, à Académie de Londres: "Não disse que isso é possível, disse que isso existe."; ver *Recherches sur les phénomènes du Spiritualisme*.

² Alfred Russel Wallace, naturalista Inglês, propôs sua própria teoria da evolução por seleção natural ao mesmo tempo que Darwin. Membro da Sociedade Dialética de Londres, estudou os fenômenos espíritas durante vários anos e concluiu a favor da autenticidade do fenômeno em *Les miracles et le Spiritisme*.

VALE A PENA ANOTAR:

- O Espiritismo não nasceu de uma teoria preconcebida, mas pela aplicação do método experimental aos fenômenos espíritas.

PARA SABER MAIS:

- » **O fenômeno espírita** de Gabriel Delanne. (4ª parte, cap. I)
- » **Le Spiritisme est-il une science?** de Charles Kempf. (fascicule)
- » **A Gênese** de Allan Kardec (Chap I, caráter da revelação espírita, § 13 à 15, 55)
- » **No Invisível** de Léon Denis. (1ª parte, cap.I, a ciência espírita)
- » **Revista Espírita 1902**, p.340 (Da prova científica em matéria de espiritismo)
- » **Allan Kardec, sa vie, son œuvre** d'André Moreil (chap. IV)
- » **Revista Espírita 1922** - p.90 de Louis Gastin
- » **Rapport de la Société Dialectique de Londres.**

O Espiritismo é uma religião?

Quando os Espíritos vieram revelar aos homens as novas leis da natureza que fizeram do Espiritismo uma doutrina, eles disseram: "Eis os princípios; cabe a vocês elaborá-los e deduzir as aplicações." O que fizemos diversas vezes pelas questões científicas, o fazemos agora pela questão religiosa.

O Espiritismo, com efeito, não é por si mesmo, senão uma doutrina filosófica baseada sobre fatos exatos e leis naturais ainda desconhecidas; mas por sua essência, essa doutrina, modificando profundamente as idéias, toca em todas as questões sociais, e por conseqüência nas questões religiosas, como em outras. Não é disso que todas as filosofias se ocupam já que comentam as bases de todas as religiões, isto é, Deus, a origem e a natureza da alma? A filosofia materialista não se ocupa disso também do ponto de vista da negação? É mesmo impossível que uma filosofia não aborde essas questões em um sentido ou outro. O Espiritismo podia então disso se ocupar, de seu lado, com a ajuda dos elementos novos a que precede; mas isso não é o que constitui uma religião, de outra forma todas as filosofias seriam religiões.

É preciso distinguir a idéia religiosa da religião propriamente dita. A idéia religiosa é geral, sem origem em detalhes firmes, sem qualquer regulamentação. A religião tem um caráter particular de precisão que consiste não somente em uma comunidade de crenças bem determinadas, mas na forma exterior de adoração, no cumprimento de certos deveres, e na ligação que une seus adeptos. É isso que não tem jamais tido o Espiritismo, e é por isso que não tem sido uma religião. Se é espírita porque se simpatiza com a idéia que ele encerra, como se é cartesiano, platônico, espiritualista ou materialista, mas não por uma profissão de fé ou por uma consagração qualquer.

O Espiritismo não possui dogmas, nem cultos, nem ritos, nem cerimônias, nem hierarquias; não pede, nem admite, nenhuma fé cega; quer ver claro em tudo; quer que tudo seja compreendido, que se tenha conta de tudo.

"O Espiritismo – escreve Allan Kardec³ –, coloca em princípio que antes de crer, é preciso compreender; ou, que para compreender, é preciso usar de seu julgamento... em lugar de dizer: creia primeiro que tudo e você compreenderá se puder, ele diz: compreenda primeiramente, e creia em seguida se quiser."

O verdadeiro propósito das assembléias religiosas deve ser a comunicação de pensamentos; é que em efeito a palavra religião quer dizer ligação; uma religião, em sua acepção maior e verídica, é uma laço que religa os homens em uma comunidade de sentimentos, de princípios e de crenças.

O laço estabelecido por uma religião, qualquer que seja o objetivo, é um laço essencialmente moral, que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não é somente feito de engajamentos que se quebram à vontade, ou de fórmulas acabadas que falam aos olhos mais que ao espírito. O efeito desse laço moral é estabelecer entre aqueles que uniu, como consequência da comunidade de visões e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também dissemos: a religião da amizade, a religião da família.

Se for assim, dirá você, o Espiritismo então é uma religião? Muito bem, sim ! Sem dúvida. Senhores, no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião e nós disso nos glorificamos, porque é a doutrina que fundamenta os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos sobre uma convenção simples mas sobre bases mais sólidas, as leis mesmas da matéria.

Porque então havíamos declarado que o Espiritismo não é uma religião? Pela razão que só há uma palavra para expressar idéias diferentes e que na opinião geral, a palavra religião é inseparável daquela de culto, que revela exclusivamente uma idéia de forma e que o Espiritismo não é isso. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria senão uma nova edição, uma variante, veria os princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, cerimônias e privilégios; não o separaria das idéias, do misticismo e dos abusos contra os quais a opinião se tem erigido muitas vezes. "

Louis Serré e Roland Tavernier escreveram: " Não escolhamos entre as palavras: religião, espiritualismo; nós somos espiritualistas e daí religiosos. Nós admitimos que todas as religiões têm um ponto comum: a espiritualidade; mas recusamos energicamente os dogmas que cristalizam a pesquisa e se opõem muitas vezes à razão, assim como os rituais que tendem a dar um poder usurpado àqueles que os praticam - levando infalivelmente à intolerância e ao racismo, fontes de tanta crueldade. "

É BOM ANOTAR:

- O Espiritismo é uma filosofia, deduzida da manifestação dos Espíritos, que tem consequências religiosas.
- Como as religiões, o Espiritismo está baseado na sobrevivência do Espírito.
- O Espiritismo, que não tem nem dogmas, nem cultos, nem hierarquias, não é uma religião no sentido comum.
- O Espiritismo, que religa os homens em uma comunidade de sentimentos e de princípios, é uma religião no sentido etimológico que quer dizer: " laço ".

PARA SABER MAIS:

- » **O Espiritismo é uma religião?** discurso de Allan Kardec. (no livro A Obsessão ou em fascículo)

³ Revista Espírita 1867, p.40.

- » **Spiritualisme vers la lumière** de Louis Serré. (Livre second, page 205)
- » **Allan Kardec, sa vie, son œuvre** d'André Moreil (chap. V)
- » **Le Spiritisme, qu'en savons-nous?** de l'U.S.F.F. (2^{ème} édition, page 31)
- » **História do Espiritismo** de Arthur Conan Doyle. (cap. XXIV, Aspectos religiosos...)
- » **Revista Espírita 1908** - p.590 - Allan Kardec (Estudo das religiões)
- » **Revista Espírita 1908** - p.739 de P. Verdard-Lessard (A religião e o Espiritismo)

Entre o Espiritismo Cristão e o Espiritismo experimental

Existem duas tendências do Espiritismo: o Espiritismo experimental e o Espiritismo cristão. O primeiro, mais orientado sobre o fenômeno espírita, procura reunir as provas da sobrevivência do ser. O segundo, se apoiando sobre o primeiro, procura difundir mais o lado filosófico e moral dos ensinamentos dos Espíritos.

Observemos, escreveu Léon Denis, que há uma tendência, de parte de certos grupamentos, de dar ao Espiritismo um caráter sobretudo experimental, de se ater exclusivamente ao estudo dos fenômenos, de negligenciar aquilo que tem um caráter filosófico; tendência de rejeitar tudo que pode recordar, um pouco que seja, as doutrinas do passado, para se acantonar sobre o terreno científico. Nesse meio, se visa descartar a crença e a afirmação de Deus como supérfluas, pelo menos como sendo de uma demonstração impossível. Pensa-se assim atrair os homens de ciência, os positivistas, os livres pensadores, todos aqueles que experimentam uma certa aversão pelo sentimento religioso, por tudo aquilo que tem uma aparência mística ou doutrinal.

De outro lado, se quer fazer do Espiritismo um ensinamento filosófico e moral, baseado sobre os fatos, um ensinamento suscetível de substituir as velhas doutrinas, os sistemas antiquados e de dar satisfação às numerosas almas que procuram antes de tudo consolações para suas dores, uma filosofia simples, popular, que as repousem das tristezas da vida.

De um lado como do outro, há multidões a satisfazer; muito mais mesmo de um lado que do outro, porque a multidão daqueles que lutam e sofrem ultrapassa em grande número aquela dos homens de estudo.

Para sustentar essas duas teses, vemos de uma e de outra parte homens sinceros e convictos, às qualidades dos quais nos praza render homenagem. Porque precisaríamos optar? Em que sentido convém orientar o Espiritismo para assegurar sua evolução? O resultado de nossas pesquisas e de nossas observações nos leva a reconhecer que a grandeza do Espiritismo, a influência que exerce sobre as massas provém sobretudo de sua doutrina; os fatos não são senão os fundamentos sobre os quais o edifício se apóia. Correto! As fundações são essenciais em todo edifício, mas não é nas fundações, quer dizer nas construções subterrâneas, que o pensamento e a consciência podem encontrar um abrigo.

Aos nossos olhos, a missão real do Espiritismo não é somente de esclarecer as inteligências por um conhecimento mais preciso e mais completo das leis físicas do mundo; ela consiste sobretudo em desenvolver a vida moral entre os homens, a vida moral que o materialismo e o sensualismo têm minorado bastante. Erguer os caracteres e fortificar as consciências, tal é tarefa capital do Espiritismo. Sob esse ponto de vista, pode ser um remédio eficaz aos males

que estão sitiando a sociedade contemporânea, um remédio a esse crescimento inaudito do egoísmo e das paixões que nos empurram aos abismos.

Creemos dever exprimir aqui nossa inteira convicção: Não é fazendo do Espiritismo somente uma ciência positiva, experimental; não é eliminando aquilo que há de elevado nele, aquilo que arrasta os pensamentos de sob horizontes estreitos, isto é a idéia de Deus, o uso da prece, que se facilitará sua tarefa; pelo contrário, isso só o tornaria estéril, sem ação sobre o progresso das massas.

Há outra coisa ainda. Mesmo em nos acantonando sobre o terreno do estudo experimental, há uma consideração capital onde devemos nos inspirar. É a natureza das relações que existem entre os homens e o mundo dos Espíritos; é o estudo das condições a preencher para tirar dessas relações os melhores efeitos.

Desde que se aborde esses fenômenos, somos surpreendidos pela composição do mundo invisível que nos rodeia, pelo caráter dessa multidão de espíritos que nos envolvem e procuram sem cessar se imiscuir em relações com os homens. Em torno de nosso planeta atrasado flutua uma vida possante, invisível, onde dominam os espíritos levianos e zombadores, aos quais se misturam espíritos perversos e malfeitores. Há também os apaixonados, os viciados, os criminosos. Eles deixam a terra com a alma cheia de ódio, o pensamento alterado pela vingança; esperam na sombra o momento propício para satisfazer seus rancores, seu furor, às custas de experimentadores imprudentes e imprevidentes que, sem precaução, sem reserva, abrem, bem abertas, as vias que fazem a comunicação de nosso mundo com aquele dos Espíritos.

Felizmente, ao lado do mal está o remédio. Para nos livrar das influências maléficas, existe um recurso supremo. Possuímos um meio possante para afastar os espíritos do abismo e fazer do Espiritismo um elemento de regeneração, um apoio, um reconforto. Esse recurso, esse preservativo, é a prece, é o pensamento dirigido a Deus! O pensamento em Deus é como uma luz que dissipa as sombras e afasta os espíritos das trevas; é uma arma que afasta os espíritos malfeitores e nos preserva de suas emboscadas. A prece, enquanto ardente, improvisada, e não uma recitação monótona. Tem um poder dinâmico e magnético considerável; atrai os espíritos elevados e nos assegura sua proteção. Graças a esses, podemos então comunicar com aqueles que amamos na terra, aqueles que foram carne de nossa carne, sangue de nosso sangue e que, do seio dos espaços, estendem seus braços para nós.

Para entrar em relação com as potências superiores, com os espíritos esclarecidos, são precisos a vontade e a fé, o desinteresse absoluto e a elevação de pensamentos. Fora dessas condições, o experimentador seria um juguete dos espíritos levianos. "O que se assemelha se reúne", diz o provérbio. Com efeito, a lei da afinidade rege o mundo das almas como o dos corpos.

Há então necessidade, do ponto de vista teórico como do ponto de vista prático, necessidade do ponto de vista do progresso do Espiritismo, de desenvolver o senso moral, de se ligar às crenças fortes, aos princípios superiores, necessidade de não abusar das evocações, de não entrar em comunicação com os Espíritos senão dentro das condições de recolhimento e de paz moral.

O Espiritismo foi dado ao homem como um meio de se esclarecer, de se melhorar, de adquirir as qualidades indispensáveis à sua evolução. Se destruísse nas almas, ou somente se negligenciasse, a idéia de Deus e as aspirações elevadas, o Espiritismo poderia se tornar uma coisa perigosa. É por isso que não hesitamos em dizer que se entregar às práticas espíritas sem depurar seus pensamentos, sem os fortificar pela fé e pela prece, seria fazer uma abertura funesta, onde a responsabilidade poderia recair pesadamente sobre os outros.

É BOM ANOTAR:

- O lado mais elevado do Espiritismo é sua força moral; por ela, é inatacável.
- O propósito essencial do Espiritismo é a melhoria dos homens; em se acantonando no domínio dos fatos, é estéril.

PARA SABER MAIS:

- » **La Grande Enigme** de Léon Denis. (1^{ère} partie, chap. VII)
- » **La Table, le Livre et les Esprits** de François Laplantine (4^{ème} partie, chap. II)
- » **Allan Kardec, sa vie, son oeuvre** d'André Moreil (chap. VI et VII)
- » **Le Spiritisme Christique** de Gaston Luce (en fascicule ou dans le livre Spiritisme et rénovation)

Conclusão

O Espiritismo nascido da observação dos fatos e da aplicação do método experimental tem tido conseqüências religiosas em demonstrando a sobrevivência do Espírito e estudando sua situação na vida futura. Que fatos é preciso considerar para o porvir do Espiritismo? Responderemos com Louis Serré e Roland Tavernier que "tudo estando ligado à doutrina espiritualista do Espiritismo, somos muito tentados à parte experimental que constitui uma demonstração, e aos fatos sobre os quais se apóia a doutrina. Seguimos totalmente Allan Kardec porque afirma que o Espiritismo será científico e se ele não acrescenta que será espiritualista, é que ele o é em sua essência e isso vem por si; "O Evangelho segundo o Espiritismo" e "O Livro dos Espíritos" aí estão para o atestar.

PARTE 3

O Propósito do Espiritismo

**O consolador prometido
Utilidade e conseqüências do Espiritismo
Que é o Espiritismo?
Que é ser “Espírita”?**



“O propósito essencial do Espiritismo
é a melhoria dos homens.”

Allan Kardec

O Consolador prometido

"Se me amais, guardai os meus mandamentos; e eu rogarei a meu Pai e ele vos enviará um outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: - O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. - Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito." (São João, cap. XIV, vv. 15, 16, 17, 26.)

Jesus promete um outro consolador: é o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, porque ainda não o pode compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas, e para recordar o que Cristo havia dito. Se portanto o Espírito de Verdade devia vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não havia dito tudo; se viria recordar o que Cristo havia dito, é que o tínhamos esquecido ou mal compreendido.

Se o Cristo não disse tudo que teria podido dizer, é que acreditava dever deixar certas verdades na sombra até que os homens estivessem prontos para compreender. Conforme sua declaração, seus ensinamentos estavam incompletos, já que anunciava a vinda daquele que os deveria completar; previa então que se enganariam sobre suas palavras, que se desviariam de seus ensinamentos; em uma palavra, que desfariam aquilo que tinha feito, já que todas as coisas deveriam ser restabelecidas; ora só se restabelece aquilo que foi desfeito.

Porque chama o novo Messias de Consolador? Esse nome significativo e sem ambigüidade é toda uma revelação. Ele previa então que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica a insuficiência daquelas que eles encontrariam na crença que iriam seguir. Nunca talvez Cristo haja sido mais claro e mais explícito que nessas últimas palavras, às quais poucas pessoas prestaram atenção, talvez porque se evitasse trazê-las à luz e aprofundar seu sentido profético.

Se o Cristo não pode desenvolver seu ensinamento de uma maneira completa, é que faltava aos homens conhecimentos que não poderiam adquirir senão com o tempo, e sem os quais não o poderiam compreender; coisas que poderiam parecer um não-senso no estado de conhecimento de então. Completar seu ensinamento devia então ser entendido no sentido de explicar e desenvolver, bem mais do que de acrescentar verdades novas, porque tudo se encontrava em germe; somente faltava a chave para apreender o sentido de suas palavras.

O Espiritismo vem no tempo certo cumprir a promessa do Cristo: o Espírito de Verdade preside ao seu estabelecimento lembrando aos homens a observância da lei; ensinando todas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo havia dito por parábolas. Cristo disse: "Ouçam aqueles que têm ouvidos para ouvir"; o Espiritismo, vem abrir os olhos e ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias; levanta o véu deixado intencionalmente sobre certos mistérios; vem enfim trazer uma suprema consolação aos deserdados da terra e a todos aqueles que sofrem, dando uma causa justa e um propósito útil a todas as dores.

Cristo disse: "Bem-aventurados os aflitos, porque eles serão consolados"; mas como nos considerarmos felizes por sofrer, se não soubermos porque sofreremos? O Espiritismo mostra a causa nas existências anteriores e na destinação da terra onde o homem expia seu passado; mostra o propósito dos sofrimentos como crises salutares que conduzem à cura, e como uma depuração que assegura a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que há mérito em sofrer, e considera o sofrimento justo; sabe que esse sofrimento ajudará em seu adiantamento, e o aceita sem murmurar, como o trabalhador aceita o trabalho que deve lhe render seu salário. O Espiritismo lhe dá uma fé inabalável no porvir, e a dúvida pungente não mais toma conta de sua alma; fazendo-o ver as coisas do alto, a importância das vicissitudes

terrestres se perde na vastidão e no esplêndido horizonte que a abraça, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até o fim do caminho.

Assim o Espiritismo realiza aquilo que Jesus disse do Espírito de Verdade, o Consolador prometido: conhecimento das coisas que fazem que o homem saiba de onde vem, para onde vai, e porque está sobre a terra; recordação dos verdadeiros princípios da lei de Deus, e consolação pela fé e pela esperança.

É BOM ANOTAR:

- Pelas provas que dá de que os entes amados estão sempre vivos e pertos de nós, que tudo é justo e que não existe dores sem compensação, o Espiritismo traz a consolação aos homens. Responde assim às palavras de Jesus anunciando a vinda do Espírito de Verdade, o Consolador. "

PARA SABER MAIS:

- » **O Evangelho segundo o Espiritismo** Allan Kardec. (cap. VI)
- » **A Gênese** Allan Kardec (Cap I, Caráter da revelação espírita, § 26 à 28)

Utilidade e conseqüências do Espiritismo

Qual pode ser a utilidade das comunicações com os Espíritos? Deus, nada fazendo de inútil, isto também deve ter sua utilidade. Ora essa utilidade ressalta não somente do ensinamento dos Espíritos, mas ainda e sobretudo das conseqüências de tal ensinamento, como veremos em seguida.

Tem-se censurado as comunicações espíritas de não apresentarem nada de novo senão aquilo que tem sido ensinado pelos filósofos desde Confúcio. O provérbio: "Não há nada de novo sob o sol" é perfeitamente verdadeiro. Mas do fato de um homem ter formulado uma idéia, se seguirá que todos os que a formularem depois dele sejam inúteis? Sócrates e Platão não enunciaram princípios idênticos aos de Jesus? Deve-se disso concluir que a Doutrina de Jesus tenha sido supérflua? Se assim fosse, bem poucos trabalhos teriam uma utilidade real, uma vez que, na maior parte, se pode dizer que um outro há tido o mesmo pensamento e que lhe bastaria possuir recursos. Confúcio, por exemplo, proclama uma verdade, depois um, dois, três, cem outros homens vêm após ele e a desenvolvem, a completam, e a apresentam sob uma outra forma, se bem que essa verdade, que poderia ter permanecido nos arquivos da história e como privilégio de alguns eruditos, se popularizou, se infiltrou nas massas e acabou por se tornar uma crença vulgar. Que teria advindo das idéias dos filósofos antigos, se eles não tivessem sido revividos pelos escritores modernos? Quantos os conheceriam nos dias de hoje?

Suponhamos então que os Espíritos não tivessem ensinado nada de novo, que não tivessem revelado a menor verdade nova, que não tivessem feito, em uma palavra, senão repetir todas aquelas que tinham sido professadas pelos apóstolos do progresso, não seriam então nada, esses princípios ensinados hoje pelas vozes do mundo invisível em todas as partes do mundo, no interior de todas as famílias, desde o palácio às cabanas? As massas não estariam mais compenetradas e impressionadas desses ensinamentos vindo de seus parentes ou amigos, que pelas máximas de Sócrates e de Platão que jamais leram ou que não conhecem senão de nome? Além disso, os filósofos são freqüentemente vistos como distraídos, utopistas, de belas

palavras; era preciso atingir as massas no coração, e o que as atingiu foram as vozes de além-túmulo que se fizeram ouvir de seu próprio lar.

A crença de que tudo acaba para o homem após a morte, de que toda solidariedade cessa com a vida, o conduz a considerar o sacrifício do bem-estar presente em proveito de outrem como um engano; daí a máxima: Cada um por si durante a vida, já que não há nada do lado de lá. A caridade, a fraternidade, a moral, em uma palavra, não têm nenhuma base, nenhuma razão de ser. Por que se incomodar, se contrariar, se privar hoje, quando amanhã pode ser que não existamos mais? A negação do porvir, a simples dúvida sobre a vida futura, são os maiores estimulantes do egoísmo, fontes da maior parte dos males da humanidade.

A crença na vida futura, mostrando a perpetuidade das relações entre os homens, estabelece entre eles uma solidariedade que não se acaba na tumba; ela muda assim o curso das idéias. Se essa crença não fosse senão um vão espantinho, não duraria muito tempo; mas como sua realidade é um fato adquirido pela experiência, é um dever propagá-la e combater a crença contrária, no interesse mesmo da ordem social. É o que faz o Espiritismo; e o faz com sucesso porque dá as provas; e definitivamente, o homem aprecia melhor ter a certeza de viver e de poder viver feliz em um mundo melhor, em compensação das misérias daqui de baixo, do que crer que se morre para sempre.

"A religião ensina tudo isso, replicarão os religiosos, quem tem necessidade de uma nova filosofia?" Se a religião é suficiente, por que há tantos incrédulos? A religião nos ensina, é verdade; nos diz para crer; mas existe tanta gente que não crê sob palavra! O Espiritismo prova, e faz ver o que a religião ensina pela teoria.

Qual é o maior inimigo da religião? O materialismo, porque o materialismo não crê em nada; ora, o Espiritismo é a negação do materialismo, que não tem mais razão de ser. Não é mais pelo raciocínio ou pela fé cega que se diz ao materialista que nem tudo acaba com seu corpo, é pelos fatos, que lhe são mostrados, fazendo-o sentir pelo tato e pela visão. Não é esse um pequeno serviço que se faz à humanidade e à religião? Mas isso não é tudo: a certeza na vida futura, o exemplo vivo daqueles que nos precederam, mostram a necessidade do bem, e as conseqüências inevitáveis do mal. Eis porque, sem ser uma religião, leva essencialmente às idéias religiosas; as desenvolve entre aqueles que não a possuem, as fortifica entre aqueles que estão em dúvida. A religião nisso encontra então apoio, não pelas pessoas de visão estreita que a querem inteiramente dentro do fogo eterno, na letra mais que no espírito, mas por aqueles que a vêem segundo a grandeza e a majestade de Deus.

Como o Espiritismo viria triunfar sobre a incredulidade de um tão grande número, domar tantas paixões más, se não fosse pelas provas materiais que dá, e como poderia dar essas provas sem as relações estabelecidas com aqueles que não estão mais na terra? Não seria então nada o haver apresentado aos homens donde eles vêm, ou para onde vão, e o porvir que lhe está reservado? A solidariedade que ensina não é mais uma simples teoria, é uma conseqüência inevitável das relações que existem entre os mortos e os vivos; relações que fizeram da fraternidade entre os vivos não somente um dever moral, mas uma necessidade, porque é de interesse à vida futura.

As idéias de castas, de preconceitos aristocráticos, produtos do orgulho e do egoísmo, não têm sido em todos os tempos um obstáculo à emancipação das massas? Basta falar, em teoria, dos privilégios de nascimento e da fortuna, porém, todos os homens são iguais. O Evangelho foi o bastante para persuadir aos cristãos possuidores de escravos que esses escravos eram seus irmãos? Ora, que pode destruir seus preconceitos, nivelando a todos, mais do que a certeza de que nas últimas faixas sociais se encontram seres que já pertenceram à alta sociedade; que entre nossos servidores e entre aqueles a quem damos esmolas, podem se encontrar pais, amigos, homens que nos comandaram; que aqueles enfim que estão em altas posições

agora podem descer ao último escalão? É isso então um ensinamento estéril para a humanidade? É esta uma idéia nova? Não, mais de um filósofo emitiu e pressentiu esta grande lei da justiça divina; mas não há nada como se dar prova palpável, evidente! Bem, séculos antes de Copérnico, Galileu e Newton, a redondeza e o movimento da Terra foram colocadas em dúvida; esses sábios vieram demonstrar aquilo que, para outros, era apenas suposição; assim é com os Espíritos que vêm provar as grandes verdades que permaneciam no estado de letras mortas para um grande número de pessoas, dando-lhes por base uma lei da natureza.

O estudo do Espiritismo serve para provar materialmente a existência do mundo espiritual, mundo esse formado das almas daqueles que morreram, resultando daí a prova da existência da alma e da sobrevivência dos corpos.

As almas daqueles que se manifestam revelam suas alegrias ou seus sofrimentos segundo a maneira como eram na vida terrestre; resultando disso a prova das penas e das recompensas futuras.

As almas ou Espíritos, ao descrever seu estado e sua situação, retificam as idéias falsas que têm sido feitas sobre a vida futura, e principalmente sobre a natureza e a duração das penas.

Os exemplos daqueles que morreram provam que a soma da felicidade futura está em razão do progresso moral alcançado e do bem que se haja feito sobre a Terra; que o fardo da infelicidade está em razão da carga dos vícios e das más ações; daí resulta em todos aqueles que estão bem convencidos dessa verdade, uma tendência toda natural a fazer o bem e a evitar o mal. Quando a maioria dos homens estiver imbuída dessa idéia, professará esses princípios e praticará o bem, resultando daí que o bem imperará sobre o mal aqui em baixo; que os homens não procurarão mais se prejudicar mutuamente, que conduzirão as instituições sociais tendo em vista o bem de todos e não o lucro de alguns; em uma palavra, eles compreenderão que a lei da caridade ensinada pelo Cristo é a fonte da felicidade, mesmo neste mundo, e basearão as leis civis sobre a lei da caridade.

Aquele que se dá ao trabalho de aprofundar esta questão do Espiritismo nisso encontra uma satisfação moral muito grande, a solução de muitos problemas para os quais havia procurado em vão uma explicação nas teorias vulgares. O porvir se desenrola diante dele de uma maneira tão clara, tão precisa, TÃO LÓGICA, que se diz que, com efeito, é impossível que as coisas não se passem assim, e que é espantoso que se não a tivesse compreendido mais cedo; que era assim, um sentimento íntimo lhe dizia, que deveria ser. A ciência Espírita, desenvolvida, que não tem feito outra coisa senão formular, tirar do nevoeiro as idéias já existentes em seu foro interior, deu-lhe desde então um porvir com um propósito claro, preciso, nitidamente definido; ele não avança mais no vazio, vê seu caminho; não é mais aquele porvir de felicidade ou de infelicidade que sua razão não podia compreender, e que por isso mesmo repelia; é um porvir racional, conseqüência das leis mesmas da natureza, e que pode passar pelo exame mais severo. É por isso que ele é feliz, é como se tivesse sido aliviado de um peso imenso; aquele da incerteza, porque a incerteza é um tormento. O homem, a despeito dele próprio, sonda as profundezas do porvir, e não se tolhe ante a visão do eterno; o compara à brevidade e à fragilidade da existência terrestre. Se o porvir não lhe oferece nenhuma certeza, ele se aturde, se dobra sobre o presente, e tudo faz para o tornar mais suportável. É em vão que sua consciência lhe fala do bem e do mal, e ele retruca: O bem é aquilo que me torna feliz. Que motivo teria ele, com efeito, de ver o bem alheio? Por que sofrer privações? Ele quer ser feliz, e para ser feliz, quer gozar, usufruir daquilo que possuem os outros; quer o ouro, muito ouro; atira-se nessa via, porque o ouro é o veículo de todos os gozos materiais; que lhe importa o bem-estar de seu semelhante? O seu antes de tudo; quer se satisfazer no presente, não se importando se o poderá mais tarde, num porvir no qual não crê; torna-se então ávido, ciu-

to, egoísta, e apesar de tudo o que desfruta, não é feliz, porque o presente lhe parece muito curto.

Com a certeza do porvir, tudo muda para ele; o presente não é senão efêmero, e o vê escoar sem desgosto; é menos preso aos gozos terrestres, porque não lhe dão senão uma sensação passageira, fugidia, que deixa a vida sem coração; aspira a uma felicidade mais duradoura, e por conseqüência mais real; e onde a pode encontrar, se não for no porvir? O Espiritismo, mostrando, provando esse porvir, o livra do suplício da incerteza, eis porque o torna feliz; ora, aquilo que traz a felicidade sempre encontra partidários.

Os tempos da crença cega são passados; hoje se torna necessário, para que uma teoria filosófica, moral, religiosa seja aceita, que esta repouse sobre o inabalável fundamento da demonstração científica. Outros tempos, outros costumes: o mundo antigo se apoiava sobre a revelação, agora é preciso a certeza lentamente conquistada; a lei não basta, é indispensável que a razão sancione o que querem nos fazer aceitar como verdades.

O grande poder do Espiritismo consiste na liberdade de exame que deixa a seus adeptos. Todos os seus princípios podem ser discutidos e postos em questão, mas a cada vez que essa experiência tem sido feita, ele sai mais forte e mais robusto do que antes dessa tremenda prova. As religiões, no momento atual, se assemelham a esses cercados que têm sido indispensáveis às crianças para aprenderem a andar, mas que se tornam inúteis e mesmo prejudiciais tão logo tenham elas adquirido bastante desenvolvimento para andarem sozinhas. O homem do século dezenove, aprisionado em um dogmatismo estreito, porque esses ensinamentos não estavam mais em harmonia com seus conhecimentos, forçado a escolher entre as certezas da ciência e a fé imposta, se lançou de corpo e alma no materialismo. Mas, se esse homem reencontra uma doutrina que concilia a fé às exigências da ciência e às necessidades de sua alma de crer em alguma coisa, não hesita mais: adota essa nova fé, que satisfaz tão bem a todas as suas aspirações. Essas considerações sumárias explicam a imensa extensão do Espiritismo. Não é preciso crer, todavia, que o espiritismo seja oposto às religiões; apenas combate os abusos, e dirige-se mais particularmente aos materialistas e àqueles que, sem ser completamente ateus, estão indecisos com relação à vida futura.

Em lugar de ser ridicularizada e combatida, esta doutrina deveria se encontrar na base de todo ensinamento moral ou religioso. Dando ao homem a prova evidente de que sua passagem sobre a terra é apenas temporária, que terá de responder mais tarde pelo bem ou pelo mal que haja feito, impõe uma contenção salutar aos maus instintos, que, sobretudo em nossos dias, ameaça transtornar a sociedade. O Espiritismo faz conhecer com efeito, as condições em que a alma se encontra após a morte. Em vez de considerar o espírito de maneira abstrata, nossa doutrina demonstra que ele é, após a morte, uma verdadeira individualidade, que não tem menos realidade que o homem; ficando mudada somente a natureza dos corpos uma vez que as condições de existência não são mais as mesmas.

VALE ANOTAR:

- O Espiritismo não pede nenhum ato de fé; trazendo a prova da sobrevivência, dá a certeza na vida futura.

PARA SABER MAIS:

- » **Que é o Espiritismo?** Allan Kardec. (p. 90-91 e p.109-115, p. 154-159)
- » **O Evangelho segundo o Espiritismo** de Allan Kardec. (cap. I, O Espiritismo, Aliança da ciência e da religião)
- » **O Céu e o Inferno** Allan Kardec. (1ª parte, cap. I)

- » **No Invisível** Léon Denis. (cap. XI, aplicações morais e frutos do espiritismo)
- » **O Espiritismo perante a ciência** Gabriel Delanne. (3ª parte, cap. III, as objeções, p. 229-230 e p. 241-242)
- » **Le phénomène spirite** Gabriel Delanne. (4^{ème} partie, Matérialisme et Spiritisme)
- » **A Revista Espírita 1860** - p.1 Allan Kardec. (O Espiritismo em 1860)
- » **A Revista Espírita 1863** - p.357 Allan Kardec. (Utilidade dos ensinamentos dos E...)
- » **A Revista Espírita 1865** - p.225 Allan Kardec. (O que aprende o Espiritismo)
- » **A Revista Espírita 1867** - p.33 Allan Kardec. (O livre pensamento e a livre...)

O que é o Espiritismo? O que é ser espírita?

Kardec definira o Espiritismo como uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos, e de suas relações com o mundo corporal. É ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se pode estabelecer com os Espíritos; como filosofia, abrange todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações.

Delanne escreveu que o Espiritismo, que tem por principal objetivo nos demonstrar a existência da alma após a morte, nos dá as indicações precisas sobre a vida futura, nos permite compreender a bondade e a justiça de Deus, nos fornece a explicação de nossa existência sobre a terra. Em uma palavra, é a ciência da alma e de seus destinos.

Nem todos os médiuns são espíritas: os médiuns receberam de Deus um dom gratuito, o de serem os intérpretes dos Espíritos para instrução dos homens, e não para lhes venderem as palavras que não lhes pertencem. Porque elas não são um produto de sua concepção, nem de suas pesquisas, nem de seu trabalho pessoal. A mediunidade não é um privilégio; ela é uma faculdade dada para o bem, que se encontra em toda parte. Os bons Espíritos se afastam de qualquer um que pretenda deles fazer um patamar para fins pessoais, enquanto que os Espíritos levianos são menos escrupulosos, e procuram sempre ocasiões para se divertirem às nossas custas.

O Espiritismo não é mais solidário com aqueles que procuram alguma vantagem em se dizer espíritas, do que a medicina o é com os charlatões que a exploram, como a sã religião não o é com os abusos ou mesmo com os crimes cometidos em seu nome. Não reconhece como seus adeptos senão aqueles que põem em prática seus ensinamentos, isto é que trabalham para sua própria melhora moral, esforçando-se para vencer suas más inclinações, em ser menos egoístas e orgulhosos, mais doces, mais humildes, mais pacientes, mais benevolentes, mais caridosos com seu próximo, mais moderados em todas as coisas, porque este é um sinal característico do verdadeiro espírita.

Se é espírita apenas por simpatizar-se com os princípios da filosofia espírita, e com eles ajustar a sua conduta.

Kardec tinha distinguido quatro classes de espíritas:

- 1ª - Aqueles que se limitam às manifestações; nós os chamaremos de Espíritas experimentadores.

- 2ª - Aqueles que não vêem outra coisa senão os fatos; não compreendem a parte filosófica; admitem a moral que deles depreendem, mas não a praticam; Estes são os Espíritas imperfeitos.
- 3ª - Aqueles que não se contentam em admirar a moral espírita, mas que a praticam e aceitam suas conseqüências. Estes são os verdadeiros Espíritas.
- 4ª - Há enfim os Espíritas exaltados. O exagero em tudo é prejudicial; no Espiritismo, produz uma confiança cega e freqüentemente pueril nas coisas do mundo espiritual e faz aceitar muito facilmente e sem controle aquilo que, pela reflexão e pelo exame, teria demonstrado a sua absurdidade ou impossibilidade. Esta sorte de adeptos é mais prejudicial que útil à causa do Espiritismo.

PARA SABER MAIS:

- » **O que é o Espiritismo?** Allan Kardec. (Introdução) e também p.135-136
- » **O Evangelho Segundo o Espiritismo** Allan Kardec. (cap. XXVI, A mediunidade gratuita)
- » **Obras Póstumas** Allan Kardec (2ª parte, O que é o Espiritismo)
- » **O Evangelho segundo o Espiritismo** Allan Kardec. (cap. XVII, Os bons espíritos)
- » **O Livro dos Médiuns** Allan Kardec. (1ª parte, cap. III, três classes de espíritas)
- » **O Livro dos Médiuns** Allan Kardec. (2ª parte, cap. XXVIII, Médiuns interesseiros)
- » **Revista Espírita 1991** - nº 7, p.23 e nº 8, p.8 (As incoerências doutrinárias de G...)

Conclusão

“O Espiritismo, escreveu Léon Denis, é então, ao mesmo tempo, uma ciência moral e uma ciência positiva. Pode satisfazer simultaneamente ao coração e à razão. Manifestou-se no mundo no momento preciso em que as concepções religiosas do passado oscilavam sobre suas bases, em que a humanidade, tendo perdido a fé inocente dos dias antigos, rondava o ceticismo, enganando-se na vida, sem bússola, e procurava seu caminho, tateando como um cego. O advento do Espiritismo, que ninguém se engane, é um dos maiores eventos da história do mundo. Há dezenove séculos, sobre as ruínas do paganismo agonizante, no seio de uma sociedade corrupta, o Cristianismo, pela voz dos mais humildes e dos mais desprezados, trazia, com uma moral e uma fé novas, a revelação de dois princípios até então ignorados pelo povo: a caridade e a fraternidade humana. Hoje, da mesma forma, em face das doutrinas enfraquecidas, petrificadas pelo interesse material, impotentes para esclarecer o espírito humano, uma filosofia racional se ergue, trazendo nela o germe de uma transformação social, um meio de regenerar a humanidade, desembaraçando-a dos elementos em decomposição que a esterilizavam e a manchavam. Ela vem oferecer uma sólida base à fé, uma sanção à moral, um estimulante à virtude. Faz do progresso o propósito mesmo da vida e a lei superior do universo. Põe um fim ao ‘reino da graça’, do arbitrário, da superstição, mostrando na elevação dos seres o resultado de seus próprios esforços. Ensinando que a igualdade absoluta e uma solidariedade estreita, une os homens ao longo de suas vidas coletivas, traz um golpe rigoroso ao orgulho e ao egoísmo, esses dois monstros que, até aqui, nada havia podido domar ou reduzir.”

PARTE 4

Espiritismo: Teorias e Fatos

Alucinação, sugestão e inconsciente
Dificuldades de estudo dos fenômenos espíritas
Provas de identidade



“Eu era um materialista tão completo e tão convencido, que não podia haver em meu espírito nenhum lugar para uma existência espiritual. Mas os fatos são coisas pertinazes, e os fatos me venceram. Os fenômenos espíritas são igualmente provados pelos fatos como em todas as outras ciências.”

Russel Wallace.

Alucinação, sugestão e inconsciente

Em abril de 1859, o Sr. Jobert apresenta, à Academia de Ciências, o caso de Senhorita X..., de 14 anos de idade, que estava afetada, a partir dos seis anos, de movimentos involuntários regulares do músculo curto perônio lateral direito. Um ruído seco sucedia à cada contração muscular. Tendo estudado esse fenômeno, M. Jobert não hesitou em declarar que ele havia descoberto o segredo daquilo que ele chamava a grande comédia dos *Espíritos batedores*.

O Sr. Jobert já havia observado algum fenômeno espírita? Não, ele tinha se contentado em estudar um fato médico que tinha uma analogia longínqua com as pancadas, e disso concluiu que a causa desse fato era a mesma de todos os fenômenos espíritas: o perônio ! Antes de pretender haver dado o golpe de misericórdia no Espiritismo, o Sr. Jobert talvez devesse se inclinar sobre os *factos* espíritas; ele teria então podido se questionar: Como este caso patológico que ele qualificava de *raro* pudera surgir assim tão de repente, tão comum? Como os golpes iriam bater as portas, os muros, o teto, ou qualquer local designado, se eles tivessem por origem o perônio? Como esse músculo crepitante poderia levantar mesas maciças sem as tocar, fazê-las atingir o teto e fazê-las se quebrar ao cair? Como o perônio poderia tocar cordas de guitarra, compor cantos, responder às questões colocadas mentalmente, ou dar respostas nas línguas desconhecidas das pessoas presentes?

Este episódio ilustra bem a atitude de numerosos cientistas quanto ao Espiritismo: partindo de uma idéia preconcebida de que a intervenção dos Espíritos não é possível, eles emitem hipóteses para explicar os fenômenos espíritas, sem confrontá-los com o exame dos fatos.

Uma outra teoria consiste em colocar os fenômenos sob a conta de ilusão dos sentidos; assim, o observador seria uma pessoa de muito boa fé; mas que acreditava ver aquilo que não via. Quando via uma mesa se elevar e manter-se no espaço sem ponto de apoio, a mesa não teria saído do lugar; ela a via no ar por uma espécie de miragem ou um efeito de refração como aquele que faz ver um astro, ou um objeto na água, fora de sua posição real. Isso a rigor seria possível; mas aqueles que testemunharam esse fenômeno puderam constatar o isolamento passando sob a mesa suspensa, o que parece difícil se ela não tivesse saído do solo. Por outro lado, aconteceu várias vezes a mesa se quebrar quando caía: diriam também que este é apenas um efeito ótico?

A realidade dos fenômenos estando averiguada, o primeiro pensamento que naturalmente vem ao espírito daqueles que os reconheceram tem sido o de atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade, ou à ação de um fluido qualquer, em uma palavra, a uma causa toda física e material. Essa opinião não tinha nada de irracional e teria prevalecido se o fenômeno tivesse nascido de efeitos puramente mecânicos. Uma circunstância parecia mesmo corroborá-la: ocorria, em certos casos, o crescimento da potência em razão do número de pessoas; cada uma delas podia assim ser considerada como um dos elementos de uma pilha elétrica humana. O que caracteriza uma teoria verdadeira, como já dissemos, é poder explicar tudo; mas se um só fato a vem contradizer, é porque ela é falsa, incompleta ou muito absoluta. Ora, é isso o que não tardaremos a mostrar aqui. Esses movimentos e esses golpes deram sinais inteligentes, obedecendo à vontade e respondendo a um pensamento; deviam então ter uma causa inteligente. Daí que o efeito deixa de ser puramente físico; a causa, por si mesma, devia ter uma outra fonte, assim o sistema de ação *exclusiva* de um agente material deve ser abandonado e é encontrado somente entre aqueles que julgam a priori e sem ter visto. O ponto capital é constatar a ação inteligente, e disso então pode se convencer qualquer um que se dê ao trabalho de observar. O sábio William Crookes escreveu à propósito de suas pesquisas sobre o

Espiritismo: " A inteligência que governa esses fenômenos algumas vezes é manifestamente inferior à do médium; *está freqüentemente em oposição direta com seus desejos*. Quando uma determinação lhe era dada para que fizesse qualquer coisa que não pudesse ser considerada como um bem razoável, viam-na dar urgentes mensagens para induzir-nos a refletir novamente. Essa inteligência é algumas vezes de um tal caráter, *que somos forçados a admitir que não emanava de nenhum daqueles que estavam presentes*. "

É incontestável, evidentemente, que se a mesa que se consulta dava respostas sobre assuntos desconhecidos dos assistentes, ou contrários a seus pensamentos, não é certamente deles que partia a resposta; mas, como seria preciso que fosse feita por alguém, atribuímo-la a uma inteligência oculta que vinha se manifestar. Esta concepção não é uma invenção humana, porque cada vez que uma inteligência se manifestava, se lhe perguntava o que ela era, e constantemente ela respondia ser a alma de uma pessoa que habitara sobre a terra.

Uma vez reconhecida a ação inteligente, restava saber qual a fonte dessa inteligência. Pensou-se que podia ser a do médium ou dos assistentes, que se refletisse como a luz ou os raios sonoros. Isso era possível e somente a experiência poderia dar a última palavra. Mas antes de tudo, observamos que esse sistema já descartava completamente a idéia materialista; para que a inteligência dos assistentes pudesse se reproduzir por via indireta, seria preciso admitir no homem um princípio fora do organismo.

Se os pensamentos exprimidos haviam sempre sido os dos assistentes, a teoria da reflexão teria sido confirmada; ora, o fenômeno, mesmo reduzido a esta proporção, não seria do mais alto interesse? O pensamento, repercutido em um corpo inerte e traduzindo-se pelo movimento e pelo ruído, não seria uma coisa bem remarcável? Não haveria aí algo para excitar a curiosidade dos sábios?

Somente a experiência, dissemos, poderia dar agravo ou razão a esta teoria, e a experiência lhe deu agravo, porque demonstrava, a cada instante, e pelos fatos positivos, que o pensamento exprimido podia ser, não somente estranho aos dos participantes, mas que freqüentemente o é inteiramente contrário; o que vem contradizer todas as idéias preconcebidas, derrubando todas as previsões; com efeito, quando penso no branco e o que me é respondido é o negro, me é difícil acreditar que a resposta venha de mim. Alguns se apoiavam sobre certos casos de igualdade entre o pensamento exprimido e o dos assistentes; mas o que é que isso prova, senão que os assistentes podiam pensar a mesma coisa que a inteligência que se comunicava? Não foi dito que deveriam ser sempre de opinião oposta. Quando, numa conversa, o interlocutor emite um pensamento análogo ao seu, dirá por isso que vem de você? É bastante alguns exemplos contrários, bem constatados, para provar que essa teoria não pode ser absoluta. Como, aliás, explicar pela reflexão do pensamento, a escrita produzida por pessoas que não sabem escrever, as respostas do mais alto porte filosófico obtidas por pessoas iletradas, aquelas que são dadas às questões mentais ou numa língua desconhecida do médium, e milhares de outros fatos que não podem deixar dúvida sobre a independência da inteligência que se manifesta? A opinião contrária só pode ser resultado de uma observação falha.

Se a presença de uma inteligência estranha fica provada moralmente pela natureza das respostas, o é também materialmente pelo fato da escrita direta, isto é, de escrita obtida espontaneamente, sem pena nem lápis, sem contato, e com todas as precauções tomadas para garantia contra todo subterfúgio. O caráter inteligente do fenômeno não poderia ser posto em dúvida; de onde se conclui que haveria outra coisa além de uma ação fluídica. Por conseguinte, a espontaneidade do pensamento exprimido fora de qualquer expectativa, em toda questão proposta, não permite ver um reflexo daqueles dos assistentes.

Outros críticos objetam que, nas relações com o mundo invisível, o homem não se comunica somente com as almas dos mortos, mas também com vãs aparências, como larvas, formas

fluídicas animadas por uma espécie de vibrações moribundas do pensamento dos defuntos. Veremos na terceira parte deste estudo, intitulado " Provas de identidade " que a hipótese das larvas não é de nenhuma maneira justificada; os fatos demonstram, ao contrário, que tem relação com as almas de homens que viveram sobre a terra. Possuem um caráter essencialmente humano. A ação dos manifestantes é humana; usam linguagem, escrita, desenhos humanos. Seus fenômenos intelectuais são marcados pelas idéias, sentimentos, emoções, em uma palavra, por tudo aquilo que constitui a trama de nossa própria existência. Suas comunicações podem ser de todos os graus, desde o trivial até aos mais sublimes, mas isso é ainda o que caracteriza o meio humano. As formas dos fantasmas materializados, nas fotografias, são aquelas de seres semelhantes a nós e nunca de demônios, de larvas ou de elementais. Acrescente a isso todos os fatos e detalhes de ordem positiva que estabelecem que os manifestantes viveram entre as gerações humanas, e chegaremos à certeza de que a regra atribuída ao demônio e às larvas nos fenômenos espíritas não são mais que o produto de uma imaginação desregrada.

Um dos fatos mais remarcáveis do Espiritismo são as moldagens de mãos e de pés materializados, na parafina fervente, e que, resfriadas, deixam os experimentadores de posse de objetos que são como testemunhas da presença e da passagem de seres invisíveis. A parafina é fundida em uma certa quantidade de água fervente. As mãos dos espíritos materializados vêm aí se molhar, depois, ainda molhadas de parafina, se retiram para serem mergulhadas a seguir num vaso de água fria, na superfície da qual os moldes permanecem flutuando. Sua abertura no punho, sendo menor que o resto da mão, seria preciso que esta pudesse se dissolver fluidicamente para deixar o molde intacto. Uma mão humana não poderia ter se desembaraçado sem quebrar o envelope.

Nenhuma alucinação, sugestão ou inconsciente são capazes de explicar este fenômeno; somente a teoria espírita o pode.

VALE ANOTAR:

- As teorias pseudocientíficas, tais como a alucinação, o inconsciente ou a sugestão, para explicar o fenômeno espírita, resulta de um estudo incompleto dos fatos do espiritismo.
- O método científico, que consiste em confrontar as teorias com os fatos, é freqüentemente abandonado, pelos cientistas, em favor de um método que consiste em levar em conta apenas os fatos que estiverem de acordo com suas idéias preconcebidas.

PARA SABER MAIS:

- » **O Livro dos médiuns** Allan Kardec (c. IV, 1ª parte, Sistemas)
- » **O Espiritismo perante a ciência** Gabriel Delanne (3ª parte, c. II, As teorias dos incrédulos e o testemunho dos fatos)
- » **O que é o Espiritismo?** Allan Kardec (p.42, Falsas explicações do fenômeno)
- » **No Invisível** Léon Denis (2ème partie, chap. XXIII, Hypothèses et objections)
- » **Les miracles et le moderne spiritualisme** de Alfred Russel Wallace (appendice, de la réalité objective des apparitions)
- » **Revista Espírita 1859** - p. ()
- » **Revista Espírita 1861** - p.193 (Ensaio sobre a teoria da alucinação)
- » **Revista Espírita 1890** - p.131, 161, 193 Alexandre Vincent (A teoria do inconsciente)
- » **Revista Espírita 1922** - p.86 Alfred Bénézech (Os partidários do subconsciente)

Dificuldades do estudo dos fenômenos espíritas

Raros têm sido durante muito tempo, na França, nos meios oficiais, os experimentadores liberados das rotinas clássicas e dotados das qualidades necessárias para bem conduzir estas delicadas observações. Todos aqueles que têm procedido com perseverança e imparcialidade puderam constatar a realidade das manifestações dos defuntos. Mas, tão logo publicam os resultados de suas pesquisas, encontram, mais freqüentemente, apenas incredulidade, indiferença ou escárnio. Os homens de ciência, para explicar os fatos espíritas, têm acumulado sistema sobre sistema e recorrido às hipóteses mais inverossímeis, torcendo os fenômenos para os fazer entrar em suas concepções.

É assim que vimos surgir tantas teorias estranhas, como a do nervo crepitador de Jobert de Lamballe, a das articulações estalantes, a dos automatismos psicológicos, a das alucinações coletivas, até aquela subliminar. Essas teorias, mil vezes refutadas, renascem sem cessar. Dir-se-ia que os representantes da ciência oficial nada temem tanto quanto serem obrigados a reconhecer a sobrevivência e a intervenção dos Espíritos.

O estudo dos fenômenos é de uma importância capital; é sobre ele que repousa o espiritismo por inteiro; mas, muito freqüentemente, a falta de método, a falta de continuidade e de direção nos experimentos, tornam estéreis a boa vontade dos médiuns e as legítimas aspirações dos pesquisadores. É a essas causas que é preciso atribuir os resultados pouco concludentes que se obtém em tantos meios. Experimenta-se ao acaso, febrilmente, sem cuidar das condições necessárias; tem-se pressa de obter os fenômenos transcendentais. Por consequência mesmo do estado de espírito com que se conduzem as pesquisas, acumulam-se as dificuldades e, por fim, após algumas tentativas, obtém-se apenas fatos insignificantes, banalidades ou mistificações, desencorajando e afastando os experimentadores.

Os homens de ciência querem impor à essas pesquisas as regras da ciência ortodoxa e positiva, que consideram como os únicos fundamentos da certeza, e se essas regras não forem adotadas e seguidas, rejeitam sem piedade todos os resultados obtidos.

Entretanto, a experiência nos demonstra que cada ciência tem suas regras próprias. Não se pode estudar com sucesso um nova ordem de fenômenos inspirando-se em leis e condições que regem fatos de uma ordem diferente. É somente por meio de pesquisas pessoais ou graças à experiência adquirida nessa via pelos pesquisadores conscienciosos, e não em virtudes de teorias à priori, que se pode determinar as leis que governam os fenômenos ocultos. Essas leis são as mais sutis e complicadas. Seu estudo exige um espírito atento e imparcial. Mas como exigir imparcialidade para aqueles cujo interesse, renome e amor-próprio estão ligados estreitamente a sistemas ou a crenças que o Espiritismo poderia abalar?

Não é necessário ser um matemático, um astrônomo, um médico de talento, para empreender, com chance de sucesso, as investigações em matéria de Espiritismo; basta conhecer as condições a preencher e submeter-se a elas. Essas condições, nenhuma outra ciência poderia indicar. Somente a experimentação assídua e as revelações dos Espíritos-guias, nos permitem estabelecê-las de uma maneira precisa.

Em muitos casos, o fenômeno espírita se produz com uma espontaneidade que excede todas as previsões. Pode-se apenas constatá-lo. Ele se impõe e escapa à nossa ação. Chame-o, ele se furta. Mas se você não pensa mais nele, reaparece. Isso ocorre em quase todos os casos de aparições à distância e nos fenômenos de casas assombradas. Os fantasmas vão e vêm, sem se preocupar com nossas exigências e nossas pretensões. Espera-se durante horas e nada se produz. Faz-se menção de partir, as manifestações começam.

À propósito da imprevisibilidade dos fenômenos, recordemos o que disse o Sr. Varley, engenheiro chefe dos serviços de postes e telégrafos da Grã-Bretanha⁴:

"A Sra. Varley via e reconhecia os Espíritos, particularmente enquanto estava em transe (estado de sonambulismo lúcido); ela é também uma médium muito boa de encarnações, mas não tenho sobre ela quase nenhuma influência para provocar o transe, de modo que me é impossível servir de sua mediunidade para fazer experiências."

É um ponto de vista errôneo e grosseiro, de conseqüências impertinentes, considerar o Espiritismo como um domínio onde os fatos se apresentam sempre idênticos, onde os elementos de experimentação podem ser disponibilizados à nossa vontade. Fica-se exposto com isso a ter pesquisas vãs ou a resultados incoerentes.

Os sábios têm em pouca conta as afinidades psíquicas e a orientação dos pensamentos, que constituem entretanto um fator importante no problema espírita. São levados a considerar o médium como um aparelho de laboratório, como uma máquina que deve produzir os efeitos à vontade, e usam para com ele de uma cerimônia excessiva. As Inteligências invisíveis que o dirigem são comparadas por eles a forças mecânicas. Em geral, se recusam a ver nelas seres livres e conscientes, cuja vontade entra em grande parte nas manifestações, que têm suas idéias, seus desejos, seu objetivo, que desconhecemos, e que não estão sempre com o propósito de interagir; umas porque a desenvoltura e a visão muito material dos experimentadores as afastam; as outras porque, muito inferiores, não sentem a necessidade de demonstrar aos homens as realidades da sobrevivência.

VALE ANOTAR:

- Não se pode repetir à vontade o fenômeno que se quer estudar, porque os Espíritos têm sua vontade própria. Estuda-se então o fenômeno Espírita em condições outras do que as das ciências clássicas como a Química, a Biologia, a Física, etc...

PARA SABER MAIS:

- » **No Invisível** Léon Denis (1ª parte, cap. IX, Condições de experimentação)
- » **No Invisível** Léon Denis (1ª parte, cap. II, Os modos de estudos)

Provas de identidade

Graças ao espiritualismo experimental, o problema da sobrevivência, onde as conseqüências filosóficas e morais são incalculáveis, recebeu uma solução definitiva. A alma se tornou objetiva, perfeitamente tangível: sua existência se revela, após a morte como durante a vida, pelas manifestações de toda ordem.

Os fenômenos físicos ofereceram de início apenas uma base insuficiente de argumentação; mas, depois, os fatos se revestiram de um caráter inteligente. Eles foram acentuados a ponto de que toda negação se tornou impossível.

É pelas provas positivas que a questão da existência da alma e de sua imortalidade foram decididas. As radiações do pensamento foram fotografadas; o espírito, revestido de seu corpo

⁴ Proceedings of the Society psychical research, v. II.

fluídico, de seu envelope imperecível, aparece sobre a placa sensível. Sua existência se mostra assim tão certa quanto a do corpo físico.

A identidade dos Espíritos é estabelecida por fatos inumeráveis; cremos dever citar alguns:

O Sr. Oxon (Stainton Moses), professor na Universidade de Oxford, em seu livro 'Spirit Identity', relata o caso onde uma mesa fez uma narração longa e circunstanciada da morte, da idade, até o nome do mês, e dos nomes (quatro para um dentre eles e três para um outro) de três pequenos seres, filhos de um mesmo pai, que tinham sido levados subitamente pela morte. " Nenhum de nós tinha conhecimento desses nomes pouco comuns. Foram mortos na Índia, e, quando a mensagem nos foi dada, não tínhamos nenhum meio aparente de verificação. " Esta revelação foi entretanto controlada e reconhecida sua exatidão mais tarde, pela testemunha da mãe das crianças, que o Sr. Oxon conheceu posteriormente.

O mesmo autor cita o caso de um senhor chamado Abraham Florentine, morto nos Estados Unidos, totalmente desconhecido dos experimentadores, e cuja identidade foi rigorosamente constatada, assim como a data de sua morte: 5 de Agosto de 1874. Oxon concluiu quanto a esse fato: " Há, no caráter da prova singularmente significativa que tínhamos obtido nessa ocasião, uma demonstração muito evidente do retorno daqueles nos deixaram, que não pode falhar de fornecer aos leitores matéria para as mais sérias reflexões.. Um fato positivo, é que *jamais nenhum dentre nós tinha ouvido falar de Abraham Florentine*; não tínhamos amigos na América que nos dessem as novidades do que se passava, e, mesmo que algo tivéssemos tido, teriam então certamente falado de uma circunstância que não nos interessava de nenhuma forma. Para concluir, *afirmo novamente, no interesse da verdade, que o nome, como também os fatos, eram totalmente desconhecido a nós três.* "

A história de Siegwart Lekebush, jovem alfaiate que pereceu esmagado por um trem na ferrovia, prova ainda que é contrário à verdade afirmar que as personalidades que se manifestam pela mesa são sempre conhecidos dos assistentes.

Segundo *Animismo e Espiritismo*, de Aksakof, a identidade póstuma dos espíritos prova-se:

- 1º - Pelas comunicações da personalidade em sua língua materna, ignorada do médium (ver p.538, o caso da Sra. Edmonds, do Sr. Turner, da Sra. Scongall e da Mme Corwin, que se entendeu com um dos participantes por meio de gestos emprestados ao alfabeto dos surdo-mudos, que lhe era desconhecido no estado de vigília).
- 2º - Por meio de comunicações dadas no estilo característico do defunto, com as expressões que lhe eram familiares, recebidas na ausência de pessoas que o tinham conhecido (p. 543)."
Acabamento de um romano " de Dickens, *Edwin Drood*, por um jovem trabalhador iletrado, sem que fosse possível constatar onde termina o manuscrito original e onde começa a comunicação medianímica.
Ver por exemplo a história de Luís XI, escrita pela Srta. Hermance Dufaux, com 14 anos de idade (Revista Espírita, 1858). Esta história, muito documentada, contém informações até então inéditas.
- 3º - Pelos fenômenos da escrita onde se reconhece aquela do defunto (p. 345). Carta da Sra. Livermore, escrita por ela mesma após sua morte. Este espírito estabeleceu sua identidade mostrando, escrevendo e conversando como fazia durante sua vida. Fato marcável: o espírito escreveu, em francês mesmo, língua ignorada pela médium, Kate Fox. O caso onde o Sr. Owen obtém uma assinatura do espírito que foi reconhecida como idêntica por um banqueiro (ver Guldenstubbé, *La Réalité des Esprits*). Escrita

direta de uma parente do autor, reconhecida idêntica à sua escrita quando vivo (Esses fatos têm sido obtidos inúmeras vezes em nosso próprio círculo de experiências).

- 4° - Pelas comunicações contendo um conjunto de detalhes relativos à vida do defunto, e recebidas na ausência de qualquer pessoa conhecida (ver p. 436). Pela mediunidade da Sra. Conant, um grande número de espíritos desconhecidos da médium tem sido identificados com pessoas que viveram em diferentes países (p. 559 e seguintes). O caso do velho Chamberlain, aquele de Violette, de Robert Dale Owen, etc.
- 5° - Pela comunicação de fatos que só eram conhecidos pelo defunto e que, sozinho, pode comunicar (ver p. 466). O caso dos filhos do doutor Davey, envenenado e jogado no mar, fato reconhecido exato pelo seguinte: descoberta do testamento do barão Korff; o espírito Jack, que indica o que ele devia e o que lhe era devido, etc.
- 6° - Pelas comunicações que não são espontâneas, como aquelas que precedem, mas provocadas pelos apelos diretos do defunto, e recebidas na ausência de pessoas que o conheciam (ver p. 585). Resposta, pelos espíritos, a cartas fechadas (médium Mansfield). Escrita direta dando resposta à uma questão desconhecida do médium, o Sr. Watkins.
- 7° - Pelas comunicações recebidas na ausência de todas as pessoas conhecidas do defunto, e que trazem certos estados psíquicos ou provocam sensações físicas que lhe eram próprias (p. 597). O espírito de uma louca, ainda perturbada no espaço. O caso do Sr. Elie Pond, de Woonsocket, etc.
(Esses fenômenos são produzidos em número considerável de vezes nas seções dirigidas por nós mesmos).
- 8° - Pela aparição da forma terrestre do defunto (p. 605).
Por vezes, os espíritos possuem defeitos naturais de seu organismo material para se fazerem reconhecer após sua morte, reproduzindo esses acidentes nas materializações. Algumas vezes, é uma mão com dois dedos recurvados sobre a palma, outra de uma queimadura, ou bem como o indicador dobrado sobre a segunda falange, etc.

PARA SABER MAIS:

- » **O mundo invisível e a guerra** Léon Denis (c. XXV, Provas de identidade)
- » **Cristianismo e Espiritismo** Léon Denis (n° 12, Os fenômenos espíritas contemporâneos; provas de identidade)
- » **No Invisível** Léon Denis (2ª parte, cap. XXI, Identidade dos Espíritos)
- » **O fenômeno Espírita** Gabriel Delanne (2ª parte, c. II, Provas absolutas...)
- » **La société anglo-américaine pour les recherches psychiques** de Bennet (ch. VI, Preuves de l'existence d'intelligences autres...)
- » **Après la mort** de Camille Flammarion (ch. XI, Les manifestations des morts...)
- » **Raymond ou la vie après la mort** de Sir Oliver Lodge

Conclusão

Kardec escreveu, no assunto do Espiritismo, que " Esta crença se apóia sobre o raciocínio e sobre os fatos. Eu mesmo a adotei somente após maduro exame. Estando apoiado no estudo das ciências exatas, habituado às coisas positivas, sondei, escrutinei esta nova ciência nos seus

recônditos mais escondidos; queria me dar conta de tudo, porque não aceito uma idéia até que saiba o como e o porque. Eis o raciocínio que me fez um sábio médico outrora incrédulo, e hoje em dia um adepto fervoroso. "

PARTE 5

A Fenomenologia Espírita

Como os Espíritos podem intervir em nosso mundo?
As manifestações de efeitos físicos
As manifestações de efeitos inteligentes



“Evitar o fenômeno espírita, menoscabar a atenção à qual ele tem direito, é menoscabar a Verdade”

Victor Hugo

Como os Espíritos podem intervir no nosso mundo?

À primeira vista, a idéia que se forma dos Espíritos torna o fenômeno das manifestações incompreensíveis. Essas manifestações apenas podem ter lugar pela ação do Espírito sobre a matéria; é por isso que aqueles que acreditam que o Espírito está isento de qualquer matéria se perguntam, com aparente razão, como ele pode agir materialmente. Ora, aí está o erro; porque o Espírito não é uma abstração, é um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo constitui a alma; quando deixa o corpo na morte, dele não sai destituído de todo e qualquer envelope. Tudo nos diz que conserva a forma humana, e, com efeito, o que nos agrada, sob a forma com que o conhecíamos.

Há no homem três elementos: 1º a alma ou Espírito, princípio inteligente no qual reside o senso moral; 2º o corpo, envelope grosseiro, material, do qual temporariamente é revestido para o cumprimento de certos objetivos providenciais; 3º o perispírito, envelope fluídico, semimaterial, servindo de ligação entre a alma e o corpo.

O perispírito não é, de forma alguma, uma daquelas hipóteses às quais temos algumas vezes recorrido na ciência para a explicação de um fato; sua existência não é revelada somente pelos Espíritos, é um resultado das observações.

A natureza íntima do Espírito propriamente dito, isto é do ser pensante, nos é inteiramente desconhecida; se revela a nós apenas por seus atos, e seus atos somente podem atingir nossos sentidos materiais por um intermediário material. O Espírito tem então necessidade da matéria para agir sobre ela. Tem por instrumento direto seu perispírito, como o homem tem seu corpo; ora seu perispírito é matéria, assim acabamos de ver.

Todavia, o perispírito é composto de uma matéria diferente da que conhecemos, que escapa aos nossos sentidos e aos nossos instrumentos. Para poder intervir no mundo material, os Espíritos têm necessidade de retirar, do meio ambiente onde querem se manifestar, um tipo de fluido chamado fluido vital, do qual são, eles mesmos, desprovidos.

Esse fluido vital impregna todos os seres vivos, é o laço entre a matéria e o Espírito; certas pessoas chamadas médiuns são capazes de exteriorizar seu fluido vital e de o tornar disponível. Combinando-o com seu perispírito, os Espíritos podem “animalizar” objetos e fazê-los se deslocar segundo sua vontade. Essa combinação é todavia difícil porque as vibrações do fluido utilizado pelo Espírito devem estar em ressonância com as vibrações próprias de seu perispírito.

Em resumo, basta que um Espírito recolha uma quantidade de energia física liberada conscientemente ou involuntariamente por um homem ou uma mulher, e ele que esteja em concordância com as vibrações desta força orgânica, por serem iguais em certa medida, para agir novamente sobre o plano material e manifestar sua presença e sua personalidade: é isso que se chama de manifestações de efeitos físicos.

O Espírito pode agir diretamente, com seu perispírito, sobre o perispírito de um Espírito encarnado; isso implica em que as vibrações dos dois perispíritos sejam equivalentes. Esta ação se traduz por inspirações, sugestões, reflexos, etc.... é o que se chama de manifestações de efeitos inteligentes.

Visto dessa maneira, a ação do Espírito sobre a matéria se concebe facilmente; compreende-se daí que todos os efeitos resultantes entram na ordem dos fatos naturais, e nada têm de maravilhoso. Eles nos parecem sobrenaturais porque não lhes conhecíamos a causa; sendo esta conhecida, o maravilhoso desaparece, e essa causa está inteiramente nas propriedades semimateriais do perispírito. É uma nova ordem de fatos que uma nova lei vem explicar.

VALE ANOTAR:

- Os Espíritos não são seres imateriais. São compostos de uma alma e de um corpo semi-material, chamado perispírito. A matéria que compõe esse corpo é tão sutil para nós que nos parece difícil aceitá-la como sendo matéria. É por meio desse corpo que os Espíritos podem se manifestar no mundo material.

PARA SABER MAIS:

- » **O Livro dos médiuns** Allan Kardec (2ª parte, c. I, *Ações dos Espíritos sobre a matéria*)
- » **Obras póstumas** Allan Kardec (o *perispírito, princípio das manifestações*)
- » **Le Spiritisme, qu'en savons-nous?** de l'USFF (ch. IX, *Comment les Êtres...*)
- » **Le Spiritisme n° 2** du Centre Spirite Lyonnais (*le magnétisme*, questions 3 à 5, p. 7)

As manifestações de efeitos físicos

Damos o nome de manifestações físicas às que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como barulhos, movimento e deslocamento de corpos sólidos.

As manifestações físicas têm por propósito chamar nossa atenção sobre alguma coisa, e de nos convencer da presença de uma potência superior ao homem. Os Espíritos elevados não se ocupam dessas espécies de manifestações; eles se servem dos Espíritos inferiores para as produzir, como nós nos servimos de servidores para o trabalho grosseiro, e isso dentro do propósito que acabamos de indicar. Uma vez atingido esse propósito, as manifestações cessam, porque não são mais necessárias.

Mesas girantes

O efeito mais simples, e um dos primeiros que foi observado, consiste no movimento circular imprimido a uma mesa. Este efeito se produz sobre todos os objetos igualmente; mas sendo sobre a mesa que mais se o exerce, por ser mais cômodo, o nome de *mesas girantes* prevaleceu para a designação desta espécie de fenômeno.

Quando o efeito começa a se manifestar, escuta-se, geralmente, um pequeno estalido na mesa; sente-se como um frêmito que é o prelúdio do movimento; ela parece fazer um esforço para se desatracar, depois o movimento de rotação se pronuncia; ele se acelera a ponto de adquirir uma rapidez tal que os assistentes fazem todo o esforço do mundo para o seguir. Uma vez estabelecido o movimento, pode-se mesmo se afastar da mesa que continua a mover-se em diversos sentidos sem contato.

Em outras circunstâncias, a mesa se eleva e se endireita, tanto sobre um só pé, quanto sobre um outro, depois retoma docemente a posição natural. D'outras vezes, se balança imitando o movimento de arfagem e de balanço. D'outras vezes, enfim, mas para isso necessita uma potência medianímica considerável, ela se descola inteiramente do solo, e se mantém em equilíbrio no espaço, sem ponto de apoio, elevando-se por vezes mesmo até o teto, de maneira que se possa passar por debaixo; depois ela desce lentamente balançando-se como faria uma folha de papel, ou tomba violentamente e se quebra, o que prova de maneira patente que não é uma ilusão de ótica. Na foto abaixo uma mesa levitando, com a médium Eusápia Paladino. À

esquerda da médium, Camille Flammarion. (De “Les Apparitions Materialisées”, Gabriel Delanne, Paris, 1911)



Pancadas

De todas as manifestações espíritas, as mais simples e as mais freqüentes são os ruídos e as pancadas; é aqui sobretudo que é preciso temer a ilusão, porque uma multidão de causas naturais podem produzi-las: o vento que assobia ou que agita um objeto, um corpo que se mexe por si mesmo sem que disso nos apercebamos, um efeito acústico, um animal escondido, um inseto, etc., até mesmo as travessuras de brincalhões. Os ruídos espíritas têm por outro lado um caráter específico, dotados de uma intensidade toda particular e um timbre muito variado, que os faz reconhecíveis e não permitindo confundi-los com estalos da madeira, a crepitação do fogo ou o tic-tac monótono de um pêndulo; eles são golpes secos, algumas vezes surdos, fracos e ligeiros, algumas vezes claros, distintos, às vezes ruidosos, que mudam de lugar e se repetem sem ter uma regularidade mecânica. De todos os meios de controle, o mais eficaz, o que não pode deixar dúvida sobre sua origem, é a obediência à vontade. Se os golpes se fazem ouvir no lugar designado, se respondem ao pensamento por seu número e intensidade, não se pode desconhecer neles uma causa inteligente; mas a falta de obediência não é sempre uma prova contrária.

Deve-se colocar em guarda não somente contra narrações que podem ser manchadas de exagero, mas contra as próprias impressões, e não atribuir uma origem oculta a tudo o que não se compreende. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais pode produzir efeitos estranhos à primeira vista, e seria uma verdadeira superstição ver por toda parte Espíritos ocupados em derrubar os móveis, quebrar a louça, suscitar enfim mil e um tormentos com a mobília quando seria mais racional pôr-se a culpa sobre a falta de jeito.

Transporte

Este fenômeno consiste no transporte espontâneo de objetos que não existiam no lugar onde estão; são freqüentemente flores, algumas frutas, bombons, jóias, etc..

Diremos primeiramente que esse fenômeno é um dos que mais se prestam à imitação, e que, por conseqüência, é preciso se colocar em guarda contra a fraude. Sabe-se até onde pode ir a arte da prestidigitação em matéria de experiências desse gênero; mas, sem ter ajuda de um especialista, poder-se-ia facilmente ser logrado com uma manobra hábil e interesseira. A melhor de todas as garantias está no *caráter, honorabilidade notória e no desinteresse absoluto* da pessoa que obtém efeitos semelhantes; em segundo lugar no exame atento de todas as circunstâncias nas quais os fatos se produzem; enfim no conhecimento esclarecido do Espiritismo, somente assim se pode fazer descobrir o que possa ser suspeito.

O Espírito que quer fazer um transporte desmaterializa o objeto sobre o qual opera, depois transporta o duplo fluídico desse objeto ao lugar que escolheu, e lá retira do fluido universal os elementos necessários à reconstrução do objeto material, por meio do fluido vital. A mesma operação é feita para as plantas. O duplo fluídico reproduz molécula por molécula todas as partes da planta, pois que isso é o plano de obra fluídico, não resta senão se incorporar as moléculas do fluido universal tornadas materiais pelo espírito, e a planta aparece com todos os seus detalhes, sua frescura, seu colorido, etc., aos olhos dos assistentes. Enfim é sempre a mesma operação que se executa quando um espírito quer se tornar visível e tangível, como nas experiências de Crookes. Não sabemos até que ponto nossa hipótese se aproxima da realidade, mas os fenômenos se produzindo, é preciso explicá-los, e esta é a teoria que até então nos parece a melhor de acordo com os ensinamentos espíritas e as descobertas modernas.

Materializações

Chamamos *materialização* o fenômeno pelo qual um espírito se mostra com um corpo físico tendo todas as aparências da vida normal. Contamos entre os médiuns de materialização mais conhecidos: Eusápia Palladino, Kate Fox, Florence Cook, Eglinton, Home, Sra. Da Esperança, Eva Carrere, Franek Kluski.

As seções de materialização que mais vivamente impressionaram, tiveram lugar com o sábio William Crookes que estudou as materializações do espírito de Katie King durante um período de três anos com a médium Florence Cook (então com 16 anos), e outros cientistas como o Dr. Gully, diretor dos hospitais de Londres e o engenheiro Varley, engenheiro chefe das linhas telegráficas da Inglaterra.

Abaixo foto da materialização do espírito Ana, na casa de Francisco Cândido Xavier, em Pedro Leopoldo, em Dez de 1954. O médium Francisco Peixotinho encontra-se deitado na cama, podendo-se notar o ectoplasma entre o médium e o Espírito.



Uma das principais objeções que os cétricos colocam no assunto das materializações do Espírito é que elas jamais têm lugar em pleno dia, favorecendo assim a fraude. A luz tem, com efeito, um poder dissolvente sobre a matéria utilizada pelos Espíritos para se materializar; Florence Marryat, que assistiu às seções de materialização de Katie King, conta: “Acendeu-se os três bicos de gás... O efeito produzido sobre Katie King foi extraordinário. Ela não resistiu senão um instante, depois a vimos fundir sob nossos olhos, como um boneco de cera diante de um grande fogo. Primeiramente seus traços desvaneceram, não se os distinguia mais. Os olhos se aprofundaram nas órbitas, o nariz desapareceu, a fronte pareceu entrar na

cabeça. Depois os membros cederam e todo o seu corpo se abateu como um edifício que se desmorona. Não restou mais que sua cabeça sobre o tapete, depois um pouco de pano branco que desapareceu como se tivesse subitamente sido tirado de cima: ficamos alguns instantes de olhos fixos no lugar onde Katie havia cessado de aparecer: assim terminou esta seção memorável.”

O Espiritismo ensina desde muito tempo que o meio consciente ou alma é envolvido de um envelope sutil chamado perispírito. Esse perispírito é o molde fluídico no qual a matéria se incorpora durante a vida; é ele que, sob a impulsão da força vital, mantém o tipo específico e individual, porque ele é invariável em meio do fluxo incessante da matéria orgânica. Esse perispírito não se destrói após a morte, mas se conserva intacto em meio a desorganização da matéria, e é nele que se encontra gravado as aquisições da alma, que pode assim recordar o passado. O Espírito é capaz, dentro de certas condições, de acumular em seu perispírito bastante força vital para dar uma vida material momentânea ao organismo fluídico; isto, com a matéria emprestada ao médium, dá a tangibilidade de um corpo ordinário; é uma verdadeira criação, mas que apenas tem duração efêmera, porque é conseguida fora dos procedimentos normais da natureza.

Vários fatos apóiam esta teoria, a saber:

- **A perda de peso do médium** – Uma prova em favor desta teoria é que se tem constatado um diminuição do peso do médium durante as seções de materialização. Assim, Florence Marryat escreveu: “Tendo visto a Srta. Florence Cook colocada sobre uma balança, construída por projeto do Sr. Crookes, constatei que a médium, que antes pesava 112 libras, logo que o Espírito materializado tomava forma, o peso do seu corpo não ultrapassava mais que a metade, 56 libras.”
- **A diferença física entre a médium e o Espírito** – Katie King e Florence são de estaturas e de cabeleiras diferentes. William Crookes escreveu: “Uma noite, contei as pulsações de Katie; seu pulso batia regularmente 75, enquanto que a de Srta. Cook, poucos instantes após, atingia 90, sua cifra habitual. Apoiando meu ouvido sobre o peito de Katie, podia ouvir seu coração bater no interior, e suas pulsações estando ainda mais regulares que as da Srta. Cook; após as seções elas me permitiram a mesma experiência. Experimentando da mesma maneira, os pulmões de Katie se mostravam mais sãos que os de sua médium, porque no momento em que fiz a experiência, a Srta. Cook seguia um tratamento médico contra uma forte constipação.” Por vezes adiantou-se a hipótese de que o ser materializado não seria outro que o duplo do médium. Esta teoria tem apenas base empírica porque, como podemos ver dos fatos acima, o Espírito e seu médium são duas personalidades bem distintas. Além disso, Florence Cook, despertada, conversa durante alguns minutos com Katie King e William Crookes, que vê todas as duas.
- **A fotografia espírita** – A fotografia espírita traz a prova da realidade objetiva da aparição: Os aparelhos fotográficos não estão sujeitos a alucinações! William Crookes tirou quarenta clichês do Espírito Katie King mostrando nitidamente as diferenças físicas entre esta e sua médium. Abaixo, foto do Espírito Katie, acompanhada de William Crookes.



- **As moldagens** – Esta constitui a mais flagrante prova em favor da teoria Espírita. Eis a maneira de operar comumente empregada, nas circunstâncias: Dois vasos contendo, um água fria, o outro água quente, são trazidos para a sala onde a experiência tem lugar; na superfície da água quente flutua uma camada de parafina fundida. Se queremos obter o molde de uma mão materializada, pedimos ao Espírito para mergulhar sua mão na parafina fluida e imediatamente na água fria, e de repetir várias vezes esta operação. Desta maneira se forma, na superfície da mão, uma luva de parafina de uma certa espessura, e, quando a mão do Espírito se desmaterializa, ela deixa um molde perfeito que se enche de gesso. Basta então mergulhar tudo na água fervente, e, a parafina se funde restando uma impressão exata e fiel do membro materializado. Uma tal impressão é impossível de realizar, porque é impossível retirar a mão sem destruir o molde.

PARA SABER MAIS:

- » **O Livro dos médiuns** Allan Kardec (2ª parte, c. II, *Manifestações físicas – mesas girantes*).
- » **O Livro dos médiuns** Allan Kardec (2ª parte, c. IV, *Teoria das manifestações físicas*)
- » **O Livro dos médiuns** Allan Kardec (2ª parte, c. V, *Manifestações físicas espontâneas*)
- » **O Fenômeno Espírita** Gabriel Delanne (2ª parte, c. III, *Mediunidades diversas* e c. IV, *Espiritismo transcendental*)
- » **L'âme est immortelle** de Gabriel Delanne (2^{ème} partie, ch. III, *Photographies et moulages de formes d'Esprits désincarnés*)
- » **L'âme est immortelle** de Gabriel Delanne (2^{ème} partie, ch. III, *Discussion sur les phénomènes de matérialisation*)
- » **No Invisível** Léon Denis (c. XVI, c. XVII, c. XVIII, c. XIX, c. XX)
- » **Recherches sur les phénomènes du Spiritualisme** de William Crookes p.141 (*Notes sur des recherches faites dans le domaine des phénomènes appelés spirites*)

As manifestações de efeitos inteligentes

O Espírito comunicante não se preocupa no que vamos dizer aqui com a mão do médium, para a mediação do cérebro, para fazê-lo escrever. O Espírito comunicante, por sua vontade,

imprime ao cordão fluídico movimentos ondulatórios que se repercutem no perispírito do médium; essas vibrações chegando ao cérebro perispiritual, fazem vibrar as partes análogas àquelas pelas quais são emitidas no espírito, de sorte que essas vibrações semelhantes estimulam idéias de mesma natureza. Isto é o que se passa aliás no caso da palavra. Quando se pronuncia a palavra homem, as vibrações sonoras chegando ao cérebro o fazem vibrar de uma certa maneira que evoca no espírito daquele que escuta a idéia representada pela palavra homem. As vibrações perispirituais agem da mesma forma, mas sem passar, no caso de que nos ocupamos, pelos órgãos materiais da audição. Nesta circunstância a regra da alma encarnada não é passiva; é ela quem recebe o pensamento do espírito e que o transmite. O médium, nesse gênero de comunicação, tem então consciência do que escreve, ainda que esse não seja de forma alguma seu pensamento.

Se for assim, dirá você, nada prova que seja antes o espírito comunicante que escreve e não o do médium. A distinção é, algumas vezes, muito difícil de ser feita, mas pode-se reconhecer o pensamento sugerido pelo fato de que ele não é jamais preconcebido; ele se forma, por assim dizer, à medida que se escreve, e frequentemente é contrário à idéia preliminar que se tinha feito; ele pode mesmo estar, neste caso, fora dos conhecimentos do médium.

No exercício da *mediunidade intuitiva*, no estado de vigília, muitos se desencorajam diante da impossibilidade de distinguir as idéias que lhes são próprias daquelas que lhes são sugeridas. É entretanto fácil, cremos nós, reconhecer idéias de procedência externa. Elas jorram espontaneamente, de improviso, como clarões súbitos emanando de um foco desconhecido, enquanto que nossas idéias pessoais, que provêm de nosso interior, estão sempre à nossa disposição e ocupam, de maneira permanente, nosso intelecto. Não é somente que as idéias inspiradas surjam como por encantamento, mas elas se seguem, se encadeiam delas mesmo e se exprimem com rapidez, por vezes de uma maneira febril.

Allan Kardec distinguiu perfeitamente duas variedades de mediunidade, a saber a mediunidade mecânica e a mediunidade intuitiva: ele disse que a regra do médium mecânico é a de uma máquina, enquanto que o médium intuitivo age como o faria um intermediário ou intérprete. Este, com efeito, para transmitir o pensamento dos interlocutores, deve compreendê-lo, se apropriar dele de alguma maneira, para o traduzir fielmente; e portanto este pensamento não é o seu, apenas atravessa seu cérebro; tal é exatamente o que se passa com o médium intuitivo.

Observemos ainda que o desenvolvimento intelectual do intermediário é indispensável para que ele possa exprimir corretamente as idéias que recebeu. Como é ele quem escreve, quem redige, pode dar aos pensamentos sugeridos uma forma mais ou menos literária, segundo seus estudos e suas capacidades. É então, sobretudo do ponto de vista moral, e pelas provas que fornecem, que é preciso julgar as comunicações e não se ater muito ao estilo que pode perfeitamente estar desfigurado pelo intérprete. Eles se comunicam com os Espíritos encarnados apenas pela radiação de seu pensamento.

É por isso que, qualquer que seja a diversidade dos espíritos que se comunicam com um médium, os ditados obtidos por ele, procedentes de espíritos diversos, trazem um traço da forma e do colorido pessoal do médium. Ainda que o pensamento lhe seja inteiramente externo, ainda que o assunto saia do quadro no qual ele habitualmente se situa, ainda que queiramos dizer que não provêm de forma alguma dele, ele ainda assim influencia a forma, pelas qualidades e pelas propriedades que são adequadas a esse indivíduo.

Pode-se ler em “*O Livro dos Médiuns*” a seguinte comunicação: “É com certeza como quando vocês olham diferentes pontos de vista com óculos coloridos, verdes, brancos ou azuis; ainda que os pontos de vista ou objetos sejam completamente opostos e inteiramente independentes uns dos outros, eles sempre oferecem um colorido que provêm da cor das

lentes. Ou melhor, comparemos os médiuns com esses vidros cheios de líquidos coloridos e transparentes; bem, somos como as luzes que iluminam certos pontos de vista morais, filosóficos e científicos, através dos médiuns azuis, verdes ou vermelhos, de tal sorte que nossos raios luminosos, obrigados a passar através de vidros mais ou menos bem talhados, mais ou menos transparentes, quer dizer por médiuns mais ou menos inteligentes, não chegam sobre os objetos que queremos iluminar sem emprestar-lhes a tintura, ou melhor a forma própria e particular desses médiuns.”

O pensamento do Espírito agente é uno em seu princípio de emissão, mas variado em suas manifestações, segundo o estado mais ou menos perfeito dos instrumentos que emprega. Cada médium marca com a impressão de sua personalidade a inspiração que lhe vem de mais alto. Quanto mais intelectualizado e espiritualizado o sujeito, mais os instintos materiais são nele contidos, e mais o pensamento superior será transmitido com pureza e fidelidade.

A grande corrente de um rio não pode escoar através de um canal estreito; da mesma forma um Espírito inspirador só será bem sucedido se transmitir pelo organismo do médium apenas aquelas concepções que encontrarão um terreno preparado. Por um grande esforço mental, sob a excitação de uma força exterior, o médium poderá exprimir concepções acima de seu próprio saber; mas, na expressão das idéias sugeridas, se encontrará seus termos favoritos, seu modo de dizer frases habituais, a despeito do estímulo que de súbito, por um instante, empresta mais amplitude e elevação à sua linguagem.

Quase todos os autores, escritores, oradores e poetas, são médiuns em certos momentos: tem a intuição de uma assistência oculta que os inspira e participa em seus trabalhos. Eles o confessam a si mesmos nos momentos de expansão.

Thomas Paine escreveu: “Não há ninguém que, estando ocupado do progresso do espírito humano, não tenha feito esta observação de que há duas classes bem distintas do que se nomeou Idéias ou Pensamentos: aquelas que são produzidas em nós mesmo pela reflexão e aquelas que se nascem delas mesmo em nosso espírito. Eu me fiz uma obrigação de sempre acolher com delicadeza esses visitantes inesperados e de pesquisar com todo o cuidado de que sou capaz se merecem minha atenção. Declaro que é a esses hóspedes externos que devo todo o conhecimento que possuo.”

Emerson fala em seus termos do fenômeno da inspiração: “Os pensamentos não me vêm sucessivamente, como num problema matemático, mas penetram eles mesmos em meu intelecto, semelhantes a um relâmpago que brilha nas trevas da noite. A verdade me chega, não por raciocínio, mas por intuição.”

Encontramos em Goethe (*Cartas a uma criança*) os detalhes seguintes sobre Beethoven: “Beethoven, falando da fonte de onde vinha a concepção de suas obras, dizia a Bettina: “Me sinto forçado a deixar transbordar por todos os lados as ondas de harmonia provenientes do foco de inspiração. Tento segui-las, as retomo apaixonadamente; de novo, me escapam e desaparecem no meio da multidão de distrações que me envolvem. Logo recobro a inspiração com ardor; arrebatado, multiplico todas as modulações, e, no momento derradeiro, triunfo do primeiro pensamento musical; eis agora, é uma sinfonia...” Devo viver sozinho comigo mesmo. Sei bem que Deus e seus anjos estão mais perto de mim, de minha arte, que os outros. Comunico-me com eles sem temor. A música é a única entrada espiritual nas esferas superiores da inteligência.”

Mozart, por seu lado, em uma de suas cartas a um amigo íntimo, nos inicia nos mistérios da inspiração musical: “Vocês disseram que queriam saber qual é minha maneira de compor e que método eu sigo. Não posso verdadeiramente dizer mais do que se segue, porque eu mesmo não o sei bem e não consigo me explicar. Quando estou bem disposto e absolutamente só

durante uma caminhada, os pensamentos musicais me vêm em abundância. Não sei de onde vêm esses pensamentos, nem como me chegam; minha vontade não entra nisso para nada...”

No declínio de sua vida, enquanto o ombro da morte já se estendia sobre ele, em um momento de calma, de serenidade perfeita, ele chama um de seus amigos que se encontrava no seu quarto: “Ouça”, diz ele, “estou escutando a música.” Seu amigo lhe respondeu: “Não ouço nada.” Mas Mozart, arrebatado, continua a perceber as harmonias celestes e seu pálido semblante se ilumina. Depois ele cita a testemunha de Santa Joanna: “e escutei a música do céu”; É então que ele compõe seu *Requiem*.

PARA SABER MAIS:

- » **O Espiritismo perante a Ciência** de Gabriel Delanne (5ª parte, c. II, *Os médiuns escreventes – mediunidade intuitiva*)
- » **No Invisível** Léon Denis (2ª parte, c. XIII, *Clarividência. Pressentimentos.*)
- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor**, Léon Denis (c. XXI, *A consciência, o senso íntimo*, a partir da pág. 447)

Conclusão

Temos constatado que existem dois grandes tipos de manifestações: as primeiras, de efeitos físicos, tem por objetivo atrair a atenção sobre o mundo espiritual; os Espíritos superiores não se ocupam dessas manifestações, que são executadas pelos Espíritos inferiores, por terem mais afinidade com a matéria.

As segundas, de efeitos inteligentes, são utilizadas pelos habitantes do mundo invisível para nos transmitir suas advertências, suas instruções, e, para facilitar nossa evolução.

PARTE 6

Justiça e Responsabilidade

O livre arbítrio: Fatalidade e Responsabilidade
A Justiça e a lei de causalidade
Provas e suicídio



"Se Deus é soberanamente justo e bom, Ele não pode agir por capricho nem com parcialidade.

As vicissitudes da vida têm então uma causa e, desde que Deus é justo, essa causa deve ser justa."

Allan Kardec.

O livre arbítrio: Fatalidade e Responsabilidade

A noção de livre arbítrio está desassociada da de responsabilidade. Se o homem não fosse livre para atuar, seria apenas uma máquina cega; os criminosos e os viciados não seriam então responsáveis por seus atos, que poderiam atribuir aos seus “genes”. Essa crença de que todos os nossos pensamentos e todos os nossos atos são inteiramente determinados pelas leis da matéria, e que a impressão que temos de ser livres é ilusória, é chamada de determinismo. É a negação de toda responsabilidade e de toda moralidade.

A questão do livre arbítrio é esclarecida pela doutrina dos renascimentos sucessivos e evolução do ser: nas camadas inferiores da criação, o ser ainda se ignora; apenas o instinto e a necessidade o conduzem, e é apenas nos tipos mais evoluídos que aparecem, como uma alva veste pálida, os primeiros rudimentos de faculdades. Na humanidade, a alma está enriquecida pela liberdade moral. Seu julgamento, sua consciência se desenvolve mais e mais, à medida que percorre sua imensa carreira. Colocada entre o bem e o mal, compara e escolhe livremente. Esclarecida por suas decepções e seus males, é no seio das provas que sua experiência se forma, que sua força moral se tempera.

A questão do livre arbítrio pode se resumir assim: O homem não é, de forma alguma, conduzido fatalmente ao mal; os atos que perfaz não estão escritos antecipadamente; os crimes que comete não são, de nenhuma maneira, o cometimento de um sentença do destino. Ele pode, como prova e como expiação, escolher uma existência onde terá as tentações do crime, seja pelo meio onde se encontra colocado, seja pelas circunstâncias que sobrevêm, mas ele é sempre livre de agir ou de não agir. Assim o livre arbítrio existe, no estado espiritual, na escolha da existência e das provas, e, no estado corporal, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos aos quais voluntariamente nos submetemos.

O Espírito desembaraçado da matéria e no estado errante, faz escolha de suas existências corporais futuras segundo o grau de perfeição ao qual chegou, e é nisso, como dissemos, que consiste sobretudo seu livre arbítrio. Essa liberdade não é de nenhuma forma anulada pela encarnação; se cede à influência da matéria, é porque sucumbe ante as provas que ele mesmo escolheu, e é para ajudar a superá-las que pode invocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos.

Sem o livre arbítrio o homem não tem nem culpa no mal, nem mérito no bem; e isso é a tal ponto reconhecido que, no mundo, a reprovação ou o elogio são sempre proporcionais à intenção, isto é à vontade; ora, quem diz vontade diz liberdade. O homem não poderia então procurar uma desculpa de suas faltas na sua organização, sem abdicar de sua razão e de sua condição de ser humano, e assim se assemelhar aos brutos. Se ele assim agisse para o mal, agiria do mesmo modo para o bem; mas quando o homem faz o bem, tem um grande sentimento de estar fazendo algo meritório, e não se preocupa de gratificar seus órgãos, o que prova que, malgrado a opinião de alguns sistemáticos, ele não renuncia, instintivamente, ao mais belo privilégio de sua espécie: a liberdade de pensar.

A fatalidade, tal como se entende vulgarmente, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os eventos da vida, qualquer que seja sua importância. Se tal fosse a ordem das coisas, o homem seria uma máquina sem vontade. Para que lhe serviria sua inteligência, uma vez que em todos os seus atos seria dominado pelo poder do destino? Uma tal doutrina, se fosse verdadeira, seria a destruição de toda liberdade moral; não haveria mais para o homem a responsabilidade, e por conseqüência nem o bem, nem o mal, nem crimes, nem virtudes. Deus, soberanamente justo, não poderia punir sua criatura pelas faltas que não dependeria dele não cometer, nem o recompensar pelas virtudes das quais não teria o mérito. Uma semelhante lei

seria a negação da lei do progresso, porque o homem que esperasse tudo da sorte nada faria para melhorar sua posição, uma vez que, em o fazendo, nada ganharia.

A fatalidade portanto não é uma palavra vã; ela existe na posição que o homem ocupa sobre a terra e nas funções que cumpre, e, por conseguinte, no gênero de existência que seu Espírito de fato escolheu como *prova, expiação ou missão*; ele sofre fatalmente todas as vicissitudes desta existência, e todas as *tendências* boas ou más que lhe são inerentes; mas aí termina a fatalidade, porque depende de sua vontade ceder ou não a essas tendências. *Os detalhes dos eventos estão subordinados às circunstâncias que ele mesmo provoca por seus atos*, e sobre os quais os Espíritos podem influenciar pelos pensamentos que lhe sugerem.

A fatalidade está então nos eventos que se apresentam, já que são consequência da escolha de existência feita pelo Espírito; ela pode não estar no resultado desses eventos, uma vez que pode depender do homem lhes modificar o curso por sua prudência; ela jamais está nos atos da vida moral.

É na morte que o homem está submetido de maneira absoluta à lei inexorável da fatalidade; porque ele não pode escapar à sentença que fixa o termo de sua existência, nem ao gênero de morte que deve interromper seu curso.

Segundo a doutrina materialista, o homem carrega em si mesmo todos os seus instintos; eles provêm seja de sua organização física, pela qual não seria responsável, seja de sua própria natureza, na qual pode buscar uma desculpa a seus próprios olhos, dizendo que isso não seria sua falta já que nasceu assim. A Doutrina Espírita é evidentemente mais moral: ela admite o livre arbítrio do homem em toda a sua plenitude; lhe diz que ao agir mal, seja por sua própria vontade, seja por ter cedido à uma sugestão estranha má, lhe cabe toda a responsabilidade, uma vez que lhe reconhece o poder de resistir; o que evidentemente é mais fácil do que se tivesse de lutar contra sua própria natureza. Assim, segundo a Doutrina Espírita, ele não tem um arrebatamento irresistível: o homem sempre pode fechar os ouvidos à voz oculta que lhe sugere o mal em seu foro íntimo, como os pode fechar à voz material dos que lhe falam; ele assim o faz por sua vontade, pedindo a Deus a força necessária, e, com o mesmo intuito, reclamando a assistência dos bons Espíritos. É o que Jesus nos ensina na sua sublime prece da *Oração Dominical*, quando nos faz dizer: “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.”

Esta teoria da causa excitante de nossos atos ressalta evidentemente de todo o ensinamento dado pelos Espíritos; não somente ela é sublime de moralidade, mas acrescentaremos que ela se revela aos nossos próprios olhos; ela o mostra livre de sacudir um jogo obsessivo, como é livre de fechar sua casa aos inoportunos; ele não é mais uma máquina agindo por uma impulsão independente de sua vontade, é um ser de razão, que escuta, que julga e que escolhe livremente entre dois conselhos. Acrescentemos que, devido a isso, o homem não está absolutamente privado de sua iniciativa; não deixa de atuar por sua própria motivação, porque definitivamente não é senão um Espírito encarnado que conserva, sob o invólucro corporal, as qualidades e os defeitos que teria como Espírito. As faltas que cometemos têm então sua fonte primária na imperfeição de nosso próprio Espírito, que ainda não atingiu a superioridade moral que terá um dia, mas que traz completo o seu livre arbítrio; a vida corporal lhe é dada para purgar-se de suas imperfeições pelas provas que sofre, e são precisamente suas imperfeições que o fazem mais falível e mais acessível às sugestões dos outros Espíritos imperfeitos, que se empenham em procurar fazê-lo sucumbir na luta a que se comprometeu. Se vier a vencer dessa luta, se eleva; se malogra, permanece naquilo que era, nem pior, nem melhor: é uma prova a recomençar, e isso pode durar assim por muito tempo. Quanto mais se depura, mais seu lado fraco diminui, e menos se entrega àqueles que o solicitam ao mal; sua força moral cresce em razão de sua elevação, e os maus Espíritos dele se afastam.

Os filósofos têm freqüentemente contraposto o livre arbítrio à presciência Divina pretendendo que se Deus tem o conhecimento do porvir, então nossos atos não são livres uma vez que não podemos ir de encontro ao plano Divino. Diante do conhecimento antecipado que Deus tem por todas as coisas, podemos verdadeiramente afirmar a liberdade humana? Questão complexa e árdua na aparência, e cuja solução está entretanto entre as mais simples. Mas o homem não gosta das coisas simples. Prefere obscurecer, complicar e não aceitar a verdade senão após ter esgotado todas as formas do erro.

Deus, cuja natureza infinita abarca todas as coisas, conhece a natureza de cada homem, os impulsos e as tendências às quais ele poderá se render. Nós mesmos, conhecendo o caráter de uma pessoa, podemos facilmente prever em que sentido, em uma dada circunstância, ela se decidirá, seja por interesse, seja por dever. Uma resolução não pode nascer do nada. Ela está forçosamente ligada a uma série de causas e efeitos anteriores dos quais deriva e que a explicam. Deus, conhecendo cada alma em seus mínimos meandros, pode então rigorosamente, com certeza, deduzir do conhecimento que tem dessa alma, e das condições onde é chamada a agir, as determinações que, livremente, ela tomará.

Observemos que a previsão de nossos atos não os faz surgir. Mesmo podendo Deus prever nossas resoluções, nem por isso elas têm seu curso menos livre.

É assim que a liberdade humana e a providência divina se reconciliam e se combinam, quando se considera o problema na luz da razão.

VALE ANOTAR:

- Sem livre arbítrio, o homem não teria a responsabilidade dos seus atos.
- A fatalidade nunca existe nos atos da vida moral.

PARA SABER MAIS:

- » **O Livro dos Espíritos** Allan Kardec (3^a parte, cap. X, *Livre arbítrio*)
- » **O Livro dos Espíritos** Allan Kardec (3^a parte, cap. X, *Fatalidade*)
- » **O Livro dos Espíritos** Allan Kardec (3^a parte, cap. X, *Resumo teórico do móvel...*)
- » **Depois da morte** Léon Denis (cap. XL, *Livre arbítrio e Providência*)
- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor**, Léon Denis (cap. XXII, *Livre arbítrio*)
- » **Revista Espírita 2000** - n° 43, p. 19 (*Livre arbítrio*)
- » **Revista Espírita 1863**, p.318 (*Livre arbítrio e presciência divina*)
- » **Revista Espírita 1867**, p.253 (*Responsabilidade moral*)
- » **Revista Espírita 1870**, p.109 (*O livre arbítrio*)

A Justiça e a lei de causalidade

Tudo se encadeia e se liga no Universo, tanto moral como fisicamente, nos dizem os Espíritos. Na ordem dos fatos, do mais simples ao mais complexo, tudo está regido por uma lei; cada efeito se relaciona a uma causa, e cada causa gera um efeito idêntico a ela mesma. Daí, no domínio moral, o princípio da justiça, a sanção do bem e do mal, a lei distributiva que dá a cada um segundo suas obras. Assim como as nuvens formadas pela evaporação fatalmente

retornam sobre o solo como chuva, da mesma forma as conseqüências dos atos cometidos retornam sobre seus autores. Cada um desses atos, cada uma das volições de nosso pensamento, conforme a força de impulsão que lhes é imprimida, acabam, em sua evolução, por retornar com seus efeitos, bons ou maus, de volta à fonte que os produziu. Assim as penas e as recompensas se repartem pelos indivíduos no jogo natural das coisas. O mal como o bem, tudo retorna a seu ponto de partida. É dos fatos que se produzem os efeitos no curso mesmo da vida terrestre. Assim também é em outros mais graves, cujas conseqüências se fazem sentir somente na vida espiritual e por vezes mesmo nas encarnações posteriores.

A pena de talião nada tem de absoluta. Ela é tão verdadeira quanto o fato de que as paixões e os defeitos do homem conduzem a resultados sempre idênticos, dos quais ele não consegue se subtrair. O orgulhoso prepara para si um porvir de humilhação; o egoísta cria em torno dele o vazio e a indiferença, e duras privações esperam os sensuais. Aí está a punição inevitável, o remédio eficaz que cura o mal em sua causa, sem que nenhum ser tenha de se constituir o carrasco de seus semelhantes.

O arrependimento, um ardente apelo à misericórdia divina, colocando-nos em comunicação com as potências superiores, pode nos proporcionar a força necessária para percorrer a via dolorosa, o caminho de provas que nosso passado nos traça; mas, fora da expiação, nada poderia apagar nossas faltas. O sofrimento, este grande educador, só pode nos reabilitar.

A lei de justiça nada mais é então do que o funcionamento da ordem moral universal, e as penas, os castigos, representam a reação da natureza ultrajada e violentada em seus princípios eternos. As forças do universo são solidárias, repercutem e vibram em uníssono. Toda potência moral reage sobre aquele que as violam, proporcionalmente ao seu modo de ação. Deus não castiga a ninguém. Ele deixa ao tempo o cuidado de fazer os efeitos decorrerem de suas causas. O homem é então seu próprio justiceiro, porque, conforme o uso e abuso que faz de sua liberdade, se torna feliz ou infeliz. O resultado de seus atos se faz por vezes esperar. Vemos neste mundo os culpados amordaçarem sua consciência, rirem-se das leis, viverem e morrerem honrados. Ao contrário, vemos pessoas honestas serem perseguidas pela adversidade e pela calúnia ! Daí, a necessidade das vidas futuras, no curso das quais o princípio de justiça encontra sua aplicação, e o estado moral do ser, seu equilíbrio. Sem esse complemento necessário, a existência atual não teria sentido, e quase todos nossos atos seriam desprovidos de sanção.

Em realidade, a ignorância é o mal soberano, de onde decorrem todos os outros males. Se o homem visse distintamente a conseqüência de seus atos, sua conduta seria diferente. Conhecendo a lei moral e sua aplicação inelutável, não procuraria mais violá-la tanto quanto não resiste às leis do peso e da gravitação.

O homem deve enfim aprender a medir o alcance de seus atos, entender suas responsabilidades, sacudir essa indiferença que cava o abismo das misérias sociais e envenena moralmente esta terra onde lhe será necessário talvez renascer muitas vezes ainda. É preciso que um novo sopro passe sobre as pessoas e ilumine nelas estas convicções de onde saem as vontades firmes, inquebrantáveis. Importa enfim que todos adotem isto: o reino do mal não é eterno, a justiça não é uma palavra vã; somente ela governa os mundos, e, sob seu nivelamento possante, todas as almas se curvam na vida futura, todas as resistências, todas as rebeliões se quebram.

Da idéia superior de justiça decorrem então a igualdade, a solidariedade e a responsabilidade dos seres. Estes princípios se unem e se fundem em um todo, em uma lei única que domina e rege o universo: o progresso na liberdade. Esta harmonia, esta coordenação possante das leis e das coisas não dá uma idéia de alguma forma maior e consoladora da vida e dos destinos humanos, do que as concepções negativistas? Nesta imensidade onde a equidade

aparece até nos mínimos detalhes, onde nenhum ato útil fica sem proveito, nenhuma falta sem castigo, nenhum sofrimento sem compensação, o ser sente-se religado a tudo que vive. Trabalhando para si mesmo e por todos, desenvolve livremente suas forças, vê aumentar sua luz, crescer sua felicidade.

Não se compara estas visões às dos frios materialistas, a este universo assustador onde seres se agitam, sofrem e passam, sem laços, sem propósitos, sem esperança, percorrendo suas vidas efêmeras como pálidas sombras saídas do nada para recaírem na noite e silêncio eternos ! Dessas concepções, qual é a mais capaz de sustentar o homem em suas dores, de temperar seu caráter, de transportá-lo para os altos cumes !

PARA SABER MAIS:

- » **Depois da morte** de Léon Denis (cap. XXXIX, *Justiça, Solidariedade, Responsabilidade*)
- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** de Léon Denis (cap. XXIII, *O problema do mal*)
- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** de Léon Denis (cap. XXIV, *Lei dos destinos*)
- » **O Céu e o Inferno** Allan Kardec (2ª parte, cap. VIII, *Expiacões terrestres*)

Provas e suicídio

Desde que se admita Deus, não podemos concebê-LO sem a infinidade das perfeições; Ele deve ser todo poderoso, todo justiça, todo bondade, sem isso não seria Deus. Se Deus é soberanamente bom e justo, não pode agir por capricho nem com parcialidade. *As vicissitudes da vida têm uma causa, e desde que Deus é justo, esta causa deve ser justa.* Eis do que cada um deve bem se compenetrar. Deus colocou os homens sobre o caminho dessa causa pelos ensinamentos de Jesus, e hoje, julgando-os bastante maduros para a compreender, Ele lhes revelou tudo por inteiro pelo *Espiritismo*, isto é pela *voz dos Espíritos*.

O homem sobre a terra, e colocado sob a influência das idéias carnisais, vê nessa provas apenas o lado penoso; mas na vida espiritual, compara essas gozos fugidios e grosseiros com a felicidade inalterável que ele entrevê, e então vê que foram apenas sofrimentos passageiros. O Espírito pode então escolher a prova mais rude, e por conseqüência a existência mais penosa na esperança de chegar mais rápido a um estado melhor, como na doença escolheria frequentemente o remédio mais desagradável para se curar mais cedo. Aquele que quer ligar seu nome à descoberta de um país desconhecido não escolhe uma rota florida; sabe dos perigos que corre, mas sabe também a glória que o espera se for bem sucedido.

A doutrina da liberdade de escolha de nossas existências e das provas que devemos suportar cessa de parecer extraordinária se consideramos que os Espíritos, livres da matéria, apreciam as coisas de uma maneira diferente do que o fazemos nós mesmos. Eles se apercebem do objetivo, de maneira bem mais séria para eles do que dos gozos do mundo; após cada existência, vêm o que fizeram no passado, e compreendem o que lhes falta ainda atingir em pureza: eis porque se submetem voluntariamente à todas as vicissitudes da vida corporal procurando, por eles mesmos, aquelas que podem fazê-los lá chegar mais prontamente. É por isso justamente que nos admiramos de não ver o Espírito dar preferência a uma existência mais doce. Ele não poderia gozar, em seu estado de imperfeição, uma vida isenta de amarguras; mas a entrevê, e é para aí chegar que procura se melhorar.

Aqueles que nascem em semelhantes condições certamente não fizeram nada nesta vida para merecer tão triste sorte, sem compensação, sem que a pudessem evitar, impotentes de a mudar por eles mesmos, e que os coloca à mercê da comiserção pública. Por que então estes seres tão desgraçados, enquanto que a seu lado, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos sob todos os aspectos?

Que dizer enfim das crianças que morrem em tenra idade e tendo conhecido da vida apenas os sofrimentos? Problemas que nenhum filósofo pode ainda resolver, anomalias que nenhuma religião pode justificar, e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, na hipótese de que a alma fosse criada ao mesmo tempo que o corpo, e que sua sorte estivesse irrevogavelmente fixada após uma residência de alguns instantes sobre a terra. Que fizeram eles, essas almas que acabam de sair das mãos do Criador, para sofrer tanta miséria aqui em baixo, e merecer no porvir uma recompensa ou uma punição qualquer, enquanto ainda não puderam fazer nem bem nem mal?

Entretanto, não é necessário crer que todo sofrimento suportado aqui em baixo seja necessariamente indicação de uma falta determinada; são, freqüentemente, simples provas escolhidas para acabar sua depuração e acelerar seu adiantamento. Assim a expiação serve sempre de prova, mas a prova não é sempre uma expiação; mas, provas e expiações, são sempre sinais de uma inferioridade relativa, porque aquele que é perfeito não tem necessidade de ser provado. Um Espírito pode então ter adquirido um certo grau de elevação, mas, querendo avançar ainda, solicita uma missão, uma tarefa a cumprir, da qual, se sair vitorioso, será tanto mais recompensado quanto mais penosa a luta tenha sido. Tais são mais especialmente essas pessoas com instintos naturais bons, de alma elevada, de nobres sentimentos natos que parecem não ter trazido nada de mau de sua existência precedente, e que suportam com uma resignação toda cristã as maiores dores, pedindo a Deus que as suportem sem murmurar. Ao contrário, pode-se considerar como expiações as aflições que excitam murmurações e impelem o homem à revolta contra Deus.

O suicida

Pode-se ler na questão 957 de O Livro dos Espíritos: “Quais são, em geral, as conseqüências do suicídio para o estado do Espírito?”

“As conseqüências do suicídio são muito diversas; não há penas fixadas, e em todos os casos são sempre relativas às causas que a ele conduziram; mas uma conseqüência à qual o suicida não pode escapar, é o *desapontamento*. De resto, a sorte não é a mesma para todos: depende das circunstâncias; alguns expiam sua falta imediatamente, outros em uma nova existência que será pior que aquela da qual interromperam o curso.”

A observação mostra, com efeito, que a situação dos suicidas não é sempre a mesma; mas há as que são comuns a todos os casos de morte violenta, e que são conseqüência da interrupção brusca da vida. Isso porque, antes de tudo, existe a persistência mais prolongada e mais tenaz do laço que une o Espírito ao corpo, laço esse que está quase sempre com toda sua força no momento em que foi quebrado, enquanto que na morte natural ele se enfraquece gradualmente, e freqüentemente é desatado antes que a vida seja completamente extinta. As conseqüências desse estado de coisas são o prolongamento da perturbação espiritual seguido depois da ilusão que, durante um tempo mais ou menos longo, faz crer ao Espírito que ele ainda está entre o número dos vivos.

A afinidade que persiste entre o Espírito e o corpo produz, em alguns suicidas, uma espécie de repercussão do estado do corpo sobre o Espírito que assim se ressentem, malgrado os efeitos da decomposição, e passa por uma plena sensação de angústia e de horror, estado esse

que pode persistir por um longo tempo e ter a duração do restante da vida que eles acabaram de interromper. Esse efeito não é geral; mas em alguns casos de suicídio o Espírito não é libertado das conseqüências de sua falta de coragem, e cedo ou tarde expia seu erro de uma maneira ou de outra. É assim que certos Espíritos, que tinham sido muito infelizes sobre a terra, disseram ter sido suicidas em sua existência precedente, e terem sido voluntariamente submetidos a novas provas para tentar suportá-las com mais resignação. Entre alguns é uma espécie de apego à matéria do qual procuram em vão se desembaraçar para se elevar para mundos melhores, mas cujo acesso lhes está interdito; entre a maior parte está o pesar de haver feito uma coisa inútil, pois disso provaram apenas a decepção.

A religião, a moral e todas as filosofias condenam o suicídio como contrário à lei da natureza; todos nos dizem em princípio que não se tem o direito de voluntariamente abreviar sua própria vida. Mas por que não se tem esse direito? Por que não se é livre de dar um termo a seus sofrimentos? Estava reservado ao Espiritismo demonstrar, pelo exemplo daqueles que sucumbiram, que esse ato não seria somente uma falta, uma infração a uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas sim um ato estúpido, já que nada se ganha, longe disso, muito mais se perde; isso não é a teoria que nos ensina, são os fatos que são colocados sob os nossos olhos.

VALE ANOTAR:

- As vicissitudes da vida têm uma causa justa, que pode estar seja na vida presente, seja nas existências passadas.

PARA SABER MAIS:

- » **O Livro dos Espíritos** Allan Kardec (2ª parte, cap. VI, *Escolha das provas*)
- » **O Evangelho Segundo o Espiritismo** Allan Kardec (cap. V, *Bem-aventurados os aflitos*)
- » **O Suicida** de Roger Perez (fascículo)
- » **O Livro dos Espíritos** Allan Kardec (4ª parte, cap. I, *suicida*)
- » **O Céu e o Inferno** Allan Kardec (2ª parte, cap. V, *Suicidas*)

PARTE 7

A Reencarnação

A Reencarnação na História
Conseqüências Filosóficas da Reencarnação
Provas da Reencarnação



"Sou reencarnacionista por três razões: a doutrina reencarnacionista é justa, racional, verossimilmente científica e provavelmente verdadeira."

Dr Gustave Geley.

A Reencarnação na história

A doutrina das vidas sucessivas ou reencarnação é chamada também de *Palingenesia*, de duas palavras gregas, *Palin*, de novo, *gênese*, nascimento. Ela foi formulada desde a aurora da civilização na Índia. Encontra-se nos Vedas: " Da mesma forma que nos desfazemos de uma roupa usada para pegar uma nova, assim a alma se descarta de um corpo usado para se revestir de novos corpos."

Pitágoras foi o primeiro a introduzir na Grécia a doutrina dos renascimentos da alma que tinha conhecido em suas viagens no Egito e na Pérsia. Platão adotou a idéia pitagoriana da Palingenesia: "É certo que os vivos nascem dos mortos; que as almas dos mortos renascem ainda." (*Phèdre*)

A escola neoplatônica da Alexandria ensinava a reencarnação precisando a vantagem desta evolução progressiva para as condições da alma. Plotino, o primeiro de todos, a revê várias vezes no curso de suas Eneidas. É um dogma, disse ele, muita antigo e universalmente ensinado que, se a alma comete faltas, é condenada a expiá-las submetendo-se a punições nos infernos tenebrosos, depois do que é admitida a voltar em um novo corpo para recomeçar suas provas. "A providência de Deus, escreveu Plotino, assegura a cada um de nós a sorte que lhe convém e que é harmônica com seus antecedentes, segundo suas existências sucessivas." Jamblico acrescenta: "Assim as penas que nos afligem são freqüentemente castigos de um pecado do qual a alma se rende culpada em sua vida anterior. Algumas vezes, a razão do castigo nos é ocultada por Deus, mas nós não devemos duvidar de sua justiça."

Entre os romanos que adquiriram a maior parte de seus conhecimentos na Grécia, Virgílio exprime claramente a idéia da Palingenesia neste termos: " Todas as almas, ainda que por milhares de anos tenham retornado à roda desta existência (no Elísios ou no Tártaro), Deus as chama em numerosos enxames ao rio Léthé, a fim de que, privadas de recordações, revejam os lugares superiores e convexos e comecem a querer voltar ao corpo."

Os Gauleses acreditavam-nas vidas sucessivas. César escreveu na *Guerra de Gales*: "Uma crença que eles buscam sempre estabelecer, é que as almas não perecem de forma alguma e que após a morte elas passam de um corpo para outro."

Em suas obras, o historiador Joseph fez profissão de sua fé na reencarnação; relata que essa era a crença dos Fariseus. O Pe. Didon o confirma nestes termos, em sus "*Vida de Jesus*: "Então crê-se, entre o povo (judeu) e mesmo nas escolas, no retorno à vida da alma dos mortos." O sábio beneditino Dom Calmet se exprime assim em seus *Comentário*, sobre essa passagem das Escrituras: "Vários doutores judeus crêem que as almas de Adão, Abrão, Phiné-es, animaram sucessivamente vários homens de sua nação." O *Talmud* ensina que a alma de Abel passou ao corpo de Seth e mais tarde ao de Moisés. O *Zoar* diz: "Todas as almas são submetidas às provas da transmigração" e a *Cabala*: "São os renascimentos que permitem aos homens se purificar."

Os judeus acreditavam que o retorno de Elias sobre a Terra devia preceder o do Messias. Isto porque, no Evangelho, quando seus discípulos perguntaram a Jesus se ele voltaria, Ele respondeu afirmativamente dizendo: "Elias já veio e não o reconheceram, mas eles lhe tem feito tudo o que havia sido predito." E seus discípulos compreenderam, diz o Evangelista, que era de João que lhes falava.

Um dia, Jesus perguntou a seus discípulos o que diziam dele no povo. Eles respondem⁵: "Uns dizem que és João Batista; outros, Elias; outros Jeremias, ou qualquer um dos antigos

⁵ d., XVI, 13, 14; Marc, VIII, 28.

profetas que *vieram ao mundo*." Jesus, longe de os dissuadir, como se eles estivessem falando coisas imaginárias, se contenta em acrescentar: " E vós, quem acreditam que sou?" Quando encontram o cego de nascença, seus discípulos lhe perguntam se esse homem nasceu cego por causa dos pecados de seus pais ou dos pecados que ele *tinha cometido antes de nascer*. Eles acreditavam então na possibilidade da reencarnação e na possível preexistência da alma. Sua linguagem fazia mesmo crer que essa idéia estava difundida entre o povo, e Jesus parecia autorizá-la, em vez de combatê-la; Ele fala das numerosas moradas de que se compõe a casa do Pai.

Lemos no Evangelho de João: " Havia um homem entre os fariseus, chamado Nicodemos, um dos principais judeus. Esse homem veio de noite encontrar Jesus e lhe disse: "Mestre, sabemos que tu és um doutor vindo da parte de deus, porque ninguém poderia fazer os milagres que tu fazes se Deus não estivesse com ele." Jesus lhe respondeu: "Em verdade, eu te digo que se um homem não nascer da água e do espírito, ele não pode entrar no reino de Deus. Aquele que nasceu da carne é carne, e aquele que nasceu do espírito é espírito. Não se espante de nada disso que te digo; é preciso que vós nasçais de novo. O vento sopra onde quer, e tu ouves o ruído, mas não sabes donde ele vem nem para onde ele vai. O mesmo ocorre de todo homem que nasceu do espírito."

Entre os Hebreus, a água representava a essência da matéria, e quando Jesus adianta que o homem deve renascer da água e do espírito, não é como se dissesse que deve renascer da matéria e do espírito, quer dizer em corpo e em alma?

De todos os Padres da Igreja, Orígenes é o que afirmou de forma mais precisa, em numerosas passagens de seu *Princípios* (livro 1º), a reencarnação ou renascimento das almas. Sua tese é esta: "A justiça do Criador deve aparecer em todas as coisas." São Jerônimo, por seu lado, afirma que a transmigração das almas fazia parte dos ensinamentos revelados a um certo número de iniciados. Em suas *Confissões*, santo Agostinho nos diz: "Minha infância não sucedeu a uma outro idoso morto antes dela?... Mesmo antes desse tempo, tinha já estado em qualquer parte? Fui alguma pessoa qualquer?"

Ainda no século quinze, o cardeal Nicolas de Cusa "sustentava em pleno Vaticano a teoria da pluralidade das existências da alma e dos mundos habitados, não somente com o assentimento, mas com os encorajamentos sucessivos de dois papas: Eugênio IV e Nicolau V." Malgrado esta exceção, a doutrina das vidas sucessivas permaneceu velada por toda a duração da idade média, porque estava severamente prosacrita pela Igreja.

É preciso esperar os tempos modernos e a liberdade de pensar e discutir para que isso reaparecesse. Leibnitz, estudando o problema da origem da alma, admitiu que o princípio inteligente, sob a forma de mônada, tinha podido se desenvolver no reino animal. Numerosos pensadores se reuniram à reencarnação: Dupont de Nemours, Charles Bonnet, Lessing, Constant Savy, Pierre Leroux, Fourier, Jean Reynaud. A doutrina das vidas sucessivas foi vulgarizada para o grande público por autores como Balzac, Théophile Gautier, George Sand e Victor Hugo.

PARA SABER MAIS:

- » **Christianisme et Spiritisme** de Léon Denis (notes complémentaires, n° 5. *Sur la Réincarnation*)
- » **La Réincarnation** de Gabriel Delanne (ch. I, *Coup d'œil historique sur la théorie des vies successives*)
- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** Léon Denis (2ª parte, cap. XVII, *As Vidas sucessivas. Provas históricas*)

» **Le Génie Celtique et le monde invisible** de Léon Denis (2^e partie, ch. VIII, *Palingénésie: Préexistences et vies successives. La loi des Réincarnations*)

Conseqüências Filosóficas da Reencarnação

Objetivo

A lei dos renascimentos explica e completa o princípio da imortalidade. A evolução do ser indica um plano e um objetivo: Esse objetivo, que é a perfeição, não poderia se realizar em uma única existência, por mais longa e frutuosa ela fosse. Devemos ver na pluralidade das vidas da alma a condição necessária à sua educação e ao seu progresso. É por seus próprios esforços, suas lutas, seus sofrimentos que ela se resgata de seu estado de ignorância e se eleva, degrau a degrau, primeiro sobre a Terra, depois através moradas inumeráveis do céu estrelado.

A reencarnação, afirmada pelas vozes de além-túmulo, é a única forma racional sob a qual se pode admitir a reparação das faltas cometidas e a evolução gradual dos seres. Sem ela, não se tem nenhuma sanção moral satisfatória e completa; nenhuma possível concepção de um Ser que governe o universo com justiça.

Metempsicose e Reencarnação

A metempsicose se distingue da reencarnação postulando que, após a morte, o homem possa reencarnar em um corpo humano, animal ou vegetal. Os Espíritos nos ensinam que o Espírito não pode retroceder e que a metempsicose é falsa se entendemos por tal palavra a transmigração do homem no animal e reciprocamente. Pode-se todavia supor que a alma que anima o homem hoje, tenha podido progredir pela seqüência animal ou mesmo vegetal, onde teria adquirido desenvolvimento que teria transformado sua natureza. Sabemos que, sobre o globo, a vida aparece primeiramente sob os mais simples, os mais elementares aspectos, para se elevar, por uma progressão constante, de forma em forma, de espécie em espécie, até o tipo humano, coroando a criação terrestre. Gradualmente, os organismos se desenvolvem, se apuram e a sensibilidade cresce. Lentamente, a vida se desembaraça das restrições da matéria, o instinto cego dá lugar à inteligência e à razão.

Essa escala de evolução progressiva, cujos degraus mais baixos mergulham em abismos tenebrosos, cada alma a teria percorrido? Antes de adquirir a consciência e a liberdade, antes de possuir em plenitude a sua vontade, teve de animar organismos rudimentares, revestir as formas inferiores da vida? O estudo do caráter humano, ainda marcado de bestialidade, assim nos levaria à crê-lo.

O sentimento de absoluta justiça nos diz que o animal, assim como o homem, não deve viver e sofrer em troca de nada. Uma cadeia ascendente e contínua parece religar todas as criações, o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal, e este ao homem. Ela pode religá-los duplamente, ao material como ao espiritual. Estas duas formas de evolução seriam paralelas e solidárias, a vida não sendo mais que uma manifestação do espírito.

De qualquer forma que tenha sido, a alma, chegada ao estado humano, e tendo adquirido a consciência, *não pode mais retroceder*.

Desigualdades e Injustiças

A pluralidade das existências pode explicar por si só a diversidade dos caracteres, a variedade de aptidões, a desproporção das qualidades morais, em uma palavra, todas as desigualdades que chamam nossa atenção.

Fora desta lei, se perguntaria em vão por que certos homens possuiriam o talento, os sentimentos nobres, as aspirações elevadas, enquanto que tantos outros não têm em contrapartida senão tolice, paixões vis e instintos grosseiros.

Que pensar de um Deus que, em nos assinando uma única vida corporal, nos teria feito tão desiguais e, do selvagem ao civilizado, teria reservado aos homens bens tão pouco convenientes e um nível moral tão diferente? Sem a lei das reencarnações, seria a iniquidade que governaria o mundo.

Se tudo começasse para nós com a vida atual, como explicar tanta diversidade nas inteligências, tantos degraus na virtude ou no vício, tantos escalões nas situações humanas? Um mistério impenetrável pairaria sobre certos gênios precoces, sobre certos espíritos prodigiosos que, desde sua infância, se lançam com ardor nos atalhos da arte e da ciência, enquanto que tantos jovens pastenam nos estudos e permanecem medíocres malgrado seus esforços.

Todas essas obscuridades se dissipam diante da doutrina das existências múltiplas. Os seres que se distinguem por seu poder intelectual ou suas virtudes, têm vivido mais, trabalhado há mais tempo, adquirido uma experiência e aptidões mais extensas.

O progresso e a elevação das almas dependem unicamente de seu trabalho, da energia empregada por eles no combate vital. Uns lutam com coragem e transpõem rapidamente os degraus que os separam da vida superior, enquanto que outros se imobilizam durante séculos por existências ociosas e estéreis. Mas essas desigualdades, resultado das ações do passado, podem ser resgatadas e niveladas por nossas vidas futuras. Assim a sanção moral, tão insuficiente, por vezes tão nula, quando estudada sob o ponto de vista de uma única vida, se torna absoluta e perfeita ante a sucessão de nossas existências. Há uma correlação estreita entre nossos atos e nosso destino. Sofremos em nós mesmos, em nosso ser interior e nos eventos de nossa vida, o contragolpe de nossas ações. Nossa atividade, sob todas as formas, é criadora de elementos bons e maus, de efeitos próximos ou longínquos, que recaem sobre nós em chuvas, em tempestades, ou em raios de alegria. O homem constrói seu próprio porvir. Até aqui, na sua incerteza, na sua ignorância, ele construiu às cegas e sofreu sua sina sem poder explicá-la. Logo, melhor esclarecido, penetrado pela majestade das leis superiores, compreenderá a beleza da vida, que reside nos esforços corajosos e dará à sua obra um impulso mais nobre e mais elevado.

Encarnação e Desencarnação

A união da alma ao corpo se efetua por meio do envelope fluídico, do perispírito. Por sua natureza sutil, ele servirá de laço entre o espírito e a matéria. Depois da concepção até o nascimento, a fusão se opera lentamente entre os corpos físicos e o perispírito, os movimentos vibratórios do perispírito da criança vão se minorando e se reduzindo, ao mesmo tempo em que as faculdades da alma, a memória, a consciência, se apagam e se aniquilam. É a esta redução das vibrações fluídicas do perispírito, à sua oclusão na carne, que é preciso atribuir a perda da lembrança das vidas anteriores. Um véu sempre mais espesso envolve a alma e extingue suas radiações interiores. Todas as impressões de sua vida celeste e de seu longo passado mergulham nas profundezas do inconsciente. Elas não emergirão mais senão nos

momentos de exteriorização ou na morte, quando o espírito, recuperando a plenitude de seus movimentos vibratórios, evocará o mundo adormecido de suas lembranças.

No momento da morte, tudo está em princípio confuso; é preciso algum tempo para a alma se reconhecer; ela está aturdida, e no estado de um homem saindo de um profundo sono, que procura se dar conta da situação. *A lucidez das idéias e a memória do passado lhe vêm à medida que se apaga a influência da matéria da qual ela acaba de se desembaraçar*, e que se dissipa a espécie de névoa que obscurece seus pensamentos.

A duração do problema que se segue à morte é muito variável, e pode ser somente de algumas horas, como de vários dias, de vários meses, e mesmo de vários anos. É menos longo entre aqueles que estão identificados por sua vivência com o estado futuro, porque compreendem imediatamente a sua situação; é de qualquer forma mais longo para o homem que viveu mais materialmente.

Esquecimento do passado

Nós vimos precedentemente as causas orgânicas do esquecimento das vidas passadas. Resta-nos compreender sua utilidade: se o homem guardasse a lembrança de seus atos, teria também conservado a dos atos dos outros. As conseqüências nas relações sociais seriam consideráveis: imagine a situação de uma mãe que teria por seu filho um ser com o qual ela teria de alguma forma se desentendido! Os seres que reencarnam juntos para se perdoarem de suas faltas passadas e para aprenderem a se amar seriam continuamente entravados pela lembrança dos atos cometidos. O perdão seria muito mais difícil e o ódio se perpetuaria entre os seres.

Demografia

Opõe-se freqüentemente à teoria das vidas sucessivas a demografia humana. Com efeito, a Terra tinha uma população de 1 bilhão de habitantes, contra 6 bilhões no ano 2000. Como explicar este aumento?

O problema é simples de resolver se sairmos dessa visão estreita que faz com que a Terra seja o único mundo habitado e se considerarmos os bilhões de galáxias que preenchem o Universo. Deus não as criou para o prazer dos nossos olhos ! Os mundos habitados evoluem com os seres que os compõem; à medida que os mundos de expiação e provas, como a Terra, se transformam em mundo de regeneração, o mal é pouco a pouco excluído. Por conseqüência, os Espíritos que se obstinam nesta via se encontram deslocados e irão continuar sua evolução sobre outros mundos que apresentam mais afinidade com seu estado.

PARA SABER MAIS:

- » **O Livro dos Espíritos** Allan Kardec (2^a parte, cap. II, *Encarnação dos Espíritos*)
- » **O Livro dos Espíritos** Allan Kardec (2^a parte, cap. III, *Retorno da vida corporal à vida espiritual*)
- » **O Livro dos Espíritos** Allan Kardec (2^a parte, cap. IV, *Pluralidade das existências*)
- » **O Livro dos Espíritos** Allan Kardec (2^a parte, cap. V, *Considerações sobre a pluralidade das existências*)
- » **O Livro dos Espíritos** Allan Kardec (2^a parte, cap. XI, *Metempsicose*)
- » **O Livro dos Espíritos** Allan Kardec (2^a parte, cap. VII, *Retorno à vida corporal*)

- » **O que é o Espiritismo?** Allan Kardec (n° 116-117, 144-145)
- » **O Evangelho Segundo o Espiritismo** Allan Kardec (cap. IV, *Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo*)
- » **Depois da morte** de Léon Denis (2ª parte, cap. XI, *A pluralidade das existências*)
- » **Depois da morte** de Léon Denis (4ª parte, cap. XLI, *Reencarnação*)
- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** Léon Denis (2ª parte, cap. XIII, *As Vidas sucessivas. A Reencarnação e suas leis*)
- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** Léon Denis (2ª parte, cap. XVI, *As Vidas sucessivas. Objeções e críticas*)
- » **Synthèse pratique du Spiritualisme** de Léon Denis (II. *De la Réincarnation*)
- » **Spiritualisme vers la lumière** de Louis Serré (*Hérédité - Réincarnation*, page 102)

Provas da Reencarnação

Em princípio, o esquecimento das existências anteriores é uma das conseqüências da reencarnação. Todavia, esse esquecimento não é absoluto. Entre muitas pessoas, o passado se encontra sob a forma de impressões, senão de lembranças precisas. Essas impressões influenciam por vezes os nossos atos que não provêm nem da educação, nem do meio, nem da hereditariedade. Nesse número podemos classificar as simpatias e as antipatias súbitas, as intuições rápidas, as idéias inatas. Basta nos interiorizarmos, estudarmo-nos com atenção, para reencontrarmos em nossos gostos, nossas tendências, nos traços de nosso caráter, numerosos vestígios desse passado. Infelizmente, poucos entre nós, se entregam a esse exame de uma maneira metódica e atenta.

Há mais. Pode-se citar, em todas as épocas da história, um certo número de homens que, graças a disposições excepcionais de seu organismo psíquico, conservaram lembranças de suas vidas passadas. Para eles, a pluralidade das existências não é uma teoria; é um fato diretamente percebido.

É um fato bem conhecido que Pitágoras lembrava-se de pelo menos três de suas existências e dos nomes que tinha em cada uma delas: ele declarava haver sido Hermotine, Euphorbe e um dos Argonautas. Júlio, dito o Apóstata, tão caluniado pelos cristãos, mas que foi, em realidade, uma das grandes figuras da história romana, se recordava de haver sido Alexandre da Macedônia. Empédocles afirmava que, quanto a ele, "se lembrava de haver sido sucessivamente rapaz e moça. Na Idade Média, encontramos esta faculdade em Jérôme Cardan. Entre os modernos, Lamartine declarou, em sua *Viagem ao Oriente*, haver tido reminiscências bastante nítidas de um passado distante.

Às reminiscências de homens, ilustres nas maior parte, é preciso acrescentar aquelas de um grande número de crianças.

Aqui, o fenômeno se explica facilmente. A adaptação dos sentidos psíquicos ao organismo material, a partir do nascimento, se opera lenta e gradualmente. Ela não está completa senão aos sete anos; mais tarde ainda em certos indivíduos.

Até essa época, o espírito da criança, vive ainda, em certa medida, a vida do espaço. Ele desfruta de percepções, visões que impressionam por vezes o cérebro físico com clarões fugidios. É assim que pudemos recolher de certas bocas juvenis alusões às vidas anteriores,

descrições de cenas e de personagens que não tinham nenhuma relação com a vida atual desses jovens seres.

Essas visões, essas reminiscências se esvanecem geralmente com a idade adulta, quando a alma da criança entra em plena posse de seus órgãos terrestres. Então, é em vão que se interroga sobre essas lembranças fugazes. Toda transmissão das vibrações perispirituais cessaram; a consciência profunda se tornou muda.

Entretanto, a despeito das dificuldades materiais, vê-se produzir em certos seres, desde idades bem tenras, faculdades de tal modo superiores e sem nenhuma relação com as de seus ascendentes, que não se pode, malgrado todas as sutilezas da casuística materialista, relacioná-las a alguma causa imediata e conhecida.

Freqüentemente temos citado o caso de Mozart, executando uma sonata ao piano com quatro anos e, aos oito, compondo uma ópera. Paganini e Teresa Milanollo, ambos crianças, tocavam violino de maneira maravilhosa. Liszt, Beethoven e Rubinstein foram aplaudidos aos dez anos. Miguel Ângelo e Salvador Rosa revelaram, repentinamente, terem talentos improvisados. Pascal, aos doze anos, descobriu a geometria plana, e Rembrandt, antes de saber ler, desenhava como um grande mestre.

Henri de Heineken, nascido em Lübeck em 1721, fala quase ao nascer. Aos dois anos, sabia três línguas. Aprendeu a escrever em poucos dias e logo se exercita para pronunciar pequenos discursos. Aos dois anos e meio, se submeteu a um exame de geografia e história, antiga e moderna. Vivia apenas do leite de sua ama de leite; tentou-se desmamá-lo, ele se depauperou e faleceu em Lübeck no dia 27 de junho de 1725, no curso de seus cinco anos, afirmando suas esperanças na outra vida. "Ele estava, dizem as *Memórias de Trevoux*, delicado, enfermo, freqüentemente doente." Este jovem fenômeno teve a plena consciência de seu fim próximo. Falava com uma serenidade pelo menos tão admirável quanto a sua ciência prematura, e queria consolar seus pais dirigindo-lhes encorajamentos retirados de suas crenças comuns.

O professor Ian Stevenson, diretor do departamento de psicologia da Universidade de Charlottesville (Estado de Virgínia) levantou mais de 1600 casos de regressão a vidas anteriores. Os vinte mais flagrantes entre eles foram reportados em sua obra: *20 casos sugerindo o fenômeno da Reencarnação*.

A possibilidade de trazer à consciência de um indivíduo em transe as lembranças anteriores ao nascimento foi assinalada pela primeira vez no Congresso Espírita de Paris, em 1900. O coronel de engenharia A. de Rochas, antigo administrador da Escola Politécnica, se ocupou bastante desse gênero de experimentação; ver em seu livro: *As Vidas Sucessivas*.

VALE ANOTAR:

- Pode-se citar como provas da reencarnação: as reminiscências e as lembranças, as reconstituições das vidas anteriores sob hipnose e as faculdades incríveis dos pequenos "gênios".

PARA SABER MAIS:

- » **La Réincarnation** de Gabriel Delanne (ch. XIII, Vue d'ensembles des arguments qui militent en faveur de la Réincarnation)
- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** Léon Denis (2ª parte, cap. XIV, As Vidas sucessivas. Provas experimentais. Renovação da memória)

- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** Léon Denis (2ª parte, cap. XV, As Vidas sucessivas. As crianças prodígios e hereditariedade)
- » **Spiritualisme vers la lumière** de Louis Serré (Vivons-nous plus d'une vie?, page 106)
- » **Les Cathares et la Réincarnation** du Dr Guirdham
- » **20 cas suggérant le phénomène de la réincarnation** de Ian Stevenson
- » **Les vies successives** de A. de Rochas

Conclusão

Em resumo, o ser evolui por si mesmo, pelo desenvolvimento gradual das forças que estão nele inconscientes no início do curso de sua vida, tornando-se mais inteligente e consciente enquanto, herdeiro da humanidade, entra na posse de seu meio, ainda que sua liberdade seja limitada pela ação das leis naturais que intervêm para assegurar sua conservação. Assim, livre arbítrio e fatalismo se equilibram e se temperam um ao outro. A liberdade e, por conseguinte, a responsabilidade são proporcionais ao adiantamento do ser.

Esta é a única solução racional do problema. Através a sucessão dos tempos, na superfície de milhares de mundos, nossas existências se desenrolam, passam e se renovam; a cada uma delas, um pouco do mal que está em nós desaparece; nossas almas se fortificam, se depuram, penetram mais adiante na via sagrada, até que, libertas das reencarnações dolorosas, elas tenham conquistado por seus méritos o acesso aos círculos superiores, onde eternamente irradiarão beleza, sabedoria, poder e amor !

PARTE 8

Deus e a Criação

Deus
O Paraíso e o Inferno
Anjos e Demônios



Deus e a Criação

“Se o chamamos Deus é por falta
de um nome mais grandioso”

Victor Hugo.

Deus

Podemos definir Deus?

À pergunta: “o que é Deus?” os Espíritos respondem: “Ele é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas”. Kardec acrescentou a esta definição:

- **Deus é eterno**: se tivesse tido um começo, alguma coisa teria existido antes dele; Ele teria saído do nada, ou então teria sido criado por um ser anterior. É assim que, pouco a pouco, nos remontamos ao infinito na eternidade.
- **Ele é imutável**; se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o universo não teriam nenhuma estabilidade.
- **Ele é imaterial**: quer dizer que sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria, de outro modo Ele estaria sujeito às flutuações e transformações da matéria, e não seria *imutável*.
- **Ele é único**; se houvessem vários deuses, haveriam várias vontades; e daí não haveria unidade de idéias, nem unidade de poder na ordem universal.
- **Ele é todo-poderoso**, porque é *único*. Se não tivesse o soberano poder, haveria alguma coisa mais poderosa que Ele; não teria feito todas as coisas, e aquelas que não tivessem sido feitas por Ele seriam obra de um outro Deus.
- **Ele é soberanamente justo e bom**. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas mais pequenas coisas como nas maiores, e esta sabedoria não permite se duvide nem de sua justiça, nem de sua bondade.
- **Deus é infinito em todas as suas perfeições**. Se supuséssemos imperfeito um só dos atributos de Deus, se suprimíssemos a mínima parcela da *eternidade*, da *imutabilidade*, da *imaterialidade*, da *unidade*, da *onipotência*, da *justiça* e da *bondade* de Deus, poder-se-ia supor um ser possuindo o que lhe faltasse, e esse ser, mais perfeito que Ele, seria Deus.

A linguagem humana é impotente para exprimir a idéia de um Ser infinito. Uma vez que nos servimos de nomes e de termos, limitamos o que é sem limites. Todas as definições são insuficientes e, em certa medida, induzem ao erro. Entretanto, o pensamento para se exprimir tem necessidade de termos. O menos afastado da realidade é aquele pelo qual os sacerdotes do Egito designavam Deus: *Eu sou*, quer dizer, eu sou o Ser por excelência, absoluto, eterno, de quem emanam todos os seres.

A questão de Deus é o mais grave de todos os problemas suspensos sobre nossas cabeças e cuja solução se liga, de uma maneira estreita e imperiosa, ao problema do ser humano e de seu destino, ao problema da vida individual e da vida social.

O conhecimento da verdade sobre Deus, sobre o mundo e a vida é o que há de mais essencial, de mais necessário, porque é ele que nos sustenta, nos inspira e nos dirige, mesmo sem o sabermos.

Para elucidar um tal assunto, temos agora recursos mais elevados que o do pensamento humano; temos o ensinamento daqueles que deixaram a terra, a apreciação de almas que, tendo transposto a tumba, nos fazem ouvir, do seio do mundo invisível, seus conselhos, seus chamados, suas exortações.

Ora, que dizem esses Espíritos sobre a questão de Deus? A existência da Potência suprema é afirmada por todos os Espíritos elevados. Aqueles dentre nós que têm estudado o espiritismo filosófico sabem que todos os grandes Espíritos, todos aqueles cujos ensinamentos têm reconfortado nossas almas, adoçado nossas misérias e sustentado nossos desfalecimentos, são

unânicos em afirmar, em proclamar, em reconhecer a alta Inteligência que governa os seres e os mundos. Eles dizem que esta Inteligência se revela mais sublime e claramente à medida que subimos os degraus da vida espiritual.

“*Não há efeito sem causa, disse Kardec, e todo efeito inteligente tem forçosamente uma causa inteligente*”. Eis o princípio sobre o qual repousa o Espiritismo por inteiro. Esse princípio, quando aplicado às manifestações de além túmulo, demonstra a existência dos Espíritos. Aplicado ao estudo do mundo e das leis universais, demonstra a existência de uma causa inteligente no universo. É por isso que a existência de Deus constitui um dos pontos essenciais do ensinamento espírita.

PARA SABER MAIS:

- » **O Livro dos Espíritos** de Allan Kardec (1ª parte, cap. I, *Deus*)
- » **Obras Póstumas** de Allan Kardec (3ª parte, *Deus, A Alma, Criação*)
- » **O Grande Enigma** de Léon Denis (1ª parte, cap. V, *Necessidade da idéia de Deus*)
- » **O Grande Enigma** de Léon Denis (1ª parte, cap. VIII, *Ação de Deus no mundo e na história*)
- » **O Grande Enigma** de Léon Denis (1ª parte, cap. IX, *Objecções e contradições*)
- » **Depois da morte** de Léon Denis (2ª parte, cap. IX, *O Universo e Deus*)
- » **Síntese prática do Espiritismo** de Léon Denis (cap. V, *Os Espíritos. Deus*)

O Paraíso e o Inferno

Em todas as épocas o homem tem acreditado, por intuição, que a vida futura deveria ser feliz ou infeliz, em razão do bem ou do mal que se fez aqui em baixo. Credo que a Terra é o centro do universo, os Antigos tinham colocado o Paraíso no Céu e o Inferno sob a terra. Esta idéia, que predominou durante séculos, tornou-se obsoleta quando a ciência se pôs a observar as profundezas do espaço e da Terra. Diante desses novos conhecimentos, as crenças tiveram que se modificar: o céu e o inferno foram deslocados. Onde estão? Diante desta questão, as religiões permanecem mudas.

O Espiritismo veio esclarecer esta questão nos ensinando que não existem lugares circunscritos para as almas.

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas com a aptidão de tudo adquirir e de progredir, em virtude de seu livre arbítrio. Pelo progresso, eles adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e, por conseguinte, novos gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores; eles vêm, entendem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem ver, nem entender, nem sentir, nem compreender. *A felicidade está na razão do progresso realizado; de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro unicamente porque não é tão avançado intelectual e moralmente, sem que tenham necessidade de estar em lugares distintos.* Ainda que estejam ao lado um do outro, um pode estar nas trevas, enquanto que tudo resplandece ao redor do outro, absolutamente como um cego e um vidente de mãos dadas; um percebe a luz, que não causa nenhuma impressão sobre seu vizinho. *A felicidade dos Espíritos, sendo inerente às qualidades que possuem, são por eles absorvida em toda parte onde a encontram, na superfície da Terra, no meio dos encarnados ou no espaço.*

Uma comparação vulgar permitirá compreender ainda melhor esta situação. Se, em um concerto se encontrarem dois homens, um bom músico, de ouvido exercitado, o outro sem conhecimento de música e com sentido da audição pouco desenvolvido, o primeiro experimentará uma sensação de felicidade, enquanto que o segundo ficará insensível, porque um compreende e percebe o que não causa nenhuma impressão sobre o outro. Assim são todos os gozos dos Espíritos, que estão na razão da sua aptidão em senti-los. *O mundo espiritual tem esplendores por toda parte, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, ainda submetidos à influência da matéria, sequer entrevêm, e que são acessíveis apenas aos Espíritos depurados.*

O espírito adiantado está liberto de todas as necessidades corporais. A alimentação e o sono não têm para ele nenhuma razão de ser. Ele deixa para sempre, ao sair da Terra, as vãs inquietações, os sobressaltos e todas as quimeras que envenenam a existência aqui em baixo. Os espíritos inferiores levam com eles, para o lado de lá do túmulo, seus hábitos, suas necessidades e suas preocupações materiais. Não podendo se elevar acima da atmosfera terrestre, eles voltam para compartilhar da vida dos humanos, misturar-se em suas lutas, em seus trabalhos e em seus prazeres. Suas paixões e seus apetites, sempre despertos, superexcitados pelo contínuo contacto da humanidade, os sobrecarregam, e a impossibilidade de os satisfazer torna-se para eles uma causa de torturas.

O espírito puro leva com ele sua luz e sua felicidade; elas o seguem por toda parte; fazem parte integrante de seu ser. Da mesma forma, o espírito culpado arrasta com ele sua noite, seu castigo, seu opróbrio. Os sofrimentos das almas perversas não são menos vivos por não serem materiais. O inferno não é senão um lugar quimérico, um produto da imaginação, um espantalho, necessário talvez, para ser imposto às pessoas infantis, mas que nada tem de real.

Pode-se ler em *O Livro dos Espíritos*, a propósito da eternidade das penas:

“Interroguem seu bom senso, sua razão, e perguntem se uma condenação perpétua por alguns momentos de erro não seria a negação da bondade de Deus? Que é, com efeito, a duração da vida, fosse ela de cem anos, com relação à eternidade? Eternidade! Compreendem bem essa palavra? Sofrimentos, torturas sem fim, sem esperança, por algumas faltas! Seu julgamento não recusa um tal pensamento? Que os antigos tivessem visto no mestre do universo um Deus terrível, ciumento e vingativo, se concebe; na sua ignorância, emprestaram à divindade as paixões dos homens; mas esse não é o Deus dos cristãos, que coloca o amor, a caridade, a misericórdia, o esquecimento das ofensas na categoria das primeiras virtudes: poderia Ele mesmo falhar nas qualidades das quais fez um dever? Não há contradição em lhe atribuir a bondade infinita e a vingança infinita? Vocês dizem que antes de tudo Ele é justo, e que o homem não compreende sua justiça; mas a justiça não exclui a bondade, e Ele não seria bom se consagrasse a penas horríveis e perpétuas, a maior parte de suas criaturas. Poderia Ele impor aos seus filhos a justiça como uma obrigação, se não lhes tivesse dado os meios de a compreender? Além disso, não é uma sublime justiça, unida à bondade, fazer depender dos esforços do culpado para se melhorar a duração das penas? Aí está a verdade destas palavras: “A cada um segundo as suas obras”.

“Deus não criou os seres para que fossem devotados ao mal perpetuamente; apenas os criou simples e ignorantes, devendo todos progredir, em um tempo mais ou menos longo, conforme sua vontade. A vontade pode ser mais ou menos tardia, como há crianças mais ou menos precoces, mas ela vem, cedo ou tarde, pela irresistível necessidade que experimenta o Espírito de sair de sua inferioridade e de ser feliz. A lei que rege a duração das penas é então eminentemente sábia e benevolente, pois que subordina esta duração aos esforços do Espírito”.

Chega enfim um dia em que o espírito, após haver percorrido o ciclo de suas existências planetárias e ser purificado por seus renascimentos e suas migrações através os mundos, vê cerrar a série de suas encarnações e se abrir a vida espiritual definitiva, a verdadeira vida da alma, onde o mal, a sombra e o erro estão banidos. Então, as últimas influências materiais se esvaneceram. A calma, a serenidade e a segurança profunda substituíram as aflições e as inquietudes de outrora. A alma atingiu o termo de suas provas; está assegurada de não mais sofrer. Com que sentimento emocionado rememora os fatos de sua vida, esparsos na sucessão dos tempos, sua longa ascensão, a lenta conquista de seus méritos! Que ensinamento nesta marcha ininterrupta, ao curso da qual se constitui e se afirma a unidade de sua natureza, de sua personalidade imortal!

Da lembrança dos longínquos sobressaltos, dos cuidados, das dores, ela se reporta às felicidades do presente e as saboreia com delícia. Que embriaguez sentir-se viver no meio de espíritos esclarecidos, pacientes e doces; unir-se a eles pelos laços de uma afeição que nada perturba; compartilhar suas aspirações, suas ocupações, seus gostos; saber-se compreendida, sustentada, amada, desligada das necessidades e da morte, jovem de uma juventude que os séculos não mais tomam! Depois, estudar, admirar, glorificar a obra infinita, penetrar mais profundamente os divinos mistérios; reconhecer por toda parte a justiça, a beleza e a bondade celeste, identificar-se com elas, dessedentar-se, nutrir-se; seguir os gênios superiores em suas tarefas e missões; compreender que chegaremos a igualá-los, que subiremos ainda mais alto, que sempre, sempre, novas alegrias, novos trabalhos, novos progressos nos esperam: tal é a vida eterna, magnífica, transbordante, a vida do espírito purificado pelo sofrimento.

VALE A PENA ANOTAR:

- O paraíso e o inferno não existem em lugares circunscritos: eles representam o estado de consciência do Espírito segundo o bem ou o mal que realizou.
- Nenhuma pena é eterna. Não depende senão da vontade do Espírito melhorar sua condição.

PARA SABER MAIS:

- » **O Livro dos Espíritos** de Allan Kardec (4ª parte, cap. II, *Penas e gozos futuros*)
- » **O Céu e o Inferno** de Allan Kardec (1ª parte, cap. III, *O céu*)
- » **O Céu e o Inferno** de Allan Kardec (1ª parte, cap. IV, *O inferno*)
- » **O Céu e o Inferno** de Allan Kardec (1ª parte, cap. VI, *Doutrina das penas eternas*)
- » **O Céu e o Inferno** de Allan Kardec (1ª parte, cap. VII, *As penas futuras segundo o Espiritismo*)
- » **Depois da morte** de Léon Denis (4ª parte, cap. XXXIII, *A vida no espaço*)
- » **Depois da morte** de Léon Denis (4ª parte, cap. XXXIV, *Erraticidade*)
- » **Depois da morte** de Léon Denis (4ª parte, cap. XXXV, *A vida superior*)
- » **Depois da morte** de Léon Denis (4ª parte, cap. XXXVII, *O inferno e os demônios*)

Anjos e Demônios

Todas as religiões têm tido, sob diversos nomes, anjos, quer dizer seres superiores à humanidade, intermediários entre Deus e os homens.

A crença nos anjos faz parte essencial dos dogmas da Igreja. Segundo ela, os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores à humanidade, *criaturas privilegiadas devotadas à felicidade suprema e eterna desde sua formação*; dotadas, por sua natureza mesma, de todas as virtudes e de todos os conhecimentos, sem nada haver feito para os adquirir. Eles estão na primeira classe na obra da criação; na última classe, a vida puramente material, e entre as duas a humanidade formada das almas, seres espirituais inferiores aos anjos unidos a corpos materiais.

Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, disso não se poderia duvidar. A revelação espírita confirma sobre esse ponto a crença de todos os povos; mas ela nos faz conhecer ao mesmo tempo a natureza e a origem desses seres.

As almas ou Espíritos são criados simples ou ignorantes, quer dizer sem conhecimentos e sem consciência do bem e do mal, mas aptos a adquirir tudo o que lhes falta; eles o adquirem pelo trabalho; o propósito, que é a perfeição, é o mesmo para todos; eles aí chegam mais ou menos prontamente, em virtude de seu livre arbítrio e em razão de seus esforços; todos têm os mesmos degraus a percorrer, o mesmo trabalho a realizar; Deus não faz uma parte maior nem mais fácil para uns do que para outros, porque todos são seus filhos e sendo justo, não tem preferência por nenhum. Ele lhes disse: “Eis a lei que deve ser sua regra de conduta; ela sozinha pode conduzi-los ao objetivo; tudo o que estiver de acordo com esta lei é o bem, tudo o que lhe for contrário é o mal. Vocês são livres para a observar ou para a infringir, e serão assim os árbitros de sua própria sorte”. De nenhuma forma Deus criou o mal; todas suas leis são para o bem; é o homem por si mesmo que cria o mal infringindo as leis de Deus; se ele as observasse escrupulosamente, não se afastaria jamais do bom caminho.

Mas a alma, nas primeiras fases de sua existência, como uma criança, tem falta de experiência; é por isso que é falível. Deus não lhe deu a experiência, mas os meios de adquiri-la; cada passo em falso no caminho do mal é para ela um retardo; disso sofre as conseqüências e aprende, às suas custas, o que deve evitar. É assim que pouco a pouco se desenvolve, se aperfeiçoa e avança na hierarquia espiritual, até que tenha chegado ao estado de *puro Espírito* ou de *anjo*. Os anjos são então as almas dos homens chegadas ao grau de perfeição comportado pela criatura e gozando da plenitude da felicidade prometida. Antes de haver atingido o grau supremo, gozam de um bem estar relativo ao seu adiantamento, mas esse bem estar não é nada na ociosidade; é nas funções que praza a Deus lhe confiar e que nas quais são felizes de preencher, porque que essas ocupações são um meio de progredir.

A humanidade não está de nenhuma forma ligada à Terra; ela ocupa os inumeráveis mundos que circulam no espaço; já ocupou aqueles que desapareceram, e ainda ocupará aqueles que se formarão. Deus criou por toda a eternidade e cria sem cessar. Então, muito tempo antes que a Terra existisse, tão no passado quando se queira supor, existiam sobre outros mundos Espíritos encarnados que percorreram as mesmas etapas que nós, de formação mais recente, percorremos neste momento, e que chegaram ao objetivo antes mesmo que tivéssemos saído das mãos do Criador. Por toda a eternidade, têm então existido anjos ou Espíritos puros; mas sua existência humanitária se perde no infinito do passado e é para nós como se eles tivessem sempre sido anjos.

Assim se encontra realizada a grande lei da unidade da criação; Deus jamais tem sido inativo; sempre tem tido Espíritos puros experimentados e esclarecidos para a transmissão de

suas ordens e para a direção de todas as partes do universo, desde o governo dos mundos até aos mais ínfimos detalhes. Não tem então tido necessidade de criar seres privilegiados, isentos de encargos; todos, antigos ou novos, têm conquistado seus graus na luta por seus próprios méritos; todos, enfim, são os filhos de suas obras. Assim se cumpre igualmente a soberana justiça de Deus.

Segundo o Espiritismo, nem os anjos nem os demônios são seres à parte; a criação dos seres inteligentes é una. Unidos a corpos materiais, constituem a humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas; desligados desse corpo constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos que povoam os espaços. Deus os criou *perfectíveis*; deu-lhes por objetivo a perfeição e a felicidade, que é a sua consequência, mas *não lhes deu a perfeição*; quis que eles a atingissem por seu trabalho pessoal, afim de que disso tivessem o mérito. Após o instante de sua formação, progredem tanto pelo estado de encarnado, quanto pelo estado espiritual; chegados ao apogeu, eles são *Espíritos puros* ou *anjos* conforme vulgarmente chamados; de sorte que, desde o embrião do ser inteligente até ao anjo, há uma cadeia ininterrupta da qual cada elo marca um degrau no progresso.

Disso resulta que existem Espíritos em todos os graus de adiantamento moral e intelectual, conforme estejam no alto, em baixo, ou no meio da escala. Há, por consequência, em todos os graus, o saber e a ignorância, a bondade e a malícia. Nas classes inferiores, há os que ainda estão profundamente inclinados ao mal, e que nisso se comprazem. Podem ser chamados *demônios*, se o quisermos, porque são capazes de todos os delitos atribuídos a esses últimos. Se o Espiritismo não lhes dá este nome, é porque trás a idéia de seres distintos da humanidade, de uma natureza essencialmente perversa, devotados ao mal pela eternidade e incapazes de progredir no bem.

Segundo a doutrina da Igreja, os demônios foram criados bons, e se tornaram maus por sua desobediência: são os anjos caídos; eles tinham sido colocados por Deus no alto da escala, e decaíram. Segundo o Espiritismo, são Espíritos imperfeitos, mas que melhorarão; estão ainda embaixo na escala e subirão.

Estes por seu desleixo, sua negligência, sua obstinação e sua maldade permanecem mais tempo nas classes inferiores, sofrendo suas penas, sendo que o hábito do mal lhes torna mais difícil daí sair; mas chega a hora em que se cansam desta existência penosa e dos sofrimentos que são sua consequência; então, comparando sua situação com aquela dos bons Espíritos, compreendem que seu interesse está no bem, e procuram se melhorar, mas o fazem por sua própria vontade e sem serem a isso constrangidos. *Eles estão submetidos à lei do progresso por sua aptidão de progredir, mas nada progredirão se não o desejarem*. Deus lhes fornece sem cessar os meios, mas são livres para disso aproveitar ou não. Se o progresso fosse obrigatório, não teriam nenhum mérito, e Deus quer que sejam deles suas obras; ninguém é colocado na primeira categoria por privilégio, mas a primeira categoria está aberta a todos, e não se chega lá senão por seus esforços. Os anjos mais elevados conquistaram seu grau como os outros, passando pela rota comum.

Chegados a um certo grau de depuração, os Espíritos têm missões correspondentes ao seu adiantamento; eles cumprem todas aquelas que são atribuídas aos anjos de diferentes ordens. Como Deus criou por toda a eternidade, por toda eternidade eles têm se encontrado para satisfazer a todas as necessidades do governo do universo. Uma só espécie de seres inteligentes, submetidos à lei do progresso, basta então a tudo. Esta unidade na criação, com o pensamento de que todos têm um mesmo ponto de partida, a mesma rota a percorrer, e que se elevam por seu próprio mérito, corresponde bem melhor à justiça de Deus, que a criação de espécies diferentes mais ou menos favorecidas de dons naturais que seriam o mesmo que privilégios.

Satã

Segundo a Igreja, *Satã*, o chefe ou o rei dos demônios, não é apenas uma personificação alegórica do mal, mas antes um *ser real*, fazendo exclusivamente o mal, enquanto que Deus faz exclusivamente o bem.

O próprio Jesus falou de Satã, mas teria o termo em sua boca a mesma significação que nos dias de hoje? Teria falado de uma individualidade precisa? De nenhuma forma, Satã designa tanto uma doença, como um inimigo ou um acusador. Nitidamente ressalta que Jesus falou do diabo por *acomodação*⁶; com efeito, sua mensagem não se dirigia aos doutores da fé, mas às pessoas simples. Ele empregava por acomodação o termo de Satã para dizer que o mal existe e que sua mensagem e seu remédio para esse mal era “Amai-vos uns aos outros”. Ainda mais, Jesus indica mesmo qual é a fonte do mal: “É do interior, *do coração dos homens* que saem as intenções malignas, o mau comportamento, roubos, homicídios, adultério, cupidez, perversidade, astúcia, devassidão, inveja, injúria, orgulho, irracionalidade. *Todo esse mal sai do interior* e torna o homem impuro”. (Marcos, VII, 21 a 23)

Jesus

A questão da natureza do Cristo tem sido debatida desde os primeiros séculos do cristianismo, as opiniões são formadas mais sobre abstrações do que sobre fatos, tem-se buscado, sobretudo, o que o dogma da natureza divina do Cristo podia ter de plausível ou de irracional, e se tem geralmente negligenciado, de um modo ou de outro, em ressaltar os fatos que poderiam lançar uma luz decisiva sobre a questão.

Segundo a Igreja, a divindade do Cristo é principalmente estabelecida por milagres, como testemunha de um poder sobrenatural. O Espiritismo veio demonstrar que as faculdades de Jesus se encontram, em diferentes graus, entre os magnetizadores, curadores, videntes, médiuns, etc.... e que estes são fenômenos naturais, que puderam aparecer como “milagres” outrora, mas que hoje perderam seu caráter maravilhoso.

Não tendo Jesus deixado nada escrito, seus únicos historiadores foram os apóstolos. Não existe sobre sua vida e sua doutrina nenhum documento além dos Evangelhos; então é preciso procurar somente aí a chave do problema.

Tudo demonstra nas palavras de Jesus, seja em vida, seja após sua morte, um profundo sentimento de sua inferioridade e de sua subordinação com relação ao Ser supremo. Por sua insistência em afirmar isso espontaneamente, sem ser constrangido nem provocado por quem quer que seja, ele parece querer protestar antecipadamente contra a função que previa lhe atribuíam um dia. Qual autoridade maior pode-se encontrar que não as próprias palavras de Jesus? Quando diz categoricamente: eu sou ou não sou tal coisa, quem ousaria se arrogar o direito de lhe dar um desmentido, mesmo que fosse para o colocar mais alto do que ele colocava a si mesmo? Quem é que pode razoavelmente pretender ser mais esclarecido que ele sobre sua própria natureza?

Quais interpretações podem prevalecer contra as afirmações tão formais e tão multiplicadas como estas: “Eu vou ao meu Pai, porque meu Pai é maior que eu. - Porque me chamam vocês de bom? Não há ninguém a não ser Deus que seja bom. - Minha doutrina não é minha doutrina, mas a doutrina daquele que me enviou. - Eu não posso nada fazer por mim mesmo. - Eu não busco minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. - Eu lhes tenho dito a

⁶ Acomodação - Numa situação de comunicação, o ajustamento do discurso de um indivíduo à fala de seu interlocutor.

verdade que tenho recebido de Deus. - Meu Pai, entrego minha alma em suas mãos. - Eu vou para meu Pai e seu Pai, para meu Deus e seu Deus”.

A única passagem dos Evangelhos que parece afirmar implicitamente uma idéia de identificação entre Deus e a pessoa de Jesus, e sobre a qual os teólogos têm argumentado, é esta: “E o verbo se fez carne e habitou entre nós”.

Essas palavras são de João, não de Jesus, e afirmam o misticismo habitual do apóstolo. Mesmo aceitando-as tais quais estão, elas não decidem de nenhuma forma a questão no sentido da divindade, porque elas se aplicariam igualmente a Jesus, criatura de Deus.

Com efeito, o *Verbo* é Deus, porque é a palavra de Deus. Jesus tendo recebido esta palavra diretamente de Deus, com missão de a revelar aos homens, a assimilou; a palavra divina da qual Ele estava penetrado encarnou nele; Ele a levava no nascimento, e é com razão que Jesus pode dizer: *O Verbo se fez carne, e habitou entre nós*. Jesus pode então ser encarregado de transmitir a palavra de Deus, sem ser Deus ele mesmo, como um embaixador transmite as palavras de seu soberano, sem ser o soberano.

VALE A PENA ANOTAR:

- Nem os anjos, nem os demônios são criaturas à parte. Todos os Espíritos têm sido criados simples e perfectíveis.

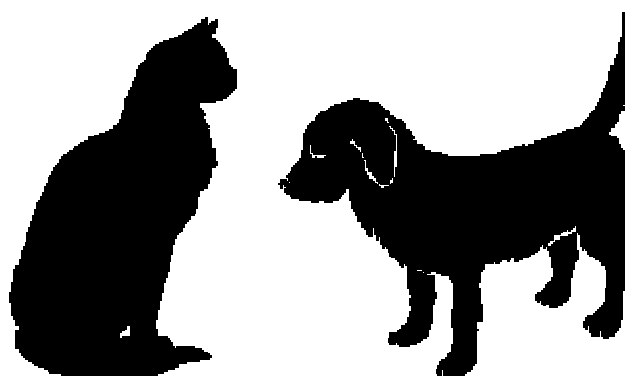
PARA SABER MAIS:

- » **O Livro dos Espíritos** de Allan Kardec (2^a parte, cap. I, *O mundo dos Espíritos*)
- » **O Céu e o Inferno** de Allan Kardec (1^a parte, cap. VIII, *Os anjos*)
- » **O Céu e o Inferno** de Allan Kardec (1^a parte, cap. IX, *Os demônios*)
- » **Obras Póstumas** de Allan Kardec (3^a parte, *Estudo sobre a natureza do Cristo*)
- » **Depois da morte** de Léon Denis (4^a parte, cap. XXXVII, *O inferno e os demônios*)
- » **Jesus o Cristo segundo o Espiritismo** de Roger Perez (fascículo)
- » **Historia mítica de Satã** de Charles Lancelin

PARTE 9

O Ser e sua Evolução

Origem dos Espíritos: A evolução anímica
Função e necessidade do sofrimento
O bem e o mal



“Se tivesse de resumir em traços simples e concisos os ensinamentos dos espíritos guias, diria: a lei suprema do universo é o bem e o belo, e a evolução dos seres através os tempos, através os mundos, não tem outro objetivo senão a conquista lenta e gradual dessas duas formas de perfeição.”

Léon Denis

Origem dos Espíritos: A evolução anímica

Em O Livro dos Espíritos, os Espíritos se definem como *os seres inteligentes da criação, que povoam o universo em torno do mundo material*. Tendo sido criados imortais por Deus, os Espíritos tiveram um começo, e assim não são de todo eternos como Deus.

Encarnados na matéria, os Espíritos formam a humanidade tal como a conhecemos; o corpo físico é então uma vestimenta para o Espírito que dele se separa quando estiver gasta.

As leis que dirigem as evoluções tão variadas da matéria física ou vivente mostram que nada aparece subitamente e em estado perfeito. O sistema solar, nosso planeta, a linguagem, as artes, as ciências, longe de eclodirem espontaneamente, são o resultado de uma longa e gradual ascensão, desde as formas rudimentares até às formas mesmas que conhecemos nos dias de hoje.

A alma humana não poderia fazer exceção a esta lei geral e absoluta; constatamos sobre a Terra que ela passa por fases que abraçam as mais diversas manifestações, desde as mais humildes e mesquinhas concepções do estado selvagem, até às magníficas eflorescências do gênio.

Nosso exame retrospectivo deve se deter aí? Devemos crer que esta alma, que governou no homem primitivo um organismo tão complicado, tenha podido subitamente adquirir propriedades tão variadas e tão bem adaptadas às necessidades do indivíduo? Nossa indução deve se deter aos seres que têm exatamente as mesmas características anatômicas que as nossas? Não o cremos, porque as transições insensíveis, que nos conduzem fisicamente da matéria ao homem, encontramos-as no domínio intelectual com as mesmas gradações sucessivas. Então é no início da vida inteligente que precisamos atacar para encontrar, se não a origem da alma, ao menos o ponto de partida aparente de sua evolução através a matéria.

Constatamos experimentalmente, por meio do Espiritismo, a necessidade da reencarnação da alma humana; e a lei de continuidade, que temos assinalado nos seres viventes, nos permite crer que a alma animal está submetida à mesma obrigação. O princípio inteligente viria assim habitar sucessivamente os organismos mais e mais aperfeiçoados, à medida que se tornava mais capaz de os dirigir.

Eis um exemplo que vem confirmar a teoria da encarnação animal:

Se em uma estrebaria se faz o leito dos cavalos com a palha que serviu na jaula de leões ou tigres, quando os cavalos sentirem o odor desta palha, serão tomados de um terror exagerado, e se esforçarão para fugir. Muitas gerações de cavalos domésticos devem ter se sucedido desde que o cavalo selvagem foi exposto aos ataques desses felinos. Entretanto esses cavalos que, depois de numerosas gerações, nasceram nas estrebarias, reconhecem ainda o odor desses terríveis predadores de seus longínquos ancestrais.

Como explicar o medo desses animais? Se supusermos que haja um princípio intelectual no animal, que esse princípio está revestido de um perispírito no qual se armazenam os instintos, as sensações, e que a memória provém de um despertar desses instintos e dessas sensações, tudo se torna compreensível. As mesmas causas produzindo os mesmos efeitos, os animais domésticos são os mesmos seres que viviam antigamente no estado selvagem, e o odor das feras desperta em seu envelope fluídico as lembranças que se relacionam ao sofrimento e à morte, sob os dentes dos carneiros; daí seu pavor.

O Espiritismo demonstra a existência do perispírito, mostrando que este órgão reproduz fluidicamente a forma corporal dos animais, que é estável em meio ao fluxo perpetuo das

moléculas vivas, resultando que é nele que se incorporam os instintos. Como é imutável a despeito das mudanças incessantes das quais o homem é o palco, ele contém, por assim dizer, o estatuto das leis que dirigem a evolução do ser. Na morte, não se dissolve, constitui a individualidade do princípio inteligente e registra cada modificação que as numerosas e sucessivas existências nele determinam, de modo que após haver percorrido toda a série, ele se torna apto a conduzir, a dirigir, mesmo sem conhecimento do espírito, organismos mais complicados. Há neste automatismo qualquer coisa de análogo ao que se nota quando um pianista treinado decifra, à primeira vista, uma partitura nova; como tem flexibilizado por um longo exercício o mecanismo do cérebro, do braço e dos dedos, aos movimentos mais diversos de sua vontade, não tem mais que se preocupar com essas dificuldades materiais, que são intranponíveis para o iniciante; tem apenas que ler a partitura, e seus órgãos obedecem automaticamente ao seu espírito. Mas quanta pena e trabalho antes de chegar a este resultado! Esta maneira de encarar a utilidade indispensável do perispírito se tornará ainda mais clara, à medida que compreendermos melhor a natureza das ações tão complexas que têm por resultado a vida física e intelectual dos animais e do homem.

O instinto é a forma mais inferior sob a qual a alma se manifesta. O animal tem uma tendência de reagir contra o meio exterior, e a sensação determina nele emoções de prazer ou de dor; quando procura uns e foge de outros, ele cumpre atos instintivos que se traduzem por ações reflexas das quais pode ter consciência, sem poder, com frequência, impedi-las, mas que são admiravelmente adaptadas à sua existência. Assim uma lebre foge ao mínimo ruído que se produz, seu movimento de fuga é involuntário, inconsciente, em parte reflexo, e em parte instintivo, mas esse movimento está adaptado à vida do animal: ele tem por objetivo sua conservação.

Nós pensamos que esses instintos são o resultado de atos realizados um grande número de vezes nas vidas anteriores da alma do animal e que se acham incrustados no perispírito desta mesma alma encarnada em um novo corpo. As sensações nervosas que o animal sente repercutem no perispírito. Uma repetição freqüente da mesma sensação dará nascimento ao instinto.

Tomemos a medusa como exemplo. Esses animais não se dirigem nunca para a terra senão quando o vento para aí as empurra, dir-se-ia que elas sentem os perigos que as esperam. A despeito das precauções tomadas pelas medusas elas, entretanto, encalham em quantidade e não tardam a se dessecarem. Seu temor pelo calor é então absolutamente justificado e basta para lhe criar um instinto, porque a medusa que tiver assim perecido um grande número de vezes, terminará por se afastar instintivamente, nas encarnações seguintes, dessas margens tão funestas para ela.

A luta pela vida, os esforços perpétuos dos seres reagindo contra as influências destrutivas, para se adaptarem ao seu meio, para lutar contra as espécies inimigas, fizeram evoluir os instintos em *inteligência*. Inteligência que foi primeiramente confundida com o instinto, mas que se diferenciou, com o tempo e a experiência, até o desabrochar do pensamento e da consciência de si mesmo, de seus atos e de suas conseqüências.

Os tesouros do intelecto se tornam claros, lentamente, através a obscura carapaça dos apetites. O egoísmo, o pensamento do eu, nascido pela lei de conservação que tem sido tão longamente sua única soberana, vê diminuir lentamente sua onipotência, porque já no reino animal, a maternidade implantou na alma o sentimento de amor, sob suas formas mais humildes e rudimentares. Mas esses pálidos clarões, que rompem com dificuldade o sonho animal, irão crescendo de intensidade e irradiarão à medida que a transformação se produza e, nas almas superiores, serão a luz cintilante, o farol que nos dirigirá nas trevas da ignorância.

A lei do progresso não se aplica somente ao homem. Ela é universal. Em todos os reinos da natureza existe uma evolução. Desde a célula verde, desde o impreciso embrião flutuante sobre as águas, através de sucessões variadas, a cadeia das espécies se desenvolveu até nós.

Sobre esta cadeia, cada anel representa uma forma de existência que conduz a uma forma superior, a um organismo mais rico, melhor adaptado às necessidades, às manifestações grandiosas da vida. Mas sobre a escala da evolução, o pensamento, a consciência, a liberdade não aparecem senão após muitos degraus. Na planta, a inteligência dorme; no animal, ela sonha; somente no homem se desperta, se conhece, se possui e se torna consciente. Desde então, o progresso, fatal em qualquer modo nas formas inferiores da natureza, não pode mais se realizar senão pela conformação da vontade humana com as leis eternas.

PARA SABER MAIS:

- » **O Livro dos Espíritos** de Allan Kardec (2ª parte, cap. I, *O mundo dos Espíritos*)
- » **O Livro dos Espíritos** de Allan Kardec (2ª parte, cap. XI, *Os três reinos*)
- » **Depois da morte** de Léon Denis (3ª parte, cap. XXIII, *A Evolução anímica e perispiritual*)
- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** de Léon Denis (1ª parte, cap. IX, *Evolução t finalidade da alma*)
- » **A Evolução anímica** de Gabriel Delanne (cap. II, *A alma animal*)
- » **A Evolução anímica** de Gabriel Delanne (cap. III, *Como o perispírito pode adquirir as propriedades funcionais*)
- » **A Reencarnação** de Gabriel Delanne (cap. III, *a evolução animal*)
- » **O ser subconsciente** do Dr Gustave Geley (2ª parte, cap. I, *A evolução da alma*)
- » **O ser subconsciente** do Dr Gustave Geley (2ª parte, cap. II, *Induções metafísicas*)
- » **Do inconsciente ao consciente** do Dr Gustave Geley.
- » **Espiritualismo versus a luz** de Louis Serré (cap. I, *A vida na matéria*).

Função e necessidade do sofrimento

O sofrimento é um fenômeno de tal amplitude e gravidade que é extremamente delicado abordá-lo, tanto por aqueles que não experimentando alguma sensação de sofrimento o recebem e assim o descartam, quanto por aqueles que vitimados pela dor, têm como único desejo obter um apaziguamento.

A dor física é, mais freqüentemente, um aviso da natureza que procura nos preservar dos excessos. Sem ela abusaríamos de nossos órgãos a ponto de os destruir antes da hora. Quando um mal perigoso penetra em nós que ocorreria se não lhe sentíssemos logo os efeitos desagradáveis? Ele avançaria pouco a pouco, nos invadindo e exauriria em nós as fontes da vida.

E mesmo quando, persistindo em desconhecer os avisos repetidos da natureza, deixamos a doença se desenvolver em nós, ela pode ser ainda um benefício se, causada por nossos abusos e vícios, nos ensinar a detestá-los e a nos corrigirmos. É preciso sofrer para se conhecer e para bem conhecer a vida. Epicteto dizia: “É uma falsa idéia pretender que a saúde é um bem e a doença um mal. Usar bem a saúde é um bem; e usar mal é um mal. Usar bem a doença é um bem; e usar mal é um mal. Tira-se o bem de tudo, mesmo da morte”.

A dor, sob suas múltiplas formas, é o remédio supremo para as imperfeições e as enfermidades da alma. Sem ela nenhuma cura seria possível. Da mesma forma que as doenças orgânicas são com frequência o resultado de nossos excessos, as experiências morais que nos atingem são resultantes de nossas faltas passadas. Cedo ou tarde, essas faltas recaem sobre nós com suas conseqüências lógicas. É a lei da justiça e do equilíbrio moral. Saibamos aceitar os efeitos como aceitamos os remédios amargos e as operações dolorosas que devem restituir a saúde e a agilidade ao nosso corpo. Ainda mesmo que o desgosto, as humilhações e a ruína nos oprimam, suportemo-las com paciência. O trabalhador dilacera o seio da terra para fazer brotar a colheita dourada. Assim, de nossa alma dilacerada surgirá uma abundante colheita moral. Então, não é por vingança que a lei nos atinge, mas porque é bom e proveitoso sofrer.

O primeiro movimento do homem infeliz é se revoltar sob os golpes da sorte. Mas, mais tarde, quando o espírito já escalou os declives e contempla o áspero caminho percorrido, o desfilar de suas existências, é com um enternecimento alegre que recordará as provas e tribulações com ajuda das quais pode galgar os mais altos cumes.

Se nas horas de provação soubermos observar o trabalho interior, a ação misteriosa da dor em nós, em nosso eu, em nossa consciência, compreenderemos melhor sua sublime obra de educação e de aperfeiçoamento. Veremos que ela atinge sempre o ponto sensível. A mão que dirige o cinzel é a de um artista incomparável; não deixa de agir até que os ângulos de nosso caráter estejam aparados, polidos e gastos. Para isso, ela volta à carga tantas vezes quantas sejam necessárias. E por seus golpes repetidos, a arrogância e a personalidade excessiva de alguns deverão cair; a fraqueza, a apatia e a indiferença deverão desaparecer de outros; a dureza, a cólera e o furor de outros ainda. Para todos haverá diferentes procedimentos, variados ao infinito, conforme os indivíduos, mas em todos agirá com eficácia, de maneira a fazer nascer ou desenvolver a sensibilidade, a delicadeza, a bondade, a ternura e a fazer sair das dilacerações e das lágrimas qualquer qualidade desconhecida que dormia silenciosa no fundo do ser, ou aquela nobreza nova, adorno da alma, adquirida espontaneamente.

E quanto mais sobe, engrandece e se faz bela, mais a dor se espiritualiza e se torna sutil. Aos malvados são precisas provas numerosas, como a árvore precisa de muitas flores para produzir algum fruto. Mas quanto mais o ser humano se aperfeiçoa, mais os frutos da dor se tornam admiráveis nele. Às almas impolidas, mal desbastadas, incumbem os sofrimentos físicos e as dores violentas; aos egoístas e aos avaros caberão as perdas de fortuna, as negras inquietudes e os tormentos do espírito. Depois aos seres delicados, às mães, aos amantes e às esposas, as torturas escondidas e as mágoas do coração. Aos nobres pensadores e aos inspirados, a dor sutil e profunda que faz brotar o gemido sublime, o clarão do gênio!

Por muito tempo ainda, a humanidade terrestre, ignorante das leis superiores e inconsciente do porvir e do dever, terá necessidade da dor, para estimulá-la na sua vida e para transformar o que predomina nela, os instintos primitivos e grosseiros em sentimentos puros e generosos. Por muito tempo o homem deverá passar pela iniciação amarga para chegar ao conhecimento de si mesmo e de seu objetivo. Ele sonha presentemente apenas em aplicar suas faculdades e sua energia em combater o sofrimento sobre o plano físico, em aumentar o bem-estar e a riqueza e em tornar mais agradáveis as condições da vida material. Mas isso será em vão. Os sofrimentos poderão variar, se deslocar, mudar de aspecto, mas a dor persistirá enquanto o egoísmo e o interesse regerem as sociedades terrestres, o pensamento se esquivar das coisas profundas e enquanto a flor da alma não tiver desabrochado.

Todas as doutrinas econômicas e sociais serão impotentes para reformar o mundo e para aliviar os males da Humanidade, porque sua base é muito estreita e porque colocaram na vida presente unicamente a razão de existir, o objetivo de viver e de todos os nossos esforços. Para extinguir o mal social é preciso elevar a alma humana à consciência de sua função, fazê-la

compreender que sua sorte depende somente dela, e que sua felicidade será sempre proporcional à extensão de seus triunfos sobre si mesma e de seu desenvolvimento em direção aos outros.

Deve-se colocar um termo às provas de seu próximo quando se o pode, ou é preciso, por respeito aos desígnios de Deus, deixá-los seguir seu curso?

Nós temos dito e repetido bastante freqüentemente que vocês estão sobre esta terra de expiação para terminar suas provas, e que tudo o que lhes chega é uma conseqüência de suas existências anteriores, o juro da dívida que vocês têm de pagar. Mas este pensamento provoca entre certas pessoas reflexões que é necessário impedir, porque poderiam ter conseqüências funestas.

Qualquer um pensa que desde o momento que se está sobre a terra para expiar, é preciso que as provas tenham seu curso. Alguns mesmo chegam até a acreditar que, não é preciso apenas nada fazer para as atenuar, mas que, ao contrário, deve-se contribuir para torná-las mais proveitosas fazendo-as mais vivas. É um grande erro. Sim, suas provas devem seguir o curso que Deus lhe traçou, mas vocês conhecem esse curso? Sabem até que ponto elas devem ir, e se seu Pai misericordioso não disse ao sofrimento de tal ou qual de seus irmãos: “Você não irá mais longe”? Sabem se a providência não os escolheu, não como um instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo de consolação que deve cicatrizar as chagas que sua justiça tinha aberto? Não digam então, quando virem um de seus irmãos aflito: É a justiça de Deus, é preciso que ela tenha seu curso; mas digam, ao contrário: Vejamos que meios nosso Pai misericordioso colocou em meu poder para suavizar o sofrimento de meu irmão. Vejamos se minhas consolações morais, meu apoio material, meus conselhos, não poderão ajudá-lo a transpor esta prova com mais força, paciência e resignação. Vejamos mesmo se Deus não colocou em minhas mãos o meio de fazer cessar esse sofrimento; se não me foi dado, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz.

Ajudem-se então sempre nas suas provas respectivas, e não se considerem jamais como instrumentos de tortura; este pensamento deve revoltar todo homem de coração, todo espírita sobretudo; porque o espírita, melhor que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. O espírita deve pensar que sua vida inteira deve ser um ato de amor e de devotamento; que o quer que se possa fazer para contrariar as decisões do Senhor, sua justiça seguirá seu curso. Ele pode então, sem medo, fazer todos seus esforços para adoçar a amargura da expiação, mas é Deus somente quem poderá detê-la ou prolongá-la conforme seu julgamento a respeito.

Não seria um grande orgulho da parte do homem, se acreditar no direito de revolver, por assim dizer, a arma na ferida? De aumentar a dose de veneno no peito daquele que sofre, sob pretexto de que tal é sua expiação? Oh! considerem-se sempre como um instrumento escolhido para cessar o sofrimento. Resumamo-nos aqui: vocês estão todos sobre a Terra para expiar; mas todos, sem exceção, devem fazer todos os esforços para suavizar a expiação de seus irmãos, segundo a lei de amor e de caridade.

PARA SABER MAIS:

- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** de Léon Denis (3ª parte, cap. XXVI, A dor)
- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** de Léon Denis (3ª parte, cap. XXVII, *Revelação pela dor*)
- » **O Evangelho segundo o Espiritismo** de Allan Kardec (cap. V, *Bem-aventurados os aflitos*)

- » **Depois da morte** de Léon Denis (5ª parte, cap. L, *Resignação na adversidade*)
- » **O Espiritismo, que sabemos?** de USFF (cap. XXVI, *A quem corresponde o sofrimento*)
- » **Espiritualismo versus a luz** de Louis Serré (cap. VI, *O mal, o bem, o sofrimento*)

O bem e o mal

Os males de toda sorte, físicos ou morais, que afligem a humanidade se apresentam em duas categorias que importa distinguir: são os males que o homem pode evitar e os que são independentes de sua vontade. Entre esses últimos é preciso colocar os flagelos naturais.

O homem recebeu como dote uma inteligência com a ajuda da qual pode afastar, ou pelo menos atenuar grandemente os efeitos de todos os flagelos naturais; quanto mais adquire saber e avança em civilização, menos esses flagelos são desastrosos; com uma organização social sabiamente previdente, poderá mesmo neutralizar as conseqüências, ainda que não possam ser evitadas inteiramente. Assim mesmo esses flagelos que terão sua utilidade na ordem geral da natureza no futuro, mas que também afligem no presente, Deus deu ao homem meios de paralisar seus efeitos, pelas faculdades das quais tem sido dotado seu Espírito.

Devendo o homem progredir, os males aos quais está exposto são um estimulante para o exercício de sua inteligência, de todas suas faculdades físicas e morais, incitando-o à busca dos meios de se sustentar. Se não tivesse nada a temer, nenhuma necessidade, não iria à procura do melhor; seu espírito se embotaria na inatividade; não inventaria nada e não descobriria nada. *A dor é o aguilhão que impulsiona o homem para adiante na via do progresso.*

Mas os males mais numerosos são aqueles que o homem cria por seus próprios vícios, aqueles que provém de seu orgulho, de seu egoísmo, de sua ambição, de sua cupidez e de seus excessos em todas as coisas: aí está a causa das guerras e das calamidades que acarretam, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte e enfim da maior parte das doenças.

Deus estabeleceu leis plenas de sabedoria que não têm por objetivo senão o bem; o homem encontra nele mesmo tudo o que precisa para as seguir; seu caminho está traçado por sua consciência; a lei divina está gravada no seu coração; e, além disso, Deus o faz recordá-la sem cessar, por seus messias e profetas, por todos os Espíritos encarnados que têm recebido a missão de o esclarecer, moralizar e melhorar e, nesses últimos tempos, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam de todas as partes. *Se o homem se conformasse rigorosamente às leis divinas, não há dúvida que evitaria os males mais pungentes e que viveria feliz sobre a Terra. Se não o faz, é em virtude de seu livre arbítrio, e disso sofre as conseqüências.*

Mas Deus, pleno de bondade, colocou o remédio ao lado do mal, isto quer dizer que mesmo do mal ele faz sair o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral se torna intolerável e faz ao homem sentir a necessidade de mudar de vida; instruído pela experiência, é impulsionado a procurar um remédio no bem, sempre por efeito de seu livre arbítrio; quando entra em um caminho melhor, é por sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro caminho. A necessidade o constringe então a se melhorar moralmente visando ser mais feliz, da mesma forma como esta mesma necessidade o tem constringido a melhorar as condições materiais de sua existência.

Pode-se dizer que o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. O mal não é um atributo distinto tanto quanto o frio não é um fluido especial; um é o negativo do

outro. Aí onde o bem não existe, existe forçosamente o mal; não fazer o mal já é o começo do bem. Deus não quer senão o bem; apenas do homem vem o mal. Se houvesse, na criação, um ser predisposto ao mal, ninguém o poderia evitar; mas sendo o homem ELE MESMO a causa do mal, e tendo ao mesmo tempo seu livre arbítrio e por guia as leis divinas, ele o evitará quando quiser.

Se estudarmos todas as paixões, e mesmo todos os vícios, vemos que eles têm seu princípio no instinto de conservação. Este instinto existe em toda sua força nos animais e nos seres primitivos que se aproximam mais da animalidade; aí domina sozinho, porque, entre eles, não há ainda por contrapeso o senso moral; o ser ainda não nasceu para a vida intelectual. O instinto se enfraquece, ao contrário, à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria.

O destino do Espírito é a vida espiritual; mas nas primeiras fases de sua existência corporal, ele tem apenas as necessidades materiais a satisfazer, e para este fim o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, *materialmente falando*. Mas saído deste período, tem outras necessidades, necessidades de início semimorais e semimateriais, depois exclusivamente morais. É então que o Espírito domina a matéria; se conseguir sacudir o jugo, avança na sua via providencial e aproxima-se de seu destino final. Se, ao contrário, se deixa dominar por ela, retarda-se continuando assemelhado ao bruto. Nesta situação, *o que era outrora um bem, porque era uma necessidade de sua natureza, se torna um mal, não somente por não ser mais uma necessidade, mas porque se torna nocivo à espiritualização do ser*. O que é qualidade entre as crianças, se torna defeito entre os adultos. O mal é assim relativo, e a responsabilidade é proporcional ao grau de adiantamento.

Todas as paixões têm, então, sua utilidade providencial. É o abuso que constitui o mal, e o homem abusa em virtude de seu livre arbítrio. Mais tarde, esclarecido por seu próprio interesse, livremente escolhe entre o bem e o mal.

VALE A PENA ANOTAR:

- O mal não tem existência própria. Ele é o estado de inferioridade e de ignorância do ser em via de evolução.

PARA SABER MAIS:

- » **O Problema do Ser, do Destino e da Dor** de Léon Denis (2ª parte, cap. XVIII, *O problema do mal*)
- » **A Gênese, os milagres e as predições** de Allan Kardec (cap. III, *O bem e o mal*)
- » **O ser subconsciente** do Dr Gustave Geley (2ª parte, cap. I, *Explicação do mal*)

PARTE 10

O Perispírito

O corpo físico, a alma e o perispírito
Provas da existência do perispírito
Os fluidos e o magnetismo



“Da mesma forma que há um corpo animal, há um corpo espiritual”.

São Paulo. (Carta aos Coríntios)

O corpo físico, a alma e o perispírito

Na sua negação da existência da alma, os materialistas têm freqüentemente argüido da dificuldade de conceber um ser privado de forma. Os próprios espiritualistas não explicavam como a alma, imaterial e imponderável, podia se unir estreitamente e comandar o corpo material, de natureza essencialmente diferente. Essas dificuldades têm encontrado sua solução nas experiências do Espiritismo.

Os fenômenos espíritas têm demonstrado que a alma é imortal, quer dizer que, quando o corpo que ela habita durante sua passagem sobre a Terra estiver destruído, ela não será atingida por essa mudança, conservará sua individualidade e poderá ainda manifestar sua presença por intervenções físicas. Aqui se apresenta uma dificuldade. Como compreender a ação da alma sobre o corpo?

Segundo a filosofia e os Espíritos, a alma é imaterial, dito de outra forma, ela não tem nenhum ponto de contato com a matéria que conhecemos. Não se pode conceber que a alma tenha propriedades análogas à dos corpos da natureza, pois o pensamento, que dela é a imagem, a emanção, escapa a toda medida, a toda análise física ou química. Mas é preciso tomar a palavra imaterial em seu sentido absoluto? Não, porque a imaterialidade verdadeira seria o nada; mas esta alma constitui um ser cuja existência é tal que nada aqui em baixo poderia dela nos dar uma idéia. A palavra *imaterial* significa que nenhum estado da matéria, tal como nós a conhecemos, pode nos fazer compreender o estado da alma.

Nós constatamos no homem a aliança desses dois elementos: o corpo e a alma. Eles estão unidos de maneira íntima e reagem um sobre o outro, assim o demonstra o testemunho dos sentidos e da consciência. Depois do que dissemos sobre a alma, parece que há uma contradição, mas ela é mais aparente do que real, porque o homem não é formado somente do corpo e da alma, mas ainda de um terceiro princípio intermediário entre um e outro chamado *perispírito*, isto é o envelope do espírito.

A necessidade desse mediador vai ser compreendida em seguida ao se colocar em paralelo a espiritualidade da alma e a materialidade do corpo.

A alma é imaterial porque os fenômenos produzidos por ela não podem se comparar a nenhuma propriedade da matéria. O pensamento, a imaginação, a memória não têm nem forma, nem cor, nem duração, nem maleabilidade; essas produções do espírito não estão restritas a nenhuma lei que rege o mundo físico, elas são puramente espirituais e não podem ser medidas, nem pesadas. A alma escapa, por sua natureza, à destruição pois ela se manifesta em toda sua plenitude após a desagregação do corpo, então a alma é imaterial e imortal.

O corpo é este envelope do princípio pensante, que vemos nascer, crescer e morrer. Os elementos que o compõem são tirados da matéria que forma nosso globo. Após terem permanecido durante um certo tempo no organismo, são substituídos por outros. Essas operações se renovam até à morte do indivíduo; então os átomos que compunham em último lugar o corpo humano são tomados pela circulação da vida e entram em outras combinações, em virtude desta grande lei de que nada se cria e nada se perde na natureza.

O corpo e a alma são então essencialmente distintos: um notável por suas transformações incessantes, o outro pela imutabilidade de sua essência. Eles apresentam qualidades radicalmente opostas, e entretanto constatamos que vivem em uma harmonia perfeita e exercem influências recíprocas. O ódio, a cólera, a piedade e o amor se refletem sobre o rosto e imprimem um caráter particular à fisionomia. Nas emoções violentas, é todo o organismo que está perturbado; uma alegria súbita ou uma dor imprevista podem determinar abalos tais que a

morte se segue. A imaginação age também sobre o físico com uma grande violência: é o que demonstram as obras da medicina que tratam desta questão, de sorte que se de uma parte esses efeitos estão bem constatados, de outra parte, a alma sendo imaterial, o problema de sua ação mútua permanece insolúvel para os filósofos.

De numerosas observações feitas no mundo inteiro, resulta que o homem é formado pela reunião de três princípios:

- 1° - a alma ou espírito, causa da vida psíquica;
- 2° - o corpo, envelope material à qual a alma está temporariamente associada durante sua passagem sobre a Terra;
- 3° - o perispírito, substrato fluídico servindo de ligação entre a alma e o corpo, para a intermediação da energia vital. É do estudo deste órgão que resultam os conhecimentos novos que nos permitem explicar as relações da alma e do corpo; a idéia diretriz que preside à formação de todo indivíduo vivente; a conservação do tipo individual e, malgrado as mudanças perpétuas, a conservação específica da matéria; enfim o mecanismo tão complicado da máquina vivente.

A morte é a desagregação do envelope carnal, daquele que a alma abandona ao deixar a Terra; o perispírito segue a alma à qual está sempre ligado. Ele é formado por matéria em um estado de rarefação extrema. Esse corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, existe assim durante a vida terrestre. É o intermediário pelo qual passam as sensações físicas percebidas pelo eu, e é por este intermediário que o espírito pode comunicar ao exterior seu estado mental.

Tem sido mencionado que o espírito é uma chama, uma centelha, etc., isso deve ser entendido em relação ao espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, ao qual não se poderia atribuir uma forma determinada; em qualquer grau que se encontre, na animalidade ou na humanidade, ele está sempre intimamente associado ao perispírito, cuja eterização está na proporção de seu adiantamento moral. De sorte que, para nós, a idéia do espírito é inseparável da idéia de uma forma qualquer, e não concebemos um sem o outro. "O perispírito faz então parte integrante do espírito, como o corpo faz parte integrante do homem mas o perispírito sozinho não é o espírito do mesmo modo que o corpo sozinho não é o homem, porque o perispírito não pensa e age por si só, ele é para o espírito o que o corpo é para o homem: o agente ou o instrumento de sua ação".

A alma durante a vida corporal, como após a morte, está constantemente revestida de um envelope fluídico, mais ou menos sutil ou etéreo: o *perispírito*, ou corpo espiritual. O perispírito serve de laço entre o corpo e a alma; transmite àquela as impressões dos sentidos e comunica ao corpo as vontades do espírito. No momento da morte, se destaca da matéria tangível, abandona o corpo à decomposição da tumba, mas, inseparável da alma, hospeda a forma exterior de sua personalidade.

O perispírito é então um organismo fluídico; é a forma preexistente e sobrevivente do ser humano, o *substrato* sobre o qual é modelado o envelope carnal, como uma vestimenta invisível, formada de uma matéria quintessenciada, que penetra todo o corpo, por mais impenetrável que ele nos pareça.

A matéria grosseira, incessantemente renovada pela circulação vital, não é a parte estável e permanente do homem. É o perispírito quem assegura a manutenção da estrutura humana e dos traços da fisionomia, e isso em todas as épocas da vida, do nascimento à morte. Ele exerce assim a função de um molde compressível e expansível, sobre o qual a matéria terrestre se incorpora.

O corpo fluídico não é entretanto imutável; ele se depura e enobrece com a alma; segue-a através suas encarnações sem conta, sobe com ela os degraus da escala hierárquica, tornando-se mais e mais diáfano e brilhante, para resplandecer um dia com esta luz deslumbrante de que falam as Bíblias antigas e as testemunhas da história relativamente a certas aparições.

A elevação dos sentimentos, a pureza da vida, os impulsos para o bem e o ideal, as provas e os sofrimentos pacientemente suportados, afinam cada vez mais o perispírito, estendendo e multiplicando as vibrações. Como uma ação química, eles consomem as partículas grosseiras e não deixam subsistir senão as mais sutis.

VALE A PENA ANOTAR:

- O Ser encarnado é composto de três elementos: o corpo físico, a alma e o perispírito (chamado também de corpo espiritual).
- Os Espíritos não são imateriais, eles são compostos de uma alma e do mesmo perispírito que os seres viventes, que é *semimaterial*.

PARA SABER MAIS:

- » **A alma é imortal** de Gabriel Delanne (3ª parte, cap. I, *Estudo do perispírito*)
- » **O Espiritismo diante da ciência** de Gabriel Delanne (4ª parte, cap. I, *Que é o perispírito?*)
- » **O Espiritismo diante da ciência** de Gabriel Delanne (4ª parte, cap. III, *O perispírito - sua composição*)
- » **O Livro dos Espíritos** de Allan Kardec (Livro II, cap. I, *perispírito*)
- » **A Reencarnação** de Gabriel Delanne (cap. II, *As propriedades do perispírito*)
- » **Depois da morte** de Léon Denis (3ª parte, cap. XXI, *O perispírito ou corpo fluídico*)
- » **Revista Espírita 1861** pág. 148 (*Evocação do Dr Glas*)

Provas da existência do perispírito

Eis aqui vários exemplos:

A vidente de Prevorst.

Na Alemanha, bem antes da moda das Mesas Girantes e da codificação espírita, Mme Friedrike Hauffe (1801-1829), conhecida sob o apelido de "vidente de Prevorst " era capaz de ver os Espíritos. Gravemente doente, ela foi seguida pelo Dr Kerner que escreveu sua biografia. Este fez várias averiguações para se assegurar da realidade desses espíritos, perceptíveis somente para a vidente.

Pode-se citar os fatos seguintes:

- Um fantasma de mulher, levando em seus braços uma criança, se mostra à Mme Hauffe várias vezes. Como isso ocorria mais freqüentemente na sua cozinha, ela mandou levantar algumas lajes e encontrou-se, à uma profundidade bastante grande, o cadáver de uma criança.

- Em Weinsperg, a alma de um guarda-livros, que havia cometido algumas infidelidades durante sua vida, veio rogar, em sobrecasaca negra surrada, que dissesse à sua viúva para procurar os livros escondidos nos quais se encontravam suas falsas escrituras e indicou o lugar onde estavam e que os denunciasse à justiça. Ela obedeceu. Com a ajuda desses livros, todas as injustiças do morto foram reparadas.
- Em Lenach, foi a alma de um burgomestre chamado Bellon, morto em 1740, na idade de setenta e nove anos, que veio lhe pedir conselhos para escapar à perseguição de dois órfãos. Ela lhe deu seus conselhos, e após seis meses a alma não voltou mais. Encontra-se esta morte mencionada nos registros da paróquia de Lenach, com uma nota dizendo que o burgomestre havia feito injustiça à várias crianças das quais ele era tutor.

Evocação do Dr Glas (*Revista Espírita*, ano 1861, página 148)

As perguntas são feitas por Allan Kardec, as respostas são dadas por um médium escrevente.

P. - Fazeis uma distinção entre o vosso espírito e o vosso perispírito, e qual diferença estabelecéis entre essas duas coisas?

R. - Penso, logo existo e tenho uma alma como disse um filósofo: não sei mais do que ele sobre esse ponto. Quanto ao perispírito, é uma forma, como o sabeis, fluídica e natural; mas procurar a alma, é querer procurar o absoluto espiritual.

P. - Credes que a faculdade de pensar reside no perispírito; em uma palavra, que a alma e o perispírito sejam uma só e a mesma coisa?

R. - É absolutamente como se me perguntásseis se o pensamento reside em vosso corpo; um se vê, o outro se sente e se concebe.

P. - Vós sois assim não um ser vago e indefinido, mas um ser limitado e circunscrito?

R. - Limitado, sim, mas rápido como o pensamento.

P. - Quereis precisar o lugar onde estais aqui?

R. - A vossa esquerda e à direita do médium.

Nota - O Sr. Allan Kardec se muda para o mesmo lugar indicado pelo espírito.

P. - Fostes obrigado a deixar o vosso lugar para me o ceder?

R. - De nenhum modo; nós passamos através de tudo, como tudo passa através de nós, assim é o corpo espiritual.

P. - Estou, então, situado em vós? R. - Sim.

P. - Porque é então que não vos sinto?

R. - Porque os fluidos que compõem o perispírito são muito etéreos, nada bastante material para vós; mas pela prece, pela vontade, pela fé em uma palavra, os fluidos podem se tornar mais ponderáveis, mais materiais, e afetar mesmo o toque, o que ocorre nas manifestações físicas.

Nota - Suponhamos um raio luminoso penetrando num lugar escuro; pode-se atravessá-lo, mergulhar nele, sem alterar-lhe a forma nem a natureza; ainda que esse raio seja uma espécie de matéria, ela é tão rarefeita que não faz nenhum obstáculo à passagem da matéria mais compacta.

Era evidente que a melhor maneira de saber se os Espíritos têm um corpo era perguntando-lhes diretamente. Ora jamais, depois que se os evoca, constatou-se que os desencarnados

tenham dado uma resposta negativa. Todos afirmam que seu envelope perispiritual tem tanta realidade para eles quanto nosso corpo físico tem para nós. É então um ponto estabelecido pelo testemunho unânime de todos aqueles que têm sido interrogados. Isto explica e confirma as visões dos sonâmbulos e dos médiuns. Chegamos à esta ordem de testemunho que fazem o perispírito sair completamente das concepções puramente filosóficas, para lhe dar uma existência positiva.

Goethe

Wolfgang Von Goethe passeava numa noite de verão chuvosa com seu amigo K... regressando com ele do Belvédère em Weimar. De súbito o poeta se detém, como diante de uma aparição, e ia falar: “- K..., não se duvida de nada...”

Subitamente Goethe exclama:

- Meu Deus! se não estivesse certo que meu amigo Frédéric está nesse momento em Frankfurt, eu juraria, que é ele!...

Em seguida, arrebenta em uma formidável explosão de riso:

- Mas é bem ele... meu amigo Frédéric!... Tu, aqui em Weimar?... Mas em nome de Deus, meu caro, como fizeste... vestido com meu roupão... com meu gorro... com meus chinelos nos pés... aqui na avenida?...

K..., como já vinha lhe dizendo, não via absolutamente nada de tudo aquilo, e se espanta, crendo o poeta atingido subitamente de loucura. Mas Goethe ocupado somente com sua visão exclama estendendo os braços:

- Frédéric! onde tens estado... grande Deus? Meu caro K... não notou, como tem passado a pessoa que acabamos de reencontrar?

K... estupefato, não respondia nada. Então o poeta girando a cabeça de todos os lados, exclama, com ar pensativo:

- Sim! Compreendo... é uma visão... entretanto, qual pode ser o significado de tudo isso?... Meu amigo teria morrido subitamente?... Seria esse então seu espírito?..."

Lá embaixo, Goethe entra em seu lar, e encontra Frédéric na casa... Seus cabelos ficam em pé:

- Para trás, fantasma! – exclama ele recuando, pálido como um morto.

- Mas, meu caro, é esta a acolhida que fazes a teu mais fiel amigo?...

- Ah! desta vez, – exclama o poeta rindo e chorando ao mesmo tempo –, não é um espírito, é um ser "de carne e ossos."

...e os dois amigos se abraçam com efusão.

Frédéric tinha chegado ao lar de Goethe ensopado pela chuva e vestido as roupas secas do poeta; em seguida, dormido no seu sofá e sonhado que ia ao reencontro de Goethe, e que este o havia interpelado com essas palavras: “- Tu aqui em Weimar?... que... com meu roupão... meu gorro... e meus chinelos, na avenida?...”

Desde esse dia o grande poeta acreditou em uma vida após a vida terrestre.

Desdobramento do corpo

A *História geral da Igreja*, por Y., o barão Henrion (Paris, 1851, tomo II, pág. 272) (1) relata assim o fato *miraculoso* a seguir, após a chegada de Alphonse de Liguori:

Na manhã de 21 de Setembro de 1774, após haver dito a missa, Alphonse jogou-se no seu sofá; estava abatido e taciturno e sem fazer o mínimo movimento, sem articular uma só palavra de prece, nem dirigir nunca a palavra a ninguém, permaneceu neste estado todo o dia e toda a noite seguintes; durante esse tempo não tomou nenhum alimento e via-se que não desejava nenhum serviço em torno de sua pessoa. As domésticas, que desde o início haviam percebido sua situação, mantinham-se na porta do quarto, mas não ousavam entrar.

Na manhã de 22, perceberam que Alphonse não havia mudado de atitude, e não sabiam mais o que pensar; receavam que pudesse ser outra coisa além de um êxtase prolongado. Entretanto, quando a hora estava um pouco mais avançada, Liguori agitou a sineta para anunciar que queria celebrar a santa missa.

A esse sinal, não somente a irmã secular encarregada de o servir no altar, mas todas as pessoas da casa, e outras estranhas, acorreram com desvelo. O prelado pergunta, com ar de surpresa, porque tanta gente. Respondem-lhe que há dois dias ele não falara nem dera nenhum sinal de vida". É verdade, replica, mas vocês não sabem que eu tinha ido assistir o papa que acabou de morrer".

Uma pessoa que havia entendido esta resposta, vai, nesse dia mesmo, levá-la a Sainte-Agatha; daí ela se espalhou logo até a Arienzo, onde residia Alphonse. Acreditou-se que isso não fosse mais que um sonho, mas não tardou a se ter a notícia da morte de Clemente XIV, que havia passado a uma outra vida em 22 de Setembro, precisamente às sete horas da manhã, no momento mesmo em que Liguori havia retomado seus sentidos.

Na história dos papas, Novais faz menção desse *milagre*, relatando a morte de Clemente XIV. Diz que o soberano Pontífice havia cessado de viver em 22 de Setembro de 1774, às sete horas da manhã (a terceira hora para os Italianos), assistido dos generais de Agostinho, dos Dominicanos, dos Observantinos e dos Conventuais, e, o que interessa ainda mais, assistido miraculosamente pelo bem-aventurado Alphonse de Liguori, conquanto que afastado do corpo; assim ressalta do processo jurídico do sobredito bem-aventurado, aprovado pela. Sagrada Congregação dos Ritos.

Pode-se citar casos análogos como o de Santo Antonio de Pádua, São Francisco-Xavier e, sobretudo, Maria de Agréda cujos desdobramentos se produziram durante vários anos.

PARA SABER MAIS:

- » **A alma é imortal** de Gabriel Delanne (1ª parte, cap. II, *Estudo da alma pelo magnetismo*)
- » **A alma é imortal** de Gabriel Delanne (1ª parte, cap. III, *Testemunhos dos médiuns e dos Espíritos em favor da existência do perispírito*)
- » **A alma é imortal** de Gabriel Delanne (1ª parte, cap. IV, *O desdobramento do ser humano*)
- » **A alma é imortal** de Gabriel Delanne (1ª parte, cap. V, *O corpo fluídico após a morte*)
- » **O Espiritismo diante da ciência** de Gabriel Delanne (4ª parte, cap. II, *Provas da existência do perispírito*)

Os fluidos e o magnetismo

Nós vimos que o ser humano se compõe de três elementos: o corpo físico, a alma, e o perispírito. A esses três elementos, é preciso juntar um quarto: o fluido vital. Todos os seres viventes são impregnados desse fluido vital. Alguns estão dele saturados, enquanto que em outros ele falta; a quantidade desse fluido se esgota e se renova pela absorção e a assimilação de substâncias orgânicas. Dessa forma, aquele que o possui em excesso pode doar a quem tem menos.

É esse fluido vital que, por combinação com o perispírito, permite à alma atuar sobre a matéria. O perispírito sozinho não é o suficiente para que ocorra esta atuação sobre a matéria. Então os Espíritos que estão desprovidos desse fluido vital não podem agir diretamente sobre a matéria e têm necessidade para isso de "médiuns", isto é de pessoas capazes de exteriorizar seu fluido vital para o colocar à disposição do Espírito - é o caso dos médiuns de efeitos físicos.

O fluido vital não é o mesmo em todos os indivíduos. Os pensamentos, bons ou maus, se imprimem no fluido vital que se torna assim mais ou menos grosseiro: ele é o reflexo da personalidade do indivíduo. O fluido vital é o agente que explica a repercussão da mente sobre o físico.

O fluido magnético é o mesmo que o fluido vital, mas ao qual foram dadas melhores qualidades pelos Espíritos. O fluido magnético desfaz e substitui os fluidos viciados. Ele tem assim uma repercussão "moral" sobre o corpo físico e nos permite reencontrar uma dupla saúde, a moral e a física.

O fluido vital dos indivíduos criam eflúvios luminosos, de cores diversas. Certos médiuns os vêem, mesmo em plena luz, escapando das mãos dos magnetizadores.

Esses eflúvios formam em torno de nós camadas concêntricas, que constituem uma espécie de atmosfera fluídica. É a *aura*.

VALE A PENA ANOTAR:

- O ser encarnado está impregnado de um fluido. É esse o fluido utilizado nos fenômenos mediúnicos e na ajuda espiritual.
- Esse fluido forma a aura.

PARA SABER MAIS:

- » **No Invisível** de Léon Denis (2ª parte, cap. XV, *A força psíquica; os fluidos; o magnetismo*)
- » **O Espiritismo diante da ciência** de Gabriel Delanne (2ª parte, cap. I, *O magnetismo e sua história*)
- » **A Gênese...** de Allan Kardec (cap. XIV, *Os fluidos*)
- » **Depois da morte** de Léon Denis (3ª parte, cap. XVII, *Os fluidos, o magnetismo*)
- » **O Espiritismo** n° 2 boletim do C.S.L. (p.7, *O magnetismo em 30 questões e respostas*)